FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 8 DE AGOSTO DE 1968 ANO 48.º — NÚMERO 16393

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
END. TEL. DIBOA — TELEX 1363 RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO - RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

NIXON CANDIDATO REPUBLICANO À PRESIDÊNCIA

MIAMI BEACH, — (R.) — O Partido Republicano escolheu, hoje, Richard Nixon como seu candidato à próxima eleição presidencial de Novembro, em que defrontará, segundo se julga, Hubert Humphrey, indicado como o favorito da Convenção do Partido Democrático que começa no próximo dia 26 em Chicago.

A vitória de Nixon sobre os seus rivais — Rockefeller e Reagan — surgiu logo no primeiro escrutínio como muitos observadores políticos previam. Foi a delegação do Wisconsin que deu a Nixon os votos necessários para atingir a maioria absoluta de 667 votos.

Nixon conseguiu 692 votos, ou seja, mais 25 do que era necessário. Ao terminar a votação, o candidato derrotado Ronald Reagan subiu á tribuna e propôs aos delegados um voto unânime a favor de Nixon. Uma trovoada de aplausos sancionou este pedido e a Convenção declarou-se, por unanimidade, a favor do candidato vencedor.

Nixon deverá anunciar ainda hoje qual o candidato que escolhe para a vice-presidência. O nome mais indicado nos meios da Convenção é o do senador Mark Hatfield, do Oregon.

No entanto, círculos bem informados dizem que o senador Howard Baker também poderá ser escolhido. Embora relativamente novo na política á escala nacional, Baker é genro do chefe republicano senador Everett Dirksen.

Antes de ser confirmada a sua nomeação como candidato á presidência, Nixon tinha declarado hoje que anunciaria, no sábado, se partirá ou não para Moscovo a fim de se avistar com os dirigentes soviéticos.

Nixon, falando numa conferência de Imprensa, na terça-feira, tinha dito existir a possibilidade de fazer uma visita a Moscovo mas salientou que ainda nada estava combinado ou decidido.

OPTIMISMO REPUBLICANO

Nixon declarou que a sua visita a Moscovo, no caso de se realizar, será antes da Convenção do Partido Democrático.

Entre os republicanos verifica-se grande optimismo quanto á vitória do seu Partido e a firme convicção de que Nixon poderá derrotar nas urnas o vice-presidente Humphrey. Os republicanos, que nos ultimos 35 anos só ocuparam a Casa Branca durante dois mandatos presidenciais, consideram que 1968 é o ano da sua oportunidade.

(Continua na 12.ª página)

Richard Nixon, candidato, pela segunda vez, do Partido Republicano à eleição presidencial de Novembro. Nixon defrontará, segundo tudo leva a crer, Hubert Humphrey, indicado como o favorito da Convenção do Partido Democrático a realizar em Chicago no dia 26 deste mês

INVASÃO DO VALE DE A SHAU PARA AFASTAR A AMEAÇA SOBRE A BASE DE DA NANG

SAIGÃO, 8 — (A. N. I.) — Quatro mil soldados aliados invadiram o vale de A Shau para afastarem a ameaça das forças adversárias sobre a base de Da Nang — anunciam hoje informadores militares.

De acordo com as informações do correspondente de guerra Raymond Wilkinson, as forças aliadas têm encontrado pouca resistência no vale, embora o inimigo tenha abatido dois helicópteros da Armada no domingo e danificado mais dois.

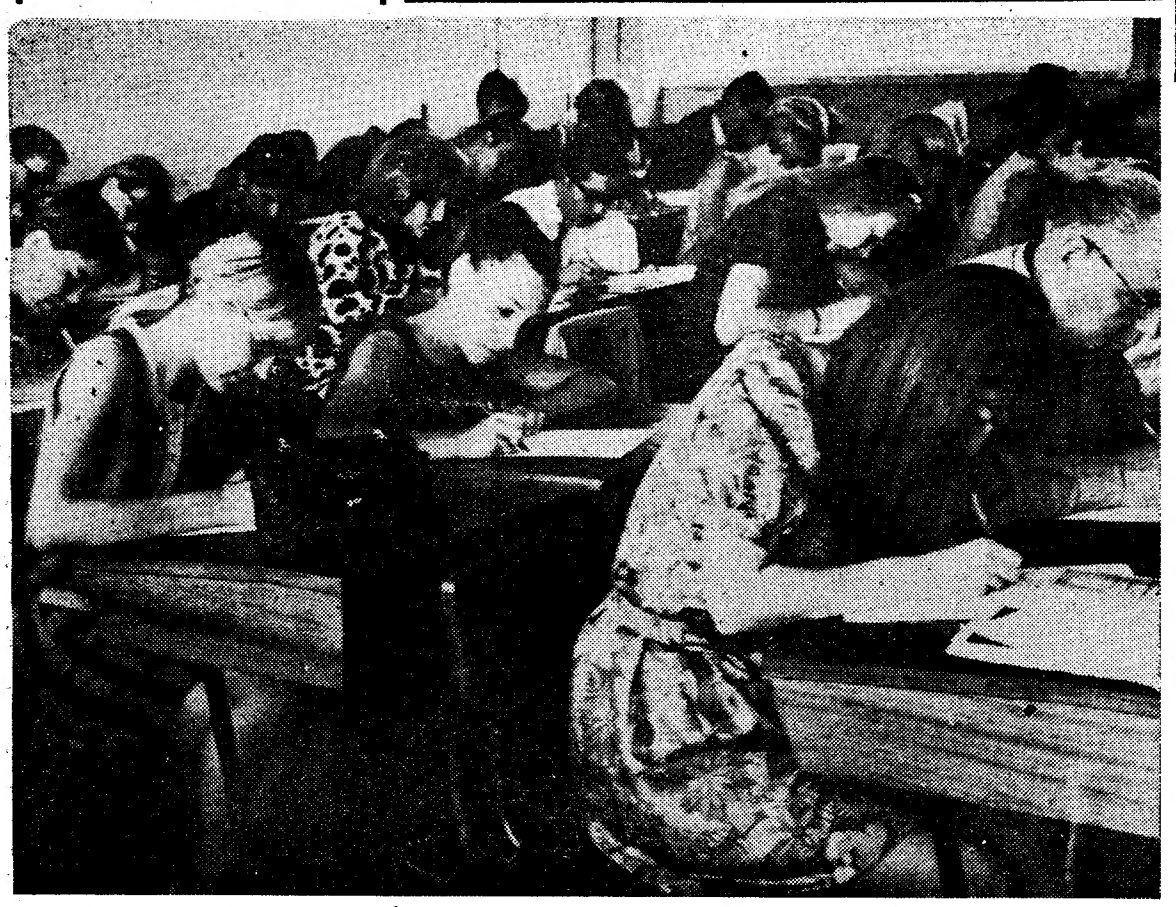
Nos quatro primeiros dias de luta — a operação, designada «Planície Somerset», que só hoje foi anunciada por medida de segurança — as forças adversárias tiveram 15 mortos e os norte-americanos seis mortos e 12 feridos.

O general Melvin Zais, comandante da operação, declarou que os guerrilheiros «reabasteceram substancialmente o vale» com camiões e munições desde a operação ali realizada pelas tropas norte-americanas em Abril, que durou 29 dias. As forças governamentais encontraram um esconderijo de armas.

A invasão do vale, que tem 40 quilómetros de comprimento e fica

(Continua na última página)

É DIFÍCIL APRENDER PORTUGUÊS



Rapazes e raparigas (a juventude predomina, embora ela não se afira só pela idade, como se provou uma vez) vindos das Sete Partidas começaram hoje os exames de Português do Curso de Férias da Faculdade de Letras (Ler reportagem na central)

LUANDA EM CAMISA

CRÓNICA (na 9.ª pág.)
DE SILVA PINTO

Nota do dia

TOMAR O BANHO E REFRESCAR AS IDEIAS

Talvez que do que mais valha falar seja daquilo que já toda a gente sabe. Em primeiro lugar estabelece-se a presunção de que se é entendido. Em segundo lugar fica-se ao abrigo de ser suposto impertinente e empertigado por falar do que ninguém entende. Em terceiro lugar talvez até haja o mérito de falar de coisas sabidas, mas esquecidas. A preguiça mental também é o diabo: que maçada ter uma pessoa que pensar... Mas depois, com o exercício, as pessoas desenferrujam, habituam-se e até lhe podem tomar o gosto. Já não seria mau de todo. Pois com isto o tema de hoje é a notícia de que vai haver uma piscina na Amadora. Óptimo. A Amadora, que foi lugarejo saloio das cercanias de Lisboa, ao tempo em que se chamava Porcalhota, sacudiu-se de tradições vetustas e boémias para se converter, a quinze minutos de comboio, numa espécie de grande bairro satélite da capital: muitas casas novas, o seu tanto amontoadas, no estilo meia bola e força de que também há abundância intramuros lisboetas, logradouro ou dormitório principalmente de gente modesta que trabalha e ganha pouco, mas tem os seus direitos. Não temos dúvida em inscrever o direito à piscina como uma das suas justas aspirações, agora prometida para próxima realização. A experiência das piscinas em Lisboa, mesmo nos bairros apinocados, veio a revelar-se menos feliz, não por culpa de quem as fez, mas culpa de quem as usa e mostrou usá-las mal. É pena, mas é verdade. Ora, a piscina exemplifica: não basta proclamar um direito, é preciso ganhar direito a merecê-lo e a reclamá-lo. As pessoas tiveram a sua piscina, algumas pessoas mostraram-se incapazes de a usar por falta de várias coisas que todas juntas se podem resumir num total a que poderá chamar-se educação cívica. Quando cada um, cioso do seu direito, for capaz de entender e respeitar o direito dos outros, ah, então, sim, então cada um terá ganho autoridade para reclamar o direito de todos.

De ontem para hoje

O AUTOR CHAMA-SE EURÍPEDES

Chama-se Eurípedes o dramaturgo que o Piraikon Theatron, de Atenas, vai apresentar ao público de Lisboa onde já esteve há cinco anos. Principia esta noite no Tivoli e a «Ifigénia», que os grandes autores dramáticos de todos os povos têm vindo a adaptar aos seus tempos e gentes, representada em grego e escrita há 2300 anos (dois mil e trezentos anos) poderá servir de demonstração que a verdadeira arte não envelhece nem tão-pouco secam os ideais de harmonia e humanidade se forem traçados por um artista de génio e interpretados com fidelidade e respeito. O génio ultrapassa os milhares de anos. E não apenas o génio que concebeu e executou o Partenon ou a Vitória de Samotrácia porque nem só as linhas materializadas e as pedras modeladas ferem a sensibilidade e a inteligência. Para além de arquitectos e escultores, os filósofos e os dramaturgos não resistem menos ao desgaste do tempo e a «Ifigénia» que hoje sobe à cena no Tivoli, não vale menos do que a Vénus de Milo ou a «República», de Platão, no património da humanidade. Resistem aos séculos e até resistem a uma língua estranha, as grandes obras dramáticas. Para assinalar essa presença da arte grega entre nós ofereceu o embaixador da Grécia ontem uma recepção que teve a presença de diplomatas, escritores e artistas. E na troca de saudações entre o embaixador Demitrinas Rondiris e o dr. Azeredo Perdigão, este deu a grata notícia de que em breve Lisboa terá no Parque de Santa Gertrudes um teatro ao ar livre. Disse ainda que a Fundação estuda a possibidade de levar à Grécia o teatro vicentino, «raiz do teatro português, como o teatro grego o é do teatro do Mundo».

NA RECTA DO CASAL DO MARCO

Na estrada de Setúbal, a seguir ao Casal do Marco, onde tantos desastres se têm verificado, plantou-se ontem mais uma cruz. O furriel mecânico-aviador da Base do Montijo, José Maria Belo Falcão, de 27 anos, do Crato e morador na Venda Nova, ia por essa recta, com boa velocidade. Ia a ultrapassar, mas verificou ser impossível por surgir outro veículo. Ao travar, o veículo despistou-se e foi chocar de frente com um eucalipto. Despenhou-se numa ravina no fundo da qual se imobilizou. Ao hospital de Almada chegou sem vida o condutor. Um soldado que viajava no mesmo carro encontra-se em estado grave no Hospital Militar Principal.

FOGO NO MATO

A beira de Lisboa registaram-se ontem diversos focos de incêndio que felizmente não foram além de causadores de sustos, mas que atestam como é necessário estar prevenido nestas secas estivais. Na serra de Alferrarede arderam muitos arbustos e mato, restolho e pinheiros. Em Rio de Mouro, bem perto do quartel general da Iberlant, também arderam arbustos e mato, restolhos e uns pinheiritos. No Alto da Bela Vista, perto do Cacém, houve também chamas devoradoras. E ali bem perto do forte de S. Julião da Barra, mesmo á beirinha da Marginal, houve também lume aceso que populares e bombeiros apagaram com ramos e terra.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. general Gomes de Araújo, ministro da Defesa Nacional; drs. Cardoso Pereira, Constantino de Góis e Glória Pacheco, respectivamente governador civil substituto de Setúbal e presidentes dos Municípios daquela cidade e de Almada, acompanhados do presidente da comissão das festas de Setúbal; brigadeiro Armando Girão, presidente da Junta Autónima de Estradas; eng. Luís de Azevedo Coutinho e o jornalista Urbano Rodrigues.

A CRIANÇA E O AUTOMÓVEL

Passava em Sabugosa um carro guiado pelo sr. Américo Ferreira Alexandre, funcionário bancário de Viseu. Surgiu inesperadamente a pequenita Maria Teresa Sousa Baptista, de 5 anos, que tinha sido chamada por outro petiz. Foi chamamento de morte porque o carro foi a ceifeira para a vida da pequena Maria Tereza...

ESTÁ EM CONSTRUÇÃO A PISTA DO CAMPO DE AVIAÇÃO DE COIMBRA

COIMBRA, 8 — Na reunião da Camara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araujo Vieira, fez uma importante comunicação. Depois de afirmar que uma das maiores actividades do Serviço de Obras tem sido a construção de pavimentos das vias rodoviárias da cidade e da zona rural, falou das obras concluídas, de outras em curso ou projectadas.

Referiu-se á conclusão da primeira fase das ruas junto ao Liceu Infanta D. Maria e a ligação dos bairos Marechal Carmona e Fonte do Castanheiro, que mereceram — disse — o aplauso da reitora do Liceu Feminino e do seu conselho e dos moradores dos blocos residenciais da Lomba da Arregaça. Acrescentou que, dentro de dias, ficará concluído o tapete betuminoso da Alameda Julio Henriques e que está em curso a primeira parte da Rua de Santa Teresa, a qual deve ficar concluída no fim do corrente mês, seguindo-se a obra do tapete betuminoso daquela artéria e da Rua Infantaria n.º 23, até os Arcos do Jardim, prevendo-se que essa construção não prossiga este ano, pela necessidade de deixar consolidar as fundações dos arruamentos feitos.

Será de admitir, também — disse o orador — que por dificuldades surgidas na instalação do saneamento, a segunda fase de construção do pavimento da Rua Dr. António José de Almeida não esteja em condições de ser iniciada depois de concluída a obra da Rua de Santa Teresa. Se assim for — assinaulou — dar-se-á início á construção da marginal de acesso ao Choupal, cuja autorização foi concedida pelo sr. ministro das Obras Publicas.

O sr. eng.º Araujo Vieira acentuou o interesse que tem a construção da referida estrada para o descongestionamento do transito da Avenida Fernão de Magalhães, como, oportunamente, foi apontado pelos órgãos da Informação, e assim se insistira com o anterior ministro das Obras Publicas, que, como o actual, deu todas as facilidades, embora a estrada pertença á Hidráulica do Mondego.

Prosseguindo, disse que, dadas as dificuldades financeiras do momento, não foi possível estimar qualquer verba, embora o ministro veja com todo o interesse a ajuda que possa ser dada pela Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos. Com a disposição do ministro e com a colaboração do vereador sr. eng.º Azevedo Sobral, director da Hidráulica do Mondego — afirmou — será possível realizar essa obra e vencer as dificuldades técnicas e financeiras que hão-de surgir. Acentuou, ainda, que essa obra terá de ser feita sem prejuízo da que está em curso na Rua Dr. António José de Almeida, pelo que poderá ser interrompida logo que se possa ali trabalhar.

Disse, depois, o orador que continuam os trabalhos de abertura da nova Avenida do Tovim e da passagem superior da Arregaça, mas que essas foram interrompidas devido á falta de compreensão de alguns proprietários, esperando-se, porém, que tudo se resolva sem se recorrer aos tribunais e referindo-se a atitude dos proprietários do Tovim, alguns bem modestos, que bem acolheram a importante obra na qual desejaram colaborar.

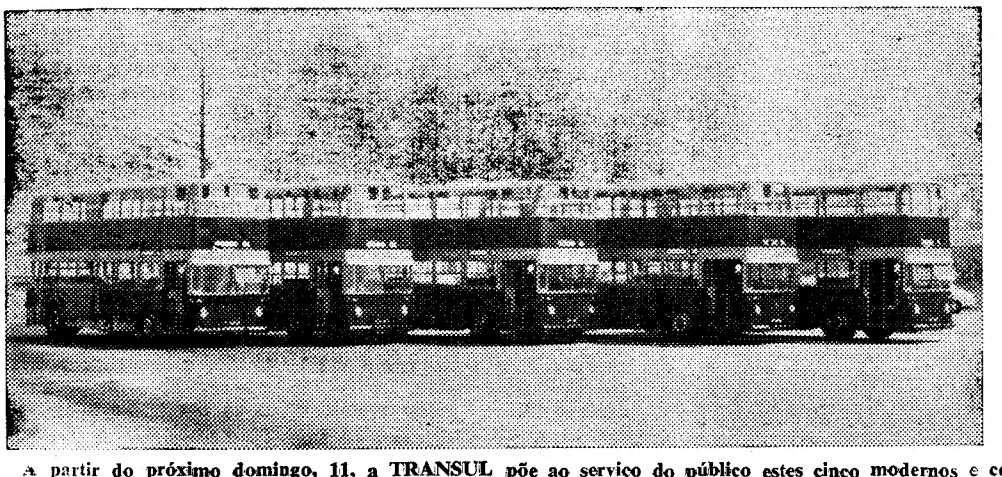
Comunicou, ainda, o presidente, que os Serviços de Obras deram já início á construção da pista do campo de aviação cujo valor enalteceu; e por fim, referindo-se á Central de Camionagem, leu um ofício do Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres em que acusa a recepção das plantas com os locais á escolha para a construção da Central, cujos estudos vão começar, não estando por isso dependente da Camara qualquer elemento de escolha do local.

O sr. eng.º Azevedo Sobral tratou também de outros assuntos, entre os quais o da variante para a saída para o Norte, e solicitou que fosse requisitado o material destinado á sinalização da Praça 8 de Maio e do Arnado e congratulou-se com as obras de conservação no Parque de Santa Cruz. Falou, ainda sobre as casas para pobres em Lordemão, cujos estudos — disse — estão feitos e os projectos elaborados, e até propostas para a construção de blocos que faltavam, portanto, só iniciar. O sr. presidente deu esclarecimentos; e, depois, o sr. dr. Viriato Namora informou que só na próxima sessão podia tratar do caso do Convento de Santa Clara-a-Velha, por lhe faltarem ainda alguns elementos.

ARMANDA PERFUMES

Informa as suas Ex.mas Clientes que durante os meses de Agosto e Setembro, **para descanso do seu pessoal, ENCERRARÁ AOS SÁBADOS ÀS 13 HORAS.**

AUTOCARROS DE DOIS PISOS PARA AS CARREIRAS DA TRANSUL ENTRE LISBOA E A COSTA DE CAPARICA



A partir do próximo domingo, 11, a TRANSUL põe ao serviço do público estes cinco modernos e confortáveis autocarros de dois pisos, os quais se destinam, principalmente, às carreiras entre Alcântara e a Costa de Caparica.

O ÊXITO FAZ A POPULARIDADE

ANTÓNIO MOURATO

A POPULARIDADE FAZ O ÊXITO

"OUVE LÁ Ó PÁ"

(do mesmo autor de «Vou dar de beber à dor»)

DISCO DECCA PEP 1253

À venda nos revendedores habituais e em

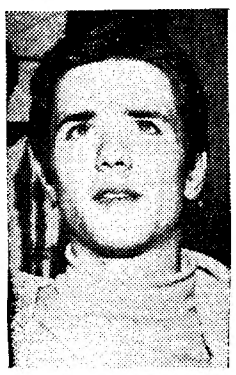
VALENTIM DE CARVALHO
COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

Ora diga-nos...

— Gosta de boxe?

A luta desenfreada de dois homens, distribuindo generosamente murros entre as cordas de um ringue, não agrada a todos, embora essa modalidade ainda consiga arrastar muitos adeptos (principalmente nos Estados Unidos, o que aliás se compreende).

● — Quanto a mim — *declarou-nos o terceiro-escriturário José Carlos Pereira da Mota, de 19 anos* — acho esse desporto estúpido, não tem razão de ser. Os seres humanos não devem competir para ver quem é fisicamente mais forte, ao ponto de ferir ou, até, matar, o adversário. Ainda seria aceitável tal prática se os «boxeurs» não chegassem a extremos de violência.



● *Uma jovem. É estudante do ensino comercial. Cabelo curto, pele queimada do sol da praia. Rosto simpático. Chama-se Miquelina Lopes. Torce o nariz (arrebitado):*

— É um desporto rude que não traz vantagens a ninguém. Considero que a actividade desportiva, como a ginástica que pratico na escola, deve ter uma função educativa, valorativa.

— *Já assistiu a algum encontro de boxe?*

— Só através da TV!

— *E, na TV, não encontra violência? Acha que o «Santo» pode dar murros à vontade?*

— Eu sei que aquilo é *fita*. «Eles» não dão para aleijar...

● *Rapaz desempenado e bem parecido, Fernando Jorge (18 anos), é impressor tipográfico e concorda com a existência do boxe.*

— Acho que é uma modalidade boa para quem a pratica.

— *E pratica-o?*

— Bom, eu não.

Não tenho esse gosto.

— *Está então de acordo com os desportos violentos?*

— No boxe, quanto mais violência, mais emoção.

O CONTRA-RELÓGIO

No emprego de uma amiga minha, as pessoas andam como nos filmes dos anos 30. Quero dizer, a correr, a correr... Vocês viram «Os Tempos Modernos», não viram? Então sabem como é.

Isto acontece ali, naquela grande fábrica da periferia, porque os administradores são verdadeiramente homens práticos. Nada de conversa. Vá de pôr circunspectos senhores de cronómetro na mão, em cada secção. Vá de alugar um computador para o cálculo final. Aquilo é que são administradores! É preciso mais gente? Admita-se mais gente! Há gente a mais naquela secção? Despeça-se gente! Aquilo é que são administradores!

Entretanto a minha amiga anda com cãibras nas pernas e o marido queixa-se que ela está a criar massa muscular em excesso.

Por outro lado, ela afirma que está quase em forma e que lá para o fim da época... perdão, do ano, se sentirá em forma.

Os circunspectos senhores lá continuam, de cronómetro em punho e papel branco ao lado: «Tantos minutos para o «toilette», 10 segundos para acender o cigarro, tantos cigarros por dia, 15 segundos para ver a malha da meia, 40 segundos para se coçar.»

A minha amiga e as suas simpáticas colegas lá continuam a correr, a correr, e os maridos das casadas, ouvi dizer, estão a preparar um abaixo-assinado a protestar contra o «rush-rush» declarado, ao qual os economistas e administradores da empresa dão importancia fundamental nos seus planos de produtividade.

Mas a verdade é que as raparigas andam entusiasmadas. Elas não sabem se a empresa vai progredir com isto e, consequentemente, aumentar-lhes o ordenado, mas andam realmente satisfeitissimas. Já fazem os seus «footings» nos fins-de-semana e só dizem entre elas: «Que pena os «nacionais» de Atletismo feminino serem já no domingo, no Porto!...»

JOAQUIM LETRIA

Um pai aflito (trabalhador em Espanha) procura a filha que não vê há 16 anos

Como muitos outros portugueses, o sr. Garcia Ferreira Arsénio escolheu a vizinha Espanha para exercer a sua actividade. E por lá anda, há anos, tendo residência em San Sebastian, na Calle Mira Cruz, 36-3.º.

Actualmente, está em Lisboa, em gozo de férias que se prolongam até ao dia 19, na Rua Padre Manuel Bernardes, 29-1.º, com o telefone 661379.

Pois o sr. Garcia Ferreira Arsénio pretende entrar em contacto com a filha Maria Luísa Ferreira Paixão, actualmente com 20 anos, natural de Vendas Novas.

Pai e filha não se vêm há 16 anos. E o sr. Garcia Arsénio, já sem outras possibilidades e á vista do fim das férias, dirigiu-se ao nosso jornal, na esperança de que a publicação de uma pequena notícia lhe provoque o encontro que procura.

A notícia aqui fica, com votos de que a Maria Luísa entre em contacto com seu pai, o mais depressa possível.

Em CANTANHEDE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ CENTRAL, LARGO DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA.

CORTEJO DE OFERENDAS EM BEJA

BEJA, 8. — Inaugurando a grande feira desta cidade efectuou-se esta tarde um cortejo de oferendas a favor do hospital da Misericórdia, tendo o desfile percorrido as principais ruas da cidade com grande interesse da população local. No cortejo encorporaram-se representações de todas as freguesias do concelho algumas acompanhadas de ranchos corais. O bom ano agrícola que se verificou favoreceu grandemente o êxito, esperando-se que o cortejo renda mais de quatrocentos mil escudos.

OPORTUNIDADE ÚNICA!

INICIA-SE A VENDA
DO EMPREENDIMENTO DE MAIOR CATEGORIA EM TODO O PAÍS

ALDEIA TURÍSTICA
DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

SITUADA NA PRAIA DA FALÉSIA - ALBUFEIRA (A MAIS BONITA DO ALGARVE)

CIRCUNDADA DE DENSOS PINHAIS * LUZ ELÉCTRICA * ÁGUA CORRENTE * ESGOTOS
RUAS ASFALTADAS * TRANSPORTE ENTRE O AEROPORTO E O EMPREENDIMENTO

No caso de não utilizar a propriedade adquirida, nós encarregamo-nos de a alugar com um rendimento mínimo de 8% garantido, que poderá actualizar cada ano

* PARA OCUPAR IMEDIATAMENTE

APARTAMENTOS E MORADIAS DE GRANDE LUXO

CONSTRUÍDAS EM PURO ESTILO ALGARVIO COM MATERIAIS DE 1.ª QUALIDADE, EM TERRENOS DE 500 A 1.500 m².

TABELA DE PREÇOS

	ENTRADA	PREST. MENSAL	PREÇO TOTAL
1 ASSOALHADA, COZINHA E C. DE BANHO	25.000$	2.500$	250.000$
2 ASSOALHADAS, COZINHA E 2 C. DE BANHO	40.000$	4.000$	400.000$
3 ASSOALHADAS, COZINHA, C. DE BANHO E GARAGEM	60.000$	6.000$	600.000$
4 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	75.000$	7.500$	750.000$
5 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	90.000$	9.000$	900.000$

Equipadas com ar condicionado, cozinhas com frigorífico, fogão com forno, máquina automática de lavar roupa, esquentador de distribuição, exaustor de fumos, máquina de cozinha eléctrica com acessórios (batedeira), etc.

SEM ENCARGO ALGUM, E EXCLUSIVAMENTE PARA OS SENHORES COMPRADORES * PARQUE PARA CRIANCAS, SOB A VIGILÂNCIA DE PESSOAL COMPETENTE * PISCINA HIPISMO * COURT DE TÉNNIS * PESCA DESPORTIVA * SKI NÁUTICO * ETC.

INFORMAÇÕES AV. DA LIBERDADE, 258-9.º-Esq. LISBOA

OU NO LOCAL

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

MONUMENTAL

«Lisboa é sempre mulher» com lotações esgotadas

Dentro das grandes realizações de Vasco Morgado, uma delas se destacou, nesta temporada, pois constituiu, sem dúvida, um acontecimento artístico de nível. Assim o afirmou a crítica e o público tem confirmado, esgotando a sala todos os dias nas duas sessões.

«Lisboa é sempre mulher» constitui, na verdade, um espectáculo fora de série, desde o engraçado texto e linda música à interpretação do seu elenco e vistosos bailados a cargo de um grupo de «ballet» internacional Camilo, Florbela e Breyner nas figuras principais são, juntamente com Maria Adelina, Octávio de Matos, Yola, Linda Silva, Célia de Sousa, Hélder de Oliveira, Luís Mascarenhas e as atracções Maria Teresa Quinta e Vum-Vum, os responsáveis pela magnífica interpretação. A encenação pertence a Camilo de Oliveira e a direcção musical a Carlos Dias. Hoje e todas as noites espectáculos, às 21 e 45 e 23 horas.

VARIEDADES

Carreira triunfal

Esta magnífica comédia, que já tem mais de um ano de representações consecutivas, continua a sua carreira triunfal, agora no Teatro Variedades. Tão grande êxito deve-se à história engraçadíssima e à excepcional interpretação do seu elenco de que fazem parte Laura Alves, Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa. Hoje e todas as noites, espectáculos às 21 e 45.

«AMOR 68» - NOVA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA

Na inauguração da nova temporada, o empresário Vasco Morgado vai apresentar o novo original de Henrique Santana, «Amor 68».

Esta comédia que será estreada no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, seguirá depois para Lisboa.

A interpretação estará a cargo da Companhia Teatro Alegre, e mais uma vez se fica a dever uma comédia àquele popular autor, pois está ainda na memória do grande publico os seus ultimos êxitos: «O Gato», que atingiu mais de um milhar de representações e «Morra agora e pague depois».

NOS PALCOS DO BRASIL

Embarca para Lisboa, num dos próximos dias, a cançonetista brasileira Elen de Lima, que vem actuar no Caso Estoril.

*

Encontra-se na Baía o cantor Morgado Maurício que (periòdicamente) excursiona pelos cartazes do interior.

*

O pianista Jose Magalhães associou-se a Joaquim Saraiva na gerência do restaurante «Lisboa Antiga», de São Paulo.

*

Vem aí Chico Buarque de Holanda, que fará a viagem para o Velho Continente em 15 do corrente.

*

Uma artista portuguesa vai firmando o seu lugar no panorama das casas típcas de Guanabara: a algarvia Cláudia Ferreira, «descoberta» por Olivinha Carvalho.

*

Saluquia Rentini (que pertence a uma família de artistas muito ramificada) vai regressar ao teatro brasileiro, pela mão de César de Alencar e ao lado de Renata Frouzi.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Aviz

Título em português — «O carrasco de Veneza».
Produção — Italiana.
Realização — Luigi Capuano.
Intérpretes — Lex Barker, Sandra Panaro, Guy Madison e Mário Petri.
Género — Aventura
Distribuição — Talma Filmes.
Processo — Eastmancolor — Totalscope.
Classificação — 12 anos.

NOS PALCOS DO MUNDO

A Companhia Lope de Vega começou a preparar-se para a primeira temporada nacional espanhola de teatro. Programa: «Mãe Coragem», «Divinas Palavras», «A Vida é Sonho», «Don Juan Tenório», «Há Uma Luz Sobre a Cama» e «Tango».

*

A companhia da Ópera de Paris mudou-se para o Palácio Chaillot, pois o seu teatro foi encerrado, para obras, que devem durar seis meses.

*

Vários teatros de ópera — entre os quais o Scala de Milão, o Covent Garden de Londres, a Ópera de Munique e o Metropolitan House de Nova York — começaram a estudar um plano de cooperação, a fim de reduzirem as somas gastas na montagem dos espectáculos.

*

A partir de Setembro, a Ópera de Paris apresenta, para uma temporada de dois meses, a companhia russa de bailado do Teatro Bolshoi.

«Agarra que é milionário» amanhã em Faro

Continua a sua triunfal digressão pelo País, a magnífica comédia «Agarra que é milionário», um original de Barillet & Gredy, que nos conta uma história dos nossos dias, muito bem representada por Henrique Santana, Irene Isidro e Artur Semedo, nas figuras principais, muito bem secundados por Anabela e Benjamim Falcão. Hoje estará no cinema-teatro de Portimão; e amanhã, em Faro, na Esplanada S. Luís Parque.

Um grandioso filme com milhares de figurantes

ESTREIA • HOJE, ÀS 21.45 AVIS

TODA A VENEZA TREME SOB UM IMPIEDOSO MACHADO ASSASSINO QUE FERE SEM MISERICÓRDIA!

O CARRASCO DE VENEZA

EASTMANCOLOR TOTALSCOPE

COM LEX BARKER • SANDRA PANARO
GUY MADISON • MARIO PETRI

Realização de LUIGI CAPUANO

TALMA FILMES M/ 12 ANOS

PIRAIKON THEATRON

Director da Companhia e Encenador: Dimitrios RONDIRIS
Música de Dimitrios MITROPOULOS para «Hipólito» e de Konstantinos KYDONIATIS para «Ifigénia em Aulida»
Coreografias de LOUKIA
Interpretação de Elsa VERGI, Miranta ZAFIROPOULOU, Karmen ROUGERI, Krinio PAPPA, Antonis XENAKIS, Kostis GALANAKIS, Nikos LYKOMITROS, Christos CHRISTOPOULOS, Thanos KANELLIS, Christos FRANGOS, Frini ARVANITOU, Kiki ZAKKA, Atki DRINI, Dimitri ZEZA

ESPECTÁCULOS PROMOVIDOS PELA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA O EMBAIXADOR DA GRÉCIA

TIVOLI

HOJE,, ÀS 21.30 H.

HIPÓLITO de Eurípedes

Lugares à venda na bilheteira. Preços: plateia, 65$; 1.º balcão, 65$ e 50$; 2.º balcão, 25$ e 15$; frisas, 325$; camarote, 200$

PARQUE DO ESTORIL

em colaboração com a SOCIEDADE ESTORIL-SOL

SÁBADO, 10 DE AGOSTO, ÀS 21.30 H.

HIPÓLITO de Eurípedes

2.ª-FEIRA, 12 DE AGOSTO, ÀS 21.30 H.

IFIGÉNIA EM ÁULIDA de Eurípedes

Lugares à venda na bilheteira do Cinema Tivoli, em Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril; e no Posto de Turismo de Cascais. Nos dias dos espectáculos, nas bilheteiras do recinto. Preços: 50$, 30$ e 15$

Em todos os espectáculos os estudantes beneficiam da redução de 50 %

M/ 17 ANOS

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

TV CLUBE COM CATULO DA PAULA — **Um homem vivo, habituado por uma longa prática de si mesmo, veio ontem á televisão portuguesa. Perdão: dois foram os homens vivos e não um. Estou a referir-me a Otto Lara Resende, adido cultural do Brasil que foi de propósito aos estúdios para apresentar Catulo da Paula. A naturalidade, a simplicidade, o espírito de Otto Lara Resende (não o chamo de «doutor» para não quebrar o clima de familiaridade que a rubrica ostentou), foram das coisas mais valiosas deste «TV Clube», não programadas embora. Por onde se vê que no Brasil as pessoas valem por si e não pela cor com que oxigenam o cabelo.**

Catulo da Paula: chamem-lhe **trovador**, se o desejarem. Se o desejarem também, não lhe chamem coisa nenhuma. Este vício da nomenclatura que Lineu tornou maníaco! Saber se é conto ou novela, romântico ou realista, social-democrata ou liberalzinho... Trovador, ou troveiro, ou cantador em salão dos **á-bê-cês**, ou isso e também mais do que isso? O Brasil fica longe e é grande e naturalmente essas (e outras...) noções devem estar a esbater-se. Catulo da Paula é um artista da convivência que a necessidade de ganhar o pão levou ao «music-hall».

As suas qualidades de contador de histórias; a sua capacidade de cançonetista; o poder de comunicação e de improviso, a sua arte de ser **pessoa viva** montada numa viola — tudo isso esteve manifestamente á vista de muitos milhares de telespectadores.

Como eu disse há pouco, Catulo é um artista da convivência. Ele próprio quis dizer isso quando se referiu á falta que lhe estava ali fazendo o seu uisquezinho. Faltou-lhe uma roda de amigos para que todas as suas qualidades refinassem. O Catulo da Paula vale, humanamente e como artista, muito mais do que aquilo que ontem demonstrou. Assim mesmo, repito, o «TV Clube» foi o mais insólitamente vivo que há meses nos aparece. Repeti-lo seria uma atitude que muitos telespectadores aplaudiriam.

E oxalá Catulo regresse em breve aos estúdios do Lumiar. Já agora não se esqueçam do uisquezinho. Faz falta, sim senhor.

HORIZONTE — Afinal. Afinal é possível a profissionais portugueses organizar um programa de televisão com interesse. Baptista Rosa prova-o com o seu «Horizonte» — que desde a primeira edição tem visto os seus horizontes alargarem-se. Dão-se as mãos, nesta rubrica, a inteligência, a imaginação, o sentido da reportagem. É muita coisa boa para uma hora só — e de mês a mês, quando não há motivos imprevistos.

Encontro-me na situação do esfomeado que se vê, de súbito, diante do festim do rei e não sabe se há-de atirar-me primeiro ao faisão recheado ou á perna assada de javali. Sigamos Cronos, que é bom mestre.

1) A casa de S. Miguel de Seide. A casa de Camilo. Vimos tudo: as bengalas, os chapéus, os fatos, as camas, a biblioteca. E a cadeira. A cadeira de baloiço, onde. Às três e um quarto da tarde. Lá fora, a acácia. A acácia de Jorge, que me pareceu agora florida. E a voz de Camilo a falar dela, aos meus ouvidos:

Quando a acácia de Jorge
[outra vez enflore
chamai-me que eu de Abril
[nas auras voltarei

A câmara passeia lentamente pela casa toda. A casa onde a tragédia se instalou. A casa que também tem uma história que merecia ser contada. Que a câmara, entretida com Camilo vivo, não pode contar. Mas Camilo morreu a sua tragédia acabara. Ia começar a tragédia de uma casa. Tragédia chamada abandono — e outras coisas mais.

Agora não quero pensar nisto. Dói muito. Quero agarrar-me bem a estes objectos — o tinteiro, o lacre, as penas, o relógio. Tocar-lhes. Estão ainda e para sempre vestidos de Camilo.

2) Jacy Campos é homem da TV brasileiro. Veio a Londres ver como funcionava a TV educativa inglesa. Esteve em Portugal, a convite do S. N. I., para o mesmo efeito. «Horizonte» sentou-o numa cadeira e vamos lá conversar.

Conversou. Com aquela facilidade e descontracção que só o hábito dá. Sobre vários assuntos. Alguns candentes, como o culto da violência nas séries das televisões. Pernicioso? Sem dúvida. Acentuou que esse culto existia também na Rádio e na Imprensa e na Literatura. *Todos somos responsáveis* — acentuou. Mas ao precisar que a Televisão é *o mais formidável meio de comunicação inventado pelo homem*, estava, sem querer, a distribuir responsabilidades — muito particularmente quando existe um só canal

Uma televisão não é, apenas, um meio difusor de propaganda da violência gratuita. Na sociedade americana, por exemplo, ela é já um produto da própria violência.

Um dos temas mais curiosos da entrevista foi, porém, a posição definida por Jacy Campos e por José Mensurado, o entrevistador, no que respeita á metodologia televisiva. Enquanto o brasileiro opinava que deve procurar-se sempre o novo, o diferente — Mensurado achava que não, que o publico não aceita, que diz «é uma maçada», o povo habitua-se e depois recusa o vanguardismo, a experiência, a novidade...

Dois pontos de vista. Duas atitudes perante a vida, perante a Televisão. Duas atitudes que explicam muita coisa. Enquanto o mensuradismo vigorar, poderá a televisão portuguesa sair do impasse?

3) Darius Milhaud, o grande compositor francês, a sua «musique pour Lisbonne», a câmara palpitante de Augusto Cabrita a percorrer a cidade para vestir a musica de imagens, uma estranha musica, difusa, complexa, algo que se procura desesperadamente, musica angustiada, nunca disponível, de fio melódico perdido, o caos nunca ordenado ainda, e as imagens também nunca despreocupadas de Augusto Cabrita, uma visão sempre apaixonada de gente — ah, aqueles pés, aquelas botas cambadas e pesadas, aquele arco de menino que não quer andar... Imagem, ou poema, ou meditação. Libertação, também. Acto de consciência. Arte, para dizer tudo.

4) A luta pela velocidade. Os 100 metros. Owens, 10,3 segundos em Berlim, Owens, o negro. Agora, também o «record» de Owens foi pulverizado. Já está em 9,9 segundos. Até quando?

5) Telma, a filipina vestida de branco, frequenta o curso de férias da Faculdade de Letras de Lisboa. E, e, e — vamos lá! Já não ficava entre nós sem comer pão por não saber pedi-lo. Foi pretexto para sorrisos. Que decorativos são os sorrisos, já repararam? Fialho Gouveia, descontraído e dentro do jogo, andou com a ligeireza que o capítulo exigia. Deu boa lenha para os sorrisos de Telma. O entrevistador é, acima de tudo, um fogueiro: compete-lhe alimentar a fornalha da locomotiva. Obrigação que se transforma em prazer, quando a locomotiva ri.

6) Sim senhor. Um documentário sobre a obra de Vieira Lusitano. Trata-se, acima de tudo, de um artista português — e não é boa gente quem a arte dos seus não sente. Certo. Mas cuidado com a literatice. Com a ignorância do amor marcarada de palavras. A prosa do capítulo dedicado a Vieira Lusitano: execrável. O pior de tudo quanto houve em «Horizonte». Aquilo não é explicar: é enfardar. Assim não vale. Assim a gente compra uns tampões para os ouvidos.

7) Uma entrevista com os senhores Talhinhas e Jaleco, dos Bonecos de Santo Aleixo, encerrou a rubrica. Maria Aurora não estava nitidamente dentro do assunto. Viu-se, no entanto, que cuidou e lubrificou bem a máquina de perguntar. Em tais condições, não sei quem fizesse melhor do que ela. Interrogou mais do que conversou? Talvez sim. Pense nisto, Maria Aurora: a televisão é estar em casa...

E pense também nisto: a arte dos Bonecos de Santo Aleixo é *po-singela e rude*», como disse. Ao contrário: é complexa, difícil e delicada. Você já os foi ver?

MÁRIO CASTRIM

HOJE PODE VER.

● **Às 22: Reportagem do Exterior**

Numa realização de Helder Mendes, a R. T. P., apresenta, esta noite, em transmissão directa da Praça de Touros do Campo Pequeno, a corrida de touros que ali se realiza e em que actuam os cavaleiros Mestre Baptista e Luís Miguel da Veiga e os matadores Amadeu dos Anjos e Paquirri.

As pegas estão entregues ao Grupo de Forcados Amadores de Santarém.

O Teatro Estúdio agradecido ao «Diário de Lisboa»

A Companhia do Teatro Estúdio de Lisboa atravessou, recentemente, uma grave crise que pôs em causa a sua sobrevivência e a que demos, na altura, o merecido relevo no sentido de chamar a atenção do publico.

O resultado da campanha de simpatia e apoio que se gerou á volta do T. E. L. já o leitor o conhece. Apesar de tudo, a representação de «A Louca de Chaillot», de Giraudoux, no Teatro Vasco Santana, na Feira Popular, continuará a sua carreira. E — o que é mais importante — o Teatro Estudio de Lisboa continuará também a obra que se propôs: dar ao publico um teatro sério.

Assinada por Helena Félix e Luzia Maria Martins recebemos agora uma carta que é do seguinte teor:

«Vencida a crise grave que a Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa atravessou, na passada semana cumpre-nos, gostosamente, **vir** agradecer a V. Ex.ª o apoio dado ao nosso trabalho no jornal que V. Ex.ª dirige.

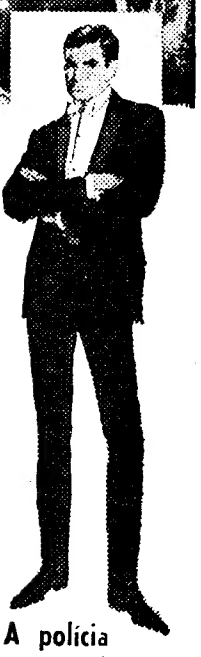
Guardaremos na nossa gratidão todos os que nos ajudaram no sentido de informar o publico das nossas dificuldades que, o mesmo é dizer, de o conquistar para a nossa plateia.

Prosseguiremos no rumo iniciado há quatro anos: dar teatro a Lisboa com base numa escolha consciente de originais e formar actores e publico como contribuição, embora modesta, de um teatro-estudio de hoje, para o teatro de amanhã».

«LOS MISMOS»:

O que sucedeu com o conjunto «Los Mismos» bem pode classificar-se como algo desusado e surpreendente. Numa margem de tempo mínima, o agrupamento triunfou clamorosamente e colocou três das suas interpretações (uma por cada disco editado) na lista das maiores vendagens da temporada.

«Los Mismos»: uma carreira iniciada em Espanha, vai prolongar-se em França e na Alemanha, durante Setembro e Outubro próximos. Mais tarde, em meados de Novembro, visita a Portugal no roteiro de um trio vocal de indesmentível classe.


GEORGE HAMILTON
JOSEPH COTTEN
MARIE LAFORET
MAURICE EVANS
CARROL BAKER
ZSA ZSA GABOR
LILLI PALMER
O VALETE DE OUROS
"Jack of Diamonds"
A polícia quer vê-lo morto... As mulheres querem vê-lo vivo!
com WOLFGANG PREISS Argum. de JACK DeWITT e SANDY HOWARD
Realização de DON TAYLOR Produção de SANDY HOWARD Adultos
METROCOLOR MGM
AMANHÃ ESTREIA no MUNDIAL

EUROPA AMANHÃ — ESTREIA
Um filme que recorda o estranho misticismo de «Rebecca» e o envolvente mistério dramático de «O Monte dos Vendavais»

QUANDO A MULHER ODEIA
BARBARA STEELE
ANTHONY STEFFEN - URSULA DAVIS - ALDO BERTI
Direcção de CAMILO MASTROCINQUE
UMA RAPARIGA TRANSFORMADA NUM INSTRUMENTO DE ÓDIO E DISCÓRDIA, CIÚMES E DESTRUIÇÃO!
INTERNACIONAL FILMES ADULTOS

OS NOSSOS LEITORES TÊM A PALAVRA!

Vamos eleger o «Rei da Rádio Portuguesa»

As mais expressivas manifestações de interesse, verdadeiramente inequívocas sobre o entusiasmo que a eleição do «Rei da Rádio Portuguesa» despertou entre vários sectores dos nossos leitores, têm chegado á redacção do «Diário de Lisboa».

Apresentam-nos as mais díspares questões, querendo todos saber já «tudo sobre esta sensacional realização da PAC» (Publicidade Artística e Comercial) a que o nosso jornal oferece a sua vasta difusão, a sua enorme penetração popular.

Porém, tudo se dirá a seu tempo. De molde a criar, em torno da curiosidade que já lateja nos sectores mais directamente afectos á Rádio portuguesa, um clima especial.

Digamos que este concurso tem como objectivo principal apurar dez candidatos ao título de «Rei da Rádio». Dez artistas que, pelo seu prestígio, pelo seu talento, pelo seu profissionalismo ou popularidade são, de momento, os mais credenciados para a conquista de um símbolo que representa larga projecção publica e, simultaneamente, maior recolha futura de bons «cachets», sempre dependentes do oscilante aplauso que as plateias devotam aos seus «ídolos».

● 1963: O regresso de Calvário

Já aqui falámos das primeiras edições do concurso para «Rei da Rádio Portuguesa», que teve em António Calvário e Fernando Farinha os vencedores iniciais, respectivamente em 1961 e 1962.

Como que a criar um espírito de rotativismo, António Calvário voltou — em 1963 — a assenhorear-se do trono que efémeramente abandonara. O intérprete de «Alta Roda» relegou Fernando Farinha (anterior opositor directo) para quarta posição numa tabela de votação publica que ficou assim estabelecida:

1.º António Calvário
2.º Artur Garcia
3.º João Maria Tudela
4.º FernandoFarinha
5.º Tony de Matos
6.º Artur Ribeiro
7.º Rui de Mascarenhas
8.º «Zeca do Rock»
9.º Helder António
10.º Francisco José

Desaparecidos nomes que tinham já atingido uma fase decrescente de popularidade ou se haviam remetido a uma obscuridade que mora distante dos palcos, outras figuras surgiram, aflorando na votação do publico á tabela cimeira de uma lista que se estendia a perder de vista: com quase duas centenas e meia de nomes votados. E' caso para dizer que ninguém poderia imaginar que existissem tantos artistas em Portugal. Melhor: que tantos fizessem da Rádio uma profissão. Mas, a verdade é que esses nomes existiam...

Em 1963, como íamos dizendo, Calvário retornou ao título de soberano, á frente de uma lista de outras vedetas consagradas, aqui e além mesclada de figuras até aí práticamente menos conhecidas, menos admiradas pelas heterogéneas legiões de «fans».

Veja-se, pelo simples enunciado acima, como Artur Garcia, João Maria («Kanimambo») Tudela, Fernando Farinha, Tony de Matos, Artur Ribeiro, Rui de Mascarenhas e Francisco José, tiveram a companhia de dois jovens, um dos quais (Helder António) surge frequentemente em cartazes do continente e do estrangeiro mas nunca logrou a popularidade dos colegas mencionados nesta evocação.

Essa, uma prova de que o concurso de «Rei da Rádio» permite o *acesso á grande divulgação* de qualquer artista português. Seja ele do Minho ou de Moçambique, dos Açores ou de Timor. O essencial é já ter patenteado, em palcos portugueses, merecimento para atingir a consagração máxima que o publico pode oferecer ao seu favorito: um título de «Rei».

REPOSIÇÕES

TÍTULO — «Johnny Guitar».
REALIZADOR — Nicholas Ray, 1953.
INTÉRPRETES — Joan Crawford, Sterling Hayden, Ernest Borgnive, Scott Brady, Mercedes Mac Bride, etc.

«...e o cinema é Nicholas Ray» (Jean-Luc Godard)

*

Johnny Guitar — Quantos homens esqueceste?
Viena — E tu? Quantas mulheres recordas?
Johnny — Não, não te vás embora.
Viena — Nem sequer me mexi.
Johnny — Diz-me qualquer coisa gentil.
Viena — Que queres que te diga?
Johnny — Diz-me uma mentira, diz-me que me esperaste durante todos estes anos.
Viena — Esperei-te durante todos estes anos.
Johnny — Que se eu não regressasse, tu morrerias.
Viena — Se tu não regressasses, morreria.
Johnny — Que não deixaste nunca de me amar.
Viena — Nunca deixei de te amar.
Johnny — Obrigado.

Este «jogo cruel» (como lhe chama François Truchaud) faz regressar o passado, prolongando-o no presente. Johnny Guitar, afastado de Viena durante cinco anos, prossegue: «Lembra-te, Viena, estamos no terraço do hotel X e tu amas-me...». O amor renasce das cinzas e Ray afirma-se um dos mais espantosos cineastas norte-americanos, nessa sequência de antologia que difícilmente se destaca do conjunto de um dos mais clássicos *westerns* da história do cinema.

*

Johnny Guitar é o homem que veio de longe. Cinco anos depois, o *gunfighter*, o homem do Oeste, regressa a Viena. Pretendendo fugir a um passado de violência, Johnny Logau troca o apelido e o revólver pela guitarra. (Nicholas Ray: «A guerra (ou a violência) é precisamente uma *situação limite* em que o homem se revela integralmente a si próprio. Como? Como *contradição* permanente, de tal forma que não é possível, a quem o queira julgar desapaixonadamente, decidir se é um heroi ou um fraco»).

Mas, no Oeste (e não só...), a guitarra não chega para fazer valer os direitos. E Johnny voltará a ser Logau, esquecendo a guitarra no *saloon* envolto em chamas.

*

Poema de um lirismo violento e brutal, *Johnny Guitar* é ainda uma meditação sobre o homem e a sua condição. Para além das relações que se estabelecem entre os protagonistas, uma ameaça mais profunda abate-se sobre todos: a de um colorido opressivo, entre o castanho e azul cinzento. Uma tragédia pressagiada desde início, desde essa longa sequência *no interior* (Johnny Guitar é um *western* predominantemente de *interiores*) do *saloon*, onde se esboçam claramente os dados que o filme irá manipular: o amor de Johnny por Viena; o amor (frustado) de Emma por Dancing Kid; o amor de Dancing Kid por Viena; o amor de Viena por Johnny Guitar. Ou, invertendo a ordem: o ódio de Emma por Viena; o ódio de Dancing Kid por Johnny Guitar, e assim sucessivamente.

*

Mas, *Johnny Guitar* foi dirigido nos E. U. A. em 1953, o mesmo é dizer que sob a ameaça maccarthista. Disse Rienpeyront: «Além das achegas próprias da mitologia do realizador, já conhecidas de filmes anteriores, o que se pode, quanto muito, ver nele, como em Brooks ou em Aldrich, é uma tomada de posição pessoal sobre questões de

(Continua na página seguinte)

NUM BREVE ENCONTRO COM O CINEMA FRANCÊS

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

VOLTA A APRESENTAR A PARTIR DE HOJE
ÀS 21.30
A DISCUTIDA REALIZAÇÃO DE CLAUDE LELOUCH

um homem e uma mulher

(un homme et une femme)
ADULTOS

anouk aimee
jean-louis trintignant
pierre barouh

«...É O FILME DE UMA VIDA, A OBRA QUE IRROMPE, NA HORA SUPREMA DA INSPIRAÇÃO DO ARTISTA...»
N. R. — «D.º Popular»

«...NÃO HESITAMOS, POIS EM CONSIDERAR O FILME DE CLAUDE LELOUCH COMO UMA DAS MAIS BELAS E MAIS SENSÍVEIS OBRAS DO NOSSO TEMPO...»
F. — «Século»

«...TÈCNICAMENTE, O FIME É EXCELENTE; COMO ESPECTÁCULO, UM ACHADO...»
«D.º Lisboa»

«...«UM HOMEM E UMA MULHER» É UM FILME DE UMA RIQUEZA INESGOTÁVEL »
V. GRANJA — «República»

EM COMPLEMENTO: «POR UMA CAMISOLA AMARELA»
PRÉMIO DE CANNES PARA CLAUDE LELOUCH

MONUMENTAL

VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA»
com
Camilo - Florbela - Nicolau
MARIA ADELINA ★ OCTÁVIO DE MATOS ★ YOLA ★ LINDA SILVA ★ CÉLIA DE SOUSA
AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
VUM-VUM
UM EXCEPCIONAL BALLET INTERNACIONAL de 25 figuras
Graça! Ritmo! e Lindas Mulheres!

9.ª SEMANA

HOJE
2 SESSÕES: 20.45 e 23 horas
AOS DOMINGOS, A TARDE, ÀS 16 H.
(ADULTOS)

NESTA COMÉDIA O RISO NÃO TEM LEI! 2.º ANO de representações.
AGORA em
PLENO ÊXITO
no TEATRO
VARIEDADES

HOJE
À NOITE
ÀS
21.45 H
(ADULTOS)
T. 32 60 37

LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO
com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

POR MAIS EXIGENTE QUE SE SEJA QUANTO À DIVERSÃO POPULAR E BOM AMBIENTE DE CONVÍVIO, É FORA DE DÚVIDA QUE
A **FEIRA POPULAR de LISBOA**
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
A TODOS SATISFAZ AMPLAMENTE
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE
UM MUNDO DE COISAS LINDAS—UMA FEIRA PARA TODOS
BOA COZINHA E PETISCOS VARIADOS — CERVEJARIAS, MARISCOS E GULOSEIMAS — FARTURAS E SONHOS — VINHOS DE TODAS AS REGIÕES — SORTEIOS, ETC.
ABERTURA AS 19 HORAS
Todos os dias provas dos conhecidos vinhos «ROSAL» e «VERCOOP», oferta de JOÃO CAMILO ALVES e da UNIÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES
Aos sábados: um sorteio de dez prémios

REPOSIÇÕES

(Continuação da página anterior)

natureza política que não surgiram exclusivamente no século passado e num lugar perdido no Oeste»

A ameaça das tonalidades, que vão do castanho ao azul cinzento (favorecidas pelo trucolor da *Republic Pictures*), torna-se assim, integradas no tempo e no espaço, algo de real e vivido. O linchamento de Turkey e o de Vlena adquirem um significado novo. Bem assim como o interrogatório de Turkey, depois de apanhado moribundo. Os métodos revelam-se, subitamente modernos, actuais. Por aqui passou McCarthy (o dos anos 50).

*

Rui Nogueira: «Como em todos os autores verdadeiros encontra-se em Nicholas Ray constantes positivas. Os seus heróis são anticonformistas que recusam deixar-se corromper pelo poder social (o dinheiro, a política, e o que quêrem conservar a todo o preço a força e a generosidade da sua juventude, refugiando-se numa revolta gratuita e impotente em consequência da sua própria solidão e que se agarram aos objectos pelo desespero de não poder renunciar á sua integração no tempo que passa. Os heróis dos seus *westerns* são vencidos que crêem ainda na incandescência dos seus sentimentos e que procuram, no amor, uma razão de ser e de viver.»

*

Extraído de um (ao que dizem) mau romance de Roy Chanslor, *Johnny Guitar* viu o seu argumento totalmente reinventado pelo próprio Nicholas Ray e por Philip Yordan que é, indiscutìvelmente, um dos grandes argumentistas da cinematografia norte-americana. O próprio Philip Yordan acrescenta alguns elementos ao debate: «*Johnny Guitar* teve muitos aborrecimentos com a censura e depois com a crítica dos E. U. A. Financeiramente foi um sucesso que salvou os estudios Republic... As alusões antimccarthistas estiveram na origem do nossos problemas com a censura... Havia ainda outra coisa: um violento ataque ao puritanismo, na pessoa da velha rapariga recalcada, interpretada por Mercedes MacBride.»

*

Johnny Guitar é um filme absorvente, um poema feito balada, onde a violência e o amor se interpenetram numa dialectica profunda entre a realidade e a utopia. Para quem nunca o tinha visto (como era o nosso caso), *Johnny Guitar* emudece. Se é normalmente difícil começar a falar de um filme, meia hora depois de o ter visto, mais difícil se torna a tarefa quando se trata de *determinados filmes*, como é o caso desta obra-prima do *western* moderno, assinada por Nick Ray. Nesta nota apressada e incompleta, convém terminar em jeito de alerta: *leitor, não perca «Johnny Guitar»*. Pelo que nos toca a nós, lá estaremos de novo, agora que, finalmente, o descobrimos.

LAURO ANTÓNIO

NICHOLAS RAY

Nicholas Ray nasceu no Estado do Wisconsi a 7 de Agosto de 1911. Estudante de arquitectura, torna-se amigo de Frank Lloyd Wribht e após terminados os seus estudos, é como actor em companhias itinerantes e depois na Broadway que inicia a sua carreira artística. Em 1944, é assistente de Elia Kasan (A Tree Grows in Brooklyn). 1946: assistente de Houseman para as peças «Lute Song» e «Beggar's Holiday». 1947: Houseman manda-o a Hollywood para dirigir «They Live by Night». No período entre 1948 e 1952 termina vários filmes começados por outros realizadores. Por outro lado não é o responsável de «On Dangerous Ground», «The Lusty Men» e «55 Days at Peking» terminados, respectivamente, por Ida Lupino, Robert Parrish e Andrew Marton.

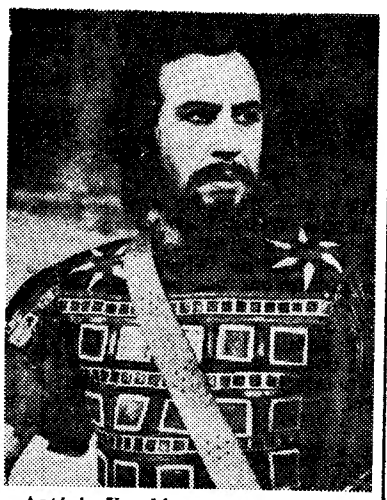
O Piraikon Theatron estreia-se hoje

com o «Hipólito» de Eurípedes

Pode afirmar-se que a apresentação da Companhia do Piraikon Theatron em Lisboa e no Estoril tem despertado um interesse excepcional.

A Companhia estreia-se hoje no Tivoli, com a peça «Hipólito» de Eurípedes. A lotação deste teatro encontra-se praticamente esgotada mas os espectadores que não obtiveram lugar poderão assistir ao mesmo espectáculo que se repete no próximo sábado, no Parque do Estoril, em anfiteatro ao ar livre, construído especialmente para o efeito.

A estreia de «Ifigénia em Áulida» terá lugar na segunda-feira, no mesmo local, estando os bilhetes á disposição do publico na bilheteira do Cinema Tivoli, em Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril; e no Posto de Turismo de Cascais.



António Xenakis no papel de «Agamenon» da peça «Ifigénia em Áulida», de Eurípedes

SOREFAME

Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S.A.R.L.

Capital realizado: 160 000 000$00

Rua Vice-Almirante Azevedo Coutinho — AMADORA

1.º EMPRÉSTIMO POR OBRIGAÇÕES PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições da emissão, vence-se no próximo dia 15 do corrente o juro correspondente ao cupão n.º 16 que se encontra a pagamento, a partir daquela data, na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Augustine, Reis & C.ª
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Companhia Geral do Crédito Predial Português

O valor dos juros relativos a cada obrigação depois de deduzidos os impostos é o seguinte:

Obrigações ao portador	16$95.8
Obrigações ao portador — Registadas	21$51
Obrigações averbadas a Instituições de Previdência	24$75

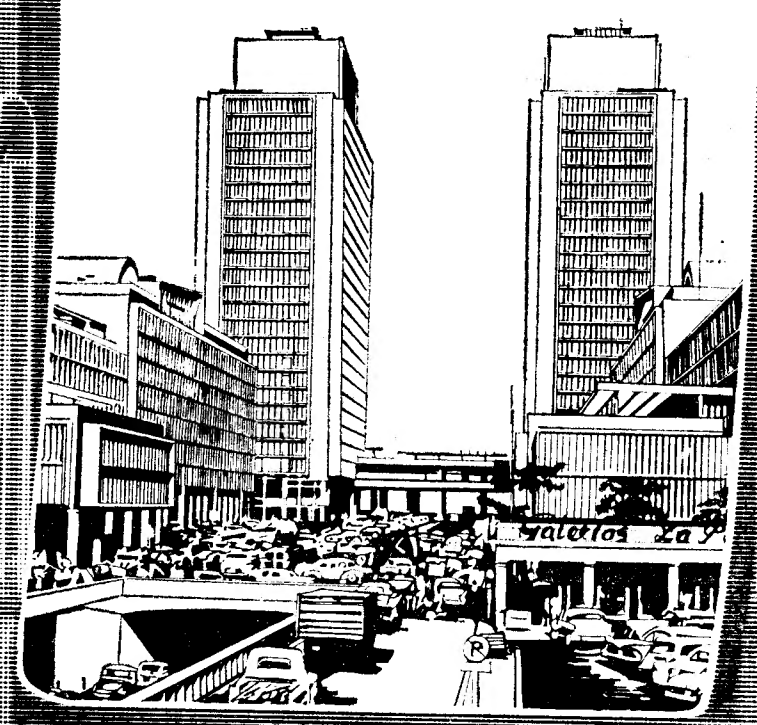
O pagamento dos juros das obrigações, pertencentes às Instituições de Previdência, é realizado na sede da empresa.

Amadora, 2 de Agosto de 1968.

Pelo Conselho de Administração
O Presidente
Francisco Xavier de Morais Pinto Malheiro

a Venezuela começa nos jactos da VIASA

mas Você só deixa Portugal no aeroporto de Caracas



Voe directamente para Caracas
nos jactos DC-8 da Viasa.
Partidas todas as Sextas-feiras e Domingos.
Serviço admirável, cozinha magnífica e pessoal de bordo
e de terra que fala português-tornam a sua viagem um prazer.
Viajar com a Viasa é Viasar-sentirmo-nos em casa.
Dirija-se ao seu Agente de Viagens ou à KLM, Agente Geral
VIASA, Praça Marquês de Pombal, Telef. 530969 562240 561742
Na VIASA o tempo passa voando
VENEZOLANA INTERNACIONAL DE AVIACION, S.A.

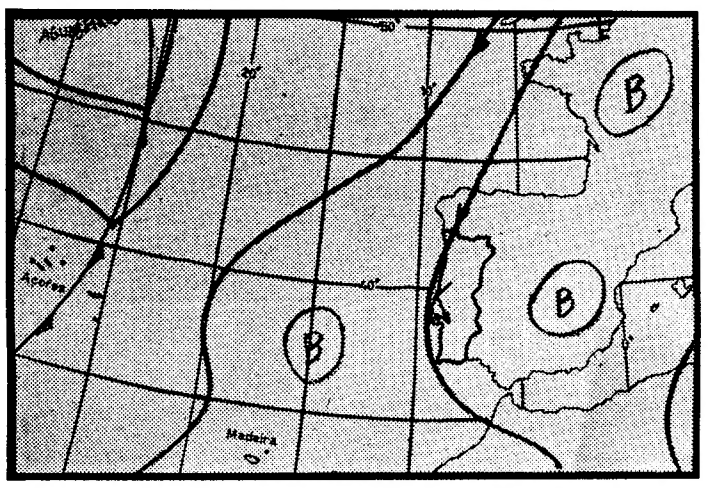
VULCAIN

RELÓGIO SUÍÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar, 18,3°; na atmosfera, 23,4°.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 9 — Uma massa de ar transportada na circulação conjunta de um anticiclone a oeste das Ilhas Britanicas e de uma depresão centrada sobre Espanha deverá influenciar o estado do tempo no continente.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

CÉU LIMPO OU POUCO NUBLADO. VENTO FRACO PREDOMINANDO DO NORTE. NORTADA MODERADA DURANTE A TARDE E PRINCÍPIO DA NOITE, NO LITORAL OESTE. POSSIBILIDADE DE NEVOEIRO DURANTE A MADRUGADA NA ORLA COSTEIRA.

SOL

Amanhã: Nascer ás 6 e 45 Ocaso ás 20 e 39

PREIA-MAR: Dia 8 — 4 e 8 (3,9 m); 16 e 26 (4,3 m). Dia 9 — 4 e 50 (4 m); 17 e 7 (4,4 m). Dia 10 — 5 e 28 (4 m); 17 e 46 (4,4 m). BAIXA-MAR: Dia 8 — 9 e 44 (1 m); 22 e 20 (0,8 m). Dia 9 — 10 e 27 (0,9 m); 23 e 2 (0,7 m). Dia 10 — 11 e 5 (0,9 m); 23 e 39 (0,8 m).

Hoje Dia 16 Dia 23 Dia 30

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada 30 2.º
T. 20954/5 ● Telex 2182

A Central Telefónica Automática de São Mamede de Infesta (Porto) será inaugurada amanhã

PORTO, 8 — Na noite de amanhã para depois, entrará em funcionamento a nova Central Telefónica de São Mamede de Infesta.

Para comunicar aos representantes da Imprensa alguns dados estatísticos sobre a nova central, o conselho de administração dos T. L. P. proporcionou, esta tarde, uma visita ás instalações que vão ser inauguradas.

A Central de São Mamede, com capacidade, inicial, para duas mil linhas, está instalada em edifício próprio, que permitirá a eventual ampliação até um limite de dez mil linhas. Com a sua abertura ao serviço, serão transferidas para ali as 1314 linhas de assinantes, presentemente ligadas á central manual; e entrarão em serviço mais 2855 novas linhas já montadas. Após a abertura ao serviço, far-se-á uma redistribuição e a ampliação da rede de cabos, o que, pela montagem de mais dt 250 linhas pedidas por novos assinantes, permitirá eliminar a lista de espera nessa zona.

O equipamento de selecção automática, instalado na nova central é constituído por selectores do tipo de coordenadas de moderna concepção e fabrico, os quais utilizam-se pela primeira vez no grupo de redes do Porto.

A nova central ficará ligada á Central Principal da Picaria por 138 circuitos troncais, e os seus assinantes passam a fazer automáticamente todas as chamadas locais e regionais e, também, interurbanas para grande numero de zonas do País, tais sejam: Lisboa, Aveiro, Coimbra, Braga Viseu Viana do Castelo, etc.

Quarenta anos desenvolvimento telefónico

A central que vai entrar em serviço serve uma zona que tem tido notável desenvolvimento telefónico o qual se traduz pelos seguintes numeros: em Dezembro de 1928, 38 assinantes; nos mesmos meses de 1948, e 19558, 148 e 629, respectivamente; e em Junho ultimo era de 1314 o numero de assinantes

O empreendimento de automatização de São Mamede importou em cerca de 13 700 contos

A unidade que agora se inaugura faz parte de um plano de automatização do serviço telefónico de várias zonas que circundam a cidade do Porto e foi iniciado pela sua antecessora e a que os T. L. P. tencionam dar o necessário impulso.

Assim, a curto prazo, ou seja, nos anos de 1968 e 1969, além de São Mamede — e para isso já estão encomendados os necessários equipamentos , automatir-se-ão as zonas de Santo Ovídio. Ermesinde e Senhora da Hora.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

BILHAR — Campeonato Regional de Tabela (1.as categorias) — Quarta jornada, a partir das 21 horas, na sala do Leixões Bilharista, em Matosinhos.

FUTEBOL DE SALÃO — Terceiro Torneio do Académico — Série C: Desportivo das Fontainhas-Acad. do Amial, Bairro do Regado-Café Cidade Nova, Sporting de Gaia-Litografia Nacional e Nau Vitória-Atlético do Monte Aventino. Jogos a partir das 21 e 30, no Pavilhão do Académico.

HIPISMO — Concurso «Amizade» (Matosinhos) — A partir das 21 e 30, no hipódromo de Leça da Palmeira, disputando-se as provas «Jornal de Notícias» (percurso de caça) e Batalhão N.º 4 da G. N. R.

NATAÇÃO — Campeonatos Regionais de Seniores — Segunda jornada. na piscina do Fluvial, a partir das 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Preparação da Selecção do Porto — Às 21 e 30, treino na sala do F. C. do Porto.

Exames de confecção industrial pela primeira vez no nosso País

Na sede do Grémio Regional da Industria de Vestuário do Norte decorreram — e pela primeira vez no nosso País — os exames de confecção industrial, perante um juri que foi presidido pelo técnico alemão de confecções, eng.º K. D. Fick e do qual faziam parte os técnicos, srs. António Andrade e Abel Gomes Ferreira, este em representação do Grémio.

Prestaram provas os srs. Arménio de Azevedo, Fernando da Silva Fernandes e Joaquim Rodrigues da Silva, que foram preparados, durante meses pelo sr. professor J. Lázaro. Ficaram aprovados e receberam os respectivos diplomas.

Para encerramento do acto, falaram os srs. professor J. Lázaro e Abel Gomes Ferreira, e ainda o sr. Narciso Pinheiro, em nome do Grémio.

À procura do filho

Esteve numa esquadra da P. S. P. a sr.ª D. Maria Amélia Aguiar, do lugar da Veiga, Vila Boa do Bispo (Marco de Canaveses) pedindo que seja descoberto o paradeiro do seu filho. António de Aguiar Duarte, que trabalha em Lisboa, na Rua das Ameixoeiras e do qual não tem notícias há cerca de um ano. O jovem, que conta 20 anos, tem de se apresentar á inspecção militar.

Ocorrências policiais

Queixaram-se na P. S. P. as sr.as D. Bertha Bet, holandesa, acidentalmente no nosso País, de que, em Albufeira, lhe furtaram um rádio-portátil; e D. Maria de Fátima Pedrosa Damas da Costa, de São Vicente (Vila da Feira), por lhe terem furtado uma carteira com milhares de escudos e um passaporte.

A Polícia Judiciária recebeu comunicação da G. N. R. de Arcozelo, sobre um assalto á residência do sr. José Dias de Oliveira, em Aldeia Nova, Serzedo (Gaia), de onde foram roubados 7000$00. Os larápios partiram um dos vidros de uma janela das traseiras.

Encerramento da Biblioteca Pública

À semelhança dos anos anteriores, a Biblioteca Publica Municipal encerrará os seus serviços de leitura de sgunda-feira até 31 do corrente, para que se proceda aos trabalhos de limpesa e arrumação de fundos bibliográficos e das próprias instalações.

O serviço de consulta do «Diário do Governo» e de outras publicações oficiais, bem como para trabalhos de investigação em curso, funcionará das 10 ás 17 horas.

Caiu do comboio

Na estação de Pedras Rubras, ao subir para um comboio, caiu e foi apanhado pelas rodas de uma carruagem, o aprendiz de caiador, Carlos Alberto da Silva Ferreira, de 14 anos, de Guardeiras (Maia). Foi internado no hospital de São João com o pé esquerdo esfacelado.

Espectáculos para esta noite

TEATROS

FEIRA DO PORTO — Às 20: «Variedades» (6 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Quanto mais quente melhor!» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «As badaladas da meia-noite» (17 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «A vingança do condenado» e «Por favor, enfermeira!» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Fanny» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Deus sabe quanto amei!» (17 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Brigada nua» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Este difícil amor!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «À beira do abismo» e «Búfalo Bill, herói do Far-West» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Às oito no camal» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Esplendor na Relva» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «José do Telhado» (12 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Como matar sua mulher« (17 anos).

amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Quanto mais quente melhor» (17 anos)
RIVOLI — Às 15 e 30: «Operação V-2» (12 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «Onde as balas assobiam» (12 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Jovens de sangue ardente» (12 anos).
BATALHA — Às 9 e 5: «Deus sabe quanto amei» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «A brigada nua» (12 anos)
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Os onze indomáveis patifes» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «O mistério do 13» e «O sucesso» (17 anos).

Diario de Lisboa

COIMBRA

ALUNOS E PROFESSORES DO CURSO DE FÉRIAS DA FACULDADE DE LETRAS REUNIRAM-SE EM CONFRATERNIZAÇÃO

Cerca de oitenta alunos de diversas nacionalidades, do Curso de Férias da Faculdade de Letras, reuniram-se em confraternização, num restaurante da Praça da República, com a presença, também, de alguns professores, que foram convidados. Ambiente de grande camaradagem. Houve, depois, um animado baile.

Hoje, prosseguiram as aulas de manhã, de Língua Portuguesa — I e Conversação, para o Curso Elementar; e Língua Portuguesa — II, para o Curso Complementar; Linguística Portuguesa e Leituras Comentadas — II, para o Curso Superior. De tarde: Leituras Comentadas — I, para o Curso Complementar e Alguns Aspectos da Cultura Portuguesa, para o Curso Superior. Comum aos cursos complementar e superior, houve aulas, de manhã, do Curso Geral de História de Portugal e, de tarde, do Curso Geral de Literatura Portuguesa.

Deram lições, os srs. profs. drs. Silva Dias, Salvador Dias Arnaut e Valter de Sousa Medeiros, e drs. D. Ofélia Milheiro Caldas e D. Maria José de Moura Santos, Louro da Fonseca, Aníbal de Castro e Aguiar e Silva.

Farmácias de serviço

Rodrigues da Silva — Rua Ferreira Borges (Tel. 22011).
Santa Cruz — Rua das Padeiras (Tel. 23569).
Correia — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).
S. José — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

Corpo docente da Faculdade de Ciências

Na reitoria da Universidade celebrou-se o acto de posse, pelo sr. dr. Armando José Ponce de Leão Policarpo, do cargo de professor extraordinário do 1.º Grupo, 2.ª Secção da Faculdade de Ciências.

A posse foi-lhe conferida pelo Magnífico Reitor, sr. prof. dr. António Jorge Andrade de Gouveia, que trocou saudações com o empossado. Estavam presentes, entre outros, o director daquela Faculdade, sr. prof. dr. Cotelo Neiva, e os srs. profs. drs. Almeida Santos e Alte da Veiga.

Curso de aperfeiçoamento nos Hospitais da Universidade

Está a decorrer na Clínica Neurológica (Bloco Hospitalar de Celas, dos Hospitais da Universidade) o primeiro Curso de Aperfeiçoamento para Técnicos de Electroencefalografia, no qual estão inscritos vinte alunos, também de Lisboa e do Porto.

O ensino, de feição teórica e prática, é ministrado pelo Chefe dos Serviços de Neurologia, a quem cabe a iniciativa deste curso, que tem o patrocínio da Faculdade de Medicina e dos referidos hospitais.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Tivoli — Ás 21 e 30: «O Regresso dos Sete Magníficos» (17 anos).
Esplanada dos Bombeiros Voluntários—Ás 21 e 45: «África, adeus!) (17 anos).

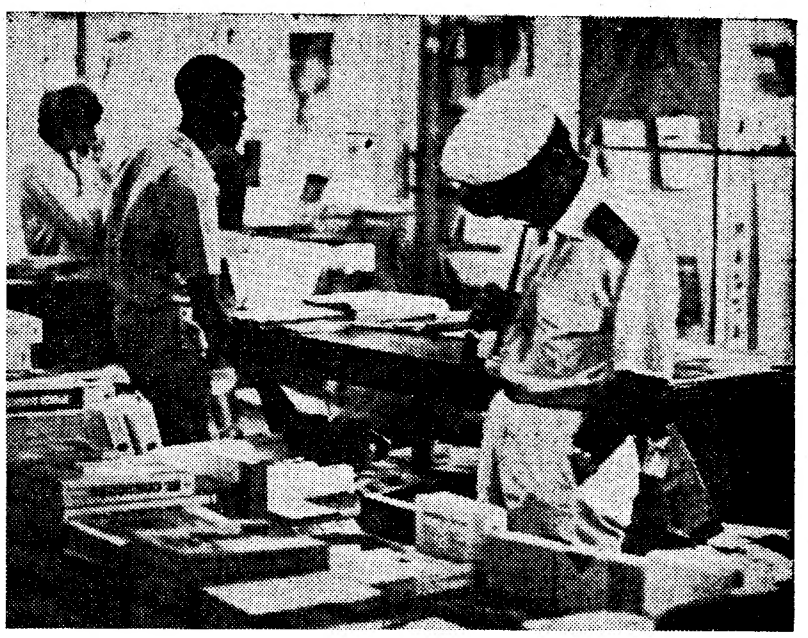
LIQUIDAÇÃO TOTAL
MALAS DE SENHORA DESDE 5$00
SACOS E MALAS DE VIAGEM
PREÇOS ABAIXO DO CUSTO
LOJA DA GROENLÂNDIA
Rua Alexandre Herculano, 1 (a Santa Marta)

LUANDA, CIDADE EM CAMISA

1

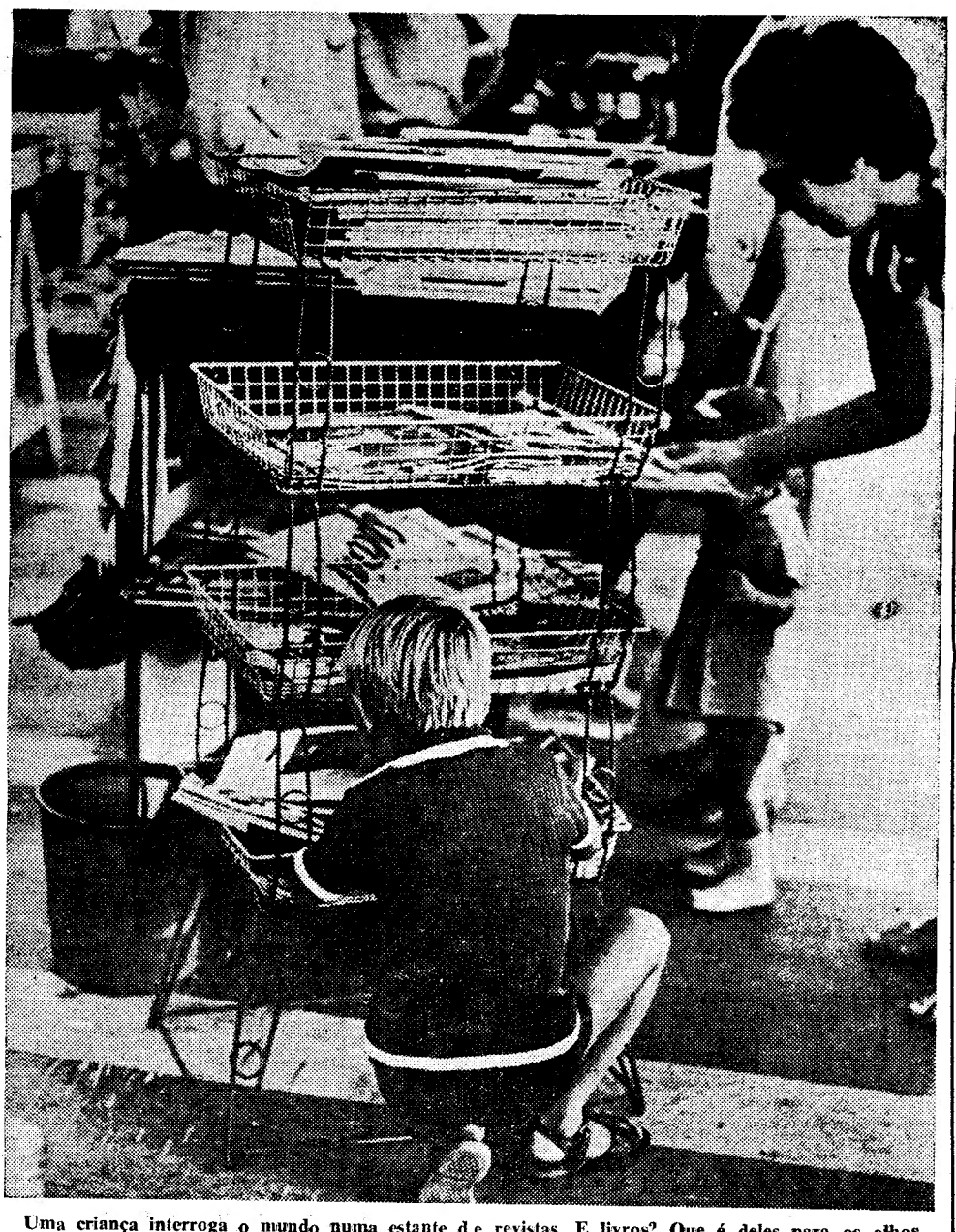
CINQUENTA CONTOS de livros vende diàriamente uma das principais livrarias de Luanda: Cerca de doze mil contos por ano. Ao contrário do que sucedia há alguns anos atrás, a população evoluída, visìvelmente acrescentada, procura, hoje, na leitura, distracção para o lazer e, também, resposta para as interrogações eternas do espírito.

Felizberto Lemos, o gerente da Lello



Militares: boa razão para o incremento do comércio livreiro em Luanda

«Explosão» retardada do comércio livreiro



Uma criança interroga o mundo numa estante de revistas. E livros? Que é deles para os olhos infantis?

No capítulo «livros», pode dizer-se que se assistiu, nos ultimos anos, a uma *explosão* no bom sentido. Uma explosão entravada, é certo, por multiplos factores — mas que bastou para que os clientes das quatro ou cinco principais livrarias luandenses começassem a preferir os autores nacionais e estrangeiros de boa cotação à literatura barata, pretensamente sentimental. Em menos de dez anos, a literatura «amarela» viu-se preterida pelas boas produções de autores sérios. Apesar de todos os entraves.

Recém-chegado da metrópole, ainda à descoberta da capital de Angola, em vésperas de partir para o mato, o alferes estacou diante da montra da livraria e escolheu com o olhar: três ou quatro livros e meia dúzia de revistas. No mato, não teria, certamente, oportunidade de comprar livros e era bom munir-se quanto antes, de boas leituras — pensava.

E comprou. Ao pagar, verificou que as revistas custavam, cada uma, mais 7$50 do que habitualmente por elas pagava na metrópole, poucos dias antes, nas antevésperas de uma nova experiência longa de dois anos. Mais cinco escudos do que «lá em cima». Porquê perguntava-se intimamente. Resolveu saber. Atendeu-o o próprio director da livraria, que o pôs a par dos porquês de tal agravamento de preços e dos motivos do considerável atraso registado na chegada a Angola do livro metropolitano.

Felisberto Lemos é um homem de 54 anos, tranquilo no modo de falar, que não se abre fàcilmente ao primeiro contacto, mas que depois se torna fluente e comunicativo. A sua vida são os livros. Começou aos 14 anos, ainda de calção a vendê-los aos balcões da Coimbra Editora. Passou pela Atlantida, também de Coimbra, e resolveu tentar Luanda. Aqui vive desde 1954, dirigindo a Livraria Lello, a maior de Angola, com sucursais em Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Lobito e Benguela. Também ele nos explicou e nos colocou a par dos problemas do livro em Angola.

● Três meses à espera do «Instinto Supremo»

O «Instinto Supremo», de Ferreira de Castro, foi pedido para Lisboa, pela Lello, em requisições de 10 e 23 de Março e só desde ha poucos dias está à venda em Luanda. Acontece que os livros enviados em encomendas registadas demoram dois a três meses a chegar ao seu destino, em virtude de os Correios não disporem de pessoal suficiente. Por seu turno, as encomendas não registadas demoram cerca de 20 dias, pràticamente nada além do tempo da viagem por barco. Apesar do risco, alguns livreiros preferem esta fórmula para a primeira parte das suas encomendas, procurando bater a concorrência na apresentação da novidade

As maiores livrarias têm um contrato com as editoras metropolitanas mediante o qual recebem, por avião, antes do lançamento de um livro no mercado, a capa respectiva com a menção do número de exemplares que a casa receberá, em consequência de um acordo prévio, baseado nas vendas habituais de tal ou tal colecção. A capa fica exposta nas montras e em escaparates da livraria, à disposição dos clientes, que desde logo podem fazer as suas encomendas. Quando chega, a novidade pouco tempo está na montra. Já tem dono. E então, há que esperar mais algum tempo (bastante), até que chegue o resto da encomenda da livraria.

Reportagem de SILVA PINTO

Em relação ao fixado na metrópole, o preço do livro português sofre, em Angola, um aumento de 20 por cento. Quanto ao livro estrangeiro, verifica-se aqui um câmbio livreiro sensìvelmente mais alto do que o acordado na metrópole: o franco francês vale 7$50; o dolar vale entre 35$00 e 40$00; a libra anda pelos 100 escudos.

Incompreensivelmente, a situação do livro metropolitano é mais difícil do que a do estrangeiro: beneficiando de acordos internacionais, o livro estrangeiro pode chegar a Angola em pacotes de 25 ou 30 quilos, enquanto que as publicações portuguesas, circulando no espaço económico português, não podem ser reunidas em embalagens do peso superior a cinco quilos. Daí que, multiplicados os volumes a despachar, os correios não consigam dar conta do recado com a rapidez que seria de desejar.

● Impostos, taxas & cobranças, Lda.

O livro técnico é especialmente sobrecarregado de impostos e taxas. Vejamos um exemplo: numa encomenda no valor de 1120$00 implica, além dos portes, o pagamento das seguintes alcavalas: 11$50 de imposto do selo; 2$00 de imposto de tráfego; 39$30 de emolumentos gerais aduaneiros, 8$00 de impressos; e 1$20 de emolumentos pessoais. Perfaz um total de 62$00, mas a esta quantia há que acrescentar 2,5 por cento «ad valorem» (neste caso: 28$00), pelo que resulta um agravamento geral de 90$. Por quanto virá a ser vendido o livro? Um engenheiro ou um médico não se importarão de pagar mais (quantas vezes, o dobro!), porque a obra em questão é de necessidade imperiosa.

Também a questão das cobranças se afigura difícil. Os correios dispõem de uma verba mensal limitada para proceder às cobranças e efectuar as transferências respectivas para a metrópole, onde os editores poderão ser reembolsados no prazo de dois ou três meses. Acontece, porém, que a verba (200 a 300 contos) se esgota frequentemente, o que tem como resultado serem as transferências adiadas para o mês seguinte, para a nova verba. E assim por diante...

● Um «Paris-Match» em dia: 62$50

Uma encomenda de revistas parisienses no valor de 444 francos franceses sofreu a aplicação de 379,91 francos de porte simples. Outra, no valor de 232 francos, pagou de porte 218 francos. Quase outro tanto... Por isso, o «Paris-Match» (2 F em França e 15$00 em Portugal) custa 25$50 em Angola. Feitas as contas, quem quisesse receber o «Paris-Match» por avião, na própria semana em que a revista de Raymond Cartier sai em França teria de pagar, por cada uma, a módica quantia de... 62$50. Um pequeno luxo...

As revistas metropolitanas são aqui vendidas a 7$50 (preço na metrópole: 5$00) e chegam também com cerca de um mês de atraso. De jornais diários metropolitanos, nem vale a pena falar — tão fraca é a sua venda em Angola. No entanto, são numerosos os compradores de um conhecido trissemanário desportivo, que, chegado de avião, é vendido a 5$50 (mais 4$00 do que na metrópole), no dia seguinte ao da saída em Lisboa. Coisas do desporto. Poderes do futebol...

Neste momento, com os exames já acabados, as livrarias estão já a fazer as suas encomendas para o início do próximo ano lectivo. E em Agosto, com o carimbo a despedir-se, será a vez de fazer encomendas para os ainda longínquos dias festivos do Natal.

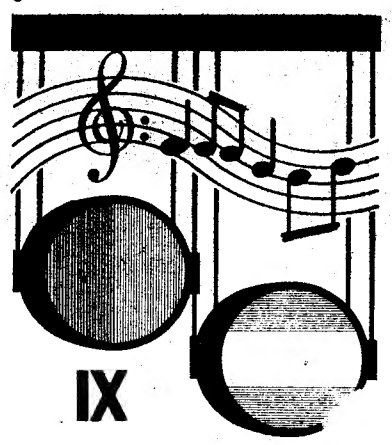
E deste modo vêm os livros e revistas parar a Angola, quando conseguem chegar: para uma *explosão retardada*.

Os bons livros de autores portugueses e estrangeiros já levam a palma à literatura «amarela», pretensamente sentimental

O FESTIVAL DE CANÇÕES COMEÇA AMANHÃ À NOITE

—MAS A PROCISSÃO JÁ ESTÁ NO ADRO

ARANDA DE DUERO, 8 — **Por telex, do nosso enviado especial Neves de Sousa)** — Voltamos a Aranda três anos após o êxito de uma intérprete portuguesa no «Festival luso--espanhol da Canção do Douro». Referimo-nos a Madalena Iglésias, a esbelta criadora de «Sonha» que, com essa melodia de Carlos Canelhas, colocou — com todo o sensacionalismo — uma pausa na hegemonia espanhola nesta mostra de melodias.



IX FESTIVAL Hispano Português da Canção do Douro

Foi (como diremos?) um Festival **sobre pólvora.** Quando tudo fazia prever que a decisão inicial do júri fosse respeitada, eis que as coisas levaram uma volta: e Maria Clara, só porque alguém (de entre a comitiva portuguesa) a julgou já no zénite da sua carreira e sem mais qualquer aspiração profissional, foi espoliada de um prémio que — por unanimidade — o júri resolvera horas antes que apenas nela poderia assentar.

Enfim, andemos para diante...

● Tarefa ingrata? sem dúvida

Este ano, um júri de selecção recrutado no Porto aferiu do valor das quarenta e uma canções apresentadas a concurso: todas com o fito de atingirem uma meta que, «à priori», vale cem mil pesetas — desse valor é o galardão destinado pelo «Alcalde» de Aranda de Duero, D. Luís Mateos Martin, a quem melhor souber cativar o trono da luso-hispânica canção sob um tema chamado Douro.

O grupo seleccionador foi heterogéneo mas (cremos) terá ponderado bem sobre os prós e os contras da escolha de determinado tipo melódico como embaixador da inspiração musical portuguesa. Eis a constituição desse jurado prévio: dr. Paulo Pombo (pela Câmara Municipal do Porto), José Lobo Feijó (por delegação do Secretariado Nacional de Informação), Rogério Leal (da Emissora oficial), dr. Mário Taborda (dos Emissores do Norte Reunidos), Adriano Nazaré (funcionário dos estúdios portuenses da Radiotelevisão), Rui Melo (do Rádio Clube Português) e Luís Ferreira (do nosso prezado colega «Jornal de Notícias»).

Cremos que a tarefa destas individualidades foi bastante espinhosa. Mais (ainda) se salientarmos que, não só o montante dos prémios em disputa mas, também, a pequena aura de fama que se pode conquistar, leva os interessados — por vezes — a meterem o seu «empenhozinho». Chegada a hora da verdade, os sonhos resvalam por água abaixo: ou fica a nu a coligação momentânea, em que a boa fé de uns tantos é explorada pela **tenacidade** de outros...

As canções seleccionadas em Portugal foram as seguintes: «Seu amor, seu destino», «Um barco vem no mar», «O sol voltará», «Mulher de cera», «Não me falem de amor», «Não quero dizer adeus», «O rio, meu rio Douro» e «Rio Douro, passa». Títulos inexpressivos. Ou, talvez, bem elo-quentes: na grande maioria, as etiquetas devem corresponder a produtos do estilo «agite antes de usar». Quer dizer: a puxarem a lágrima ao canto do olho ou, todos folgazões, a chamarem a Maria para a chula e para o vira — que o tempo não vai para tristezas.

Como intérpretes, teremos uma equipa da «Melodia»: António Calvário (que esteve a um passo de mandar o contrato para as urtigas e pretextar doença para não fazer a viagem), mais Gabriel Cardoso, Lenita Gentil, a cançonetista portuense Fernanda Gonçalves e o maestro Resende Dias que, por acaso e ao que consta, também tem composições suas na parada sujeita a julgamento. Redundará a festa em simples confraternização familiar? Vamos espreitar: para contar.

É DIFÍCIL APRENDER PORTU

dos alunos do curso de férias d

«O curso é difícil, difícil estudar e aprender português. Mas é uma língua bela que se gosta de aprender. Por isso vim frequentar o curso, por isso viemos todos, suponha.»

Assim responden Michael Evans, estudante inglês da Universidade de Cambridge («não, não remo!...», disse ao lembrarmos-lhe a velha competição anual com Oxford).

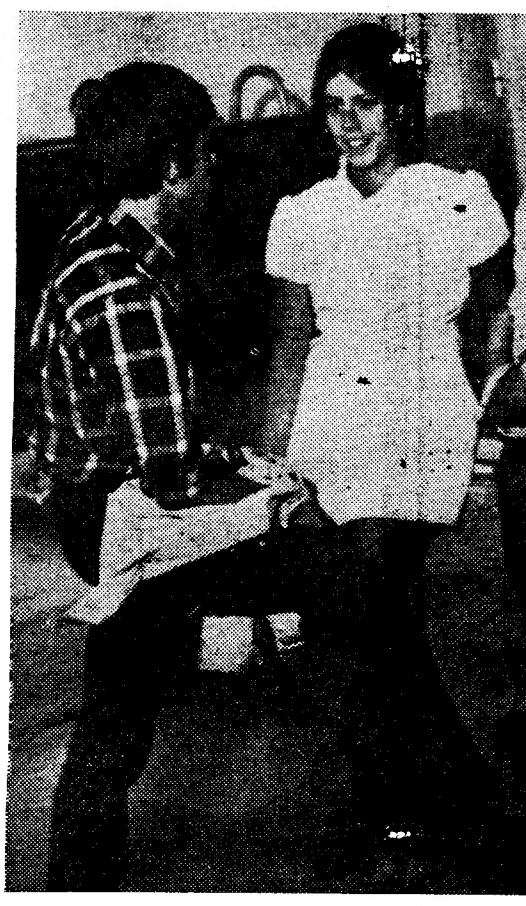
— *Sim é difícil estudar português, mas é bom estar em Lisboa. A cidade, as praias, a comida (gosto muito de peixe, mas não muito de sardinha...), a simpatia das pessoas, as excursões, festas e a camaradagem, tudo, enfim, é extraordinário. De tal maneira que me apetece empregar um termo do vosso «calão...»*

— Qual?

— *Bem, não é muito ortodoxo, mas aí vai: É bestial!*

(Na Faculdade de Letras, começaram esta manhã, precisamente um mês depois da sua inauguração, as provas escritas do XXXIII Curso de Férias. Foi ás 10 horas, nas três secções em que ele se subdivide: Elementar, Complementar e Superior. Apresentaram-se a exame 40 alunos no Curso Elementar, 78 no Complementar e 35 no Superior. Este com maiores exigências abarcou, na prova de hoje, Português Superior, Filologia e Literatura Portuguesas. Isto na parte da manhã, porque, de tarde, os candidatos á obtenção do Diploma Superior terão outra prova, também escrita, versando História de Portugal. A partir de amanhã ás 9 horas, seguem-se as provas orais das traê secções.)

As nacionalidades mais representadas no curso são as alemã-brasileira, inglesa, francesa, norte-americana, italiana e espanhola. Há, também, representantes da Suécia, Suiça, Bélgica, Chile, Áustria e Japão. Com um aluno por cada país temos a Etiópia, Cuba, Austrália, Coreia e Ceilão. A título de curiosidade registe-se a identidade do aluno coreano: trata-se do dr. Shune Joung Chang, de 31 anos, licenciado pela Universidade de Madrid. Frequentou o curso complementar, e foi neste que se apresentou a exame, muito embora s tenha inscrito, também, no elementar e superior. Neste, o superior, a maioria de inscritos foi de brasileiros. Naturalmente. No complementar a maioria foi espanhola. Comopreensívelmente também.



Um alemão, três norte-americanas de origem p Matos) e duas italianas trocam impressões sobr escrever...). Todos frequentam o Curso Eleme

portugueses, muitos dos têm as refe sões, vêm çar ou jan

Com ele (*Lisbona, o bella*) e tr Seus nomes Glória Ama Afinal, tod portugueses, deira, do Co res. Todas de Massachu de Bosotn monumentos seu ar, da queixamo-no nos States praias ma Estoril, Cap nes, eu sei (Évora não a comida, a o fado, são branças des que todos qu ano, de novo

Há quem tempo dimi tancia do C que mais

Monumentos e praias corrida e fados

— *Tenho esatdo hospedado*

Um incêndio que se supõe originado por ponta de cigarro

ALTER DO CHÃO, 8 — Durante a noite, manifestou-se um incêndio na herdade de Vila Formosa, pertencente á sra. D. Maria Amélia Caldeira de Castelo Branco Salinas de Torres Vaz Freire, situada na freguesia de Seda, deste concelho.

Ao que se presume, o fogo, felizmente sem consequências de maior teve a sua origem em qualquer ponta de cigarro atirada, inadvertidamente, para a estrada. E, porque o foco foi assinalado com prontidão pelos empregados daquela casa agrícola que, imediatamente começaram a combatê-lo, quando os Bombeiros Voluntários prontamente lá chegaram, limitaram-se, práticamente, a assegurar o rescaldo.

Ardeu, entretanto, grande quantidade de bom pasto, havendo que referir tudo ter ocorrido nesta eventualidade de modo favorável. De recriminar, mais uma vez, a condenável atitude dos descuidadosos fumadores que se desfazem das pontas de cigarros atirando-as com lume para qualquer lado sem procurar atentar nas graves consequências que esse impensado gesto pode acarretar.

ENSINO PRIMÁRIO

Foram hoje publicados na folha oficial despachos que concedem aumento de vencimento, por diuturnidades, a professores do ensino primário de diversos distritos escolares.

SÃO AMANHÃ SEPULTADOS OS CORPOS DAS CINCO VÍTIMAS DO NAUFRÁGIO DE ONTEM

de Setubal, continuam, aguardando autópsia, os cadáveres dos srs. José Augusto Gomes, de 52 anos, natural de Setubal, agente da «Kodak», filho de José Gomes dos Santos e de Irene dos Anjos Neto Gomes, residente em Lisboa, na Rua Diogo Bernardes, 3, r/c., dir.; sua mulher, sr.ª D. Maria Ricarda Machado Arroio Gomes, de 48 anos, doméstica, natural do Porto; o filho do casal, sr. Carlos Alberto Jesus Silva Gomes, de 29 anos fotógrafo, natural de Lisboa, casado, morador em Odivelas, na Rua D. Leonor, 12, 1.º, esq.; um filho deste, José Carlos Palma Veiga da Silva Gomes, de dois anos e meio; e D. Maria Judite Rosário de Castro Fernandes, de 40 anos, natural de S. Martinho, Funchal, funcionária da firma Oliva, naquela cidade, mulher do sobrevivente, sr. Carlos da Silva Fernandes, de 38 anos, fotógrafo, natural da Madeira, residente no Funchal, na Rua Nova de S. João, 8.

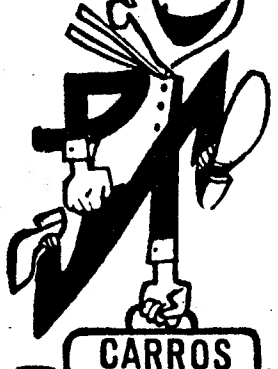
Todos eles foram protagonistas da tragédia ontem verificada, na foz do rio Sado, quando se voltou, devido a um golpe de mar, uma pequena embarcação, adaptada a gasolina, que ficara á deriva, por falta de combustível.

Compareceram ali diversos parentes dos mortos, que serão sepultados amanhã no referido cemitério, a hora ainda não determinada, por se aguardarem alguns documentos e formalidades legais.

Na casa mortuária do cemitério

Um posto de câmbios na Feira do Artesanato

Na Feira do Artesanato, em Cascais, encontra-se a funcionar, desde o dia 1 de Agosto, um posto de câmbios destinado a permitir ao turista estrangeiro trocar, com toda a facilidade e rapidez a moeda do seu país por escudos. As vantagens desta dinâmica iniciativa, que partiu do Banco do Alentejo, reflectem-se não apenas na comodidade oferecida ao turista, como até ao movimento comercial dos expositores, uma vez que tem permitido assinalável volume de transacções, que não se teriam realizado, se aos numerosos estrangeiros que, diàriamente, visitam a Feira, não fosse proporcionada esta possibilidade imediata de adquirir moeda portuguesa. Aliás, a eficácia do serviço oferecido tem sido testemunhada pelo notável movimento registado no posto, desde a sua abertura.



CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS

Taunus 20 M 1966 s/ averbamento
Taunus 17 M 2 p. s/ averbamento
Taunus 17 M 1965
Taunus 15 M T. S. 4 p. s/ averbamento
Taunus 15 M T. S. coupé s/ averbamento 1967
Taunus 12 M P. 4—4 p. s/ averbamento
Taunus 12 M Super 1960
Cortina 1964
Opel Rekord 4 p. 1961

FURGONETAS

Taunus Transit 1962
Citroën 2 cv 1965
Volkswagen 1961

e outros com facilidade de troca e pagamento

Stand Moderno
Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)
CONCESSIONÁRIO
Ford

FÉRIAS EM SETEMBRO
NAS
TERMAS DO VIMEIRO
ONDE ENCONTRARÁ
PISCINAS ABASTECIDAS COM ÁGUA CORRENTE A 27°
(com instrutores de natação)
MAGNÍFICAS PRAIAS MUITO IODADAS
Santa Rita — Porto Novo — Conelas
EQUITAÇÃO COM MESTRE
CAMPO DE GOLFE
À BEIRA-MAR, 9 buracos, 2350 m
(com instrutores)
HOTEL GOLFE MAR — 1.ª classe
HOTEL DAS TERMAS: Marcações telefs. 3 e 6
de A-DOS-CUNHADOS e LISBOA:
68 05 68 - 65 14 45 - 65 12 02 - 68 61 43

PORTUGUÊS — opinião geral
e férias da Faculdade de Letras

Com um
nos a Etió-
Coreia e
uriosidade
do aluno
dr. Shune
nos, licen-
de de Ma-
urso com-
que se
nuito em-
também,
or. Neste,

-americanas de origem portu guesa (Glória Amaral, Rose Marie Pedro e Jessica
s trocam impressões sobre o seu exame. (— Há certas palavras tão difíceis de
requentam o Curso Elementar e tencionam voltar de novo, no próximo ano

numa pensão e tomo as refeições na Cantina Universitária.

— E que tal?

— Bem, a comida é barata, mas não é muito boa, diz-nos um inglês, logo apoiado por um alemão (claro, o entendimento é possível!) e outros.

Mas acrescenta:

— Contudo, este senão é compensado pelo convívio com os outros alunos do curso e, principalmente, com os estudantes portugueses. De tal forma que muitos dos alunos do Curso que têm as refeições nas suas pensões, vêm muitas vezes, almoçar ou jantar ao restaurante.

Com ele estão duas italianas *(Lisbona, oh Lisbona é molto bella)* e três norte-americanas. Seus nomes: Rosemarie Pedro, Glória Amaral e Jessica Matos. Afinal, todas descendentes de portugueses. Portugueses da Madeira, do Continente e dos Açores. Todas elas universitárias e de Massachussets. De Acushnet, de Bosotn e de Fall River. Os monumentos da cidade, todo o seu ar, da sua limpeza (nós queixamo-nos, elas dizem que nos States é muito pior), as praias maravilhosas (Cascais, Estoril, Caparica, Sesimbra, Sines, eu sei lá!). As excursões (Évora não esquecerá tão cedo); a comida, a musica moderna e o fado, são as melhores lembranças desat visiat a Portugal que todos querem repetir, para o ano, de novo no Curso de Férias.

Há quem considere um mês tempo diminuto para a importancia do Curso. Há assim que ...que mais tempo para aperfeiçoar seu português e aproveitar (melhor) o Verão português.

— Hei-de regressar «toda queimadinha» ao meu país, frio e distante, diz-nos uma sueca. Uma sueca admirável, obra magnífica da criação.

Um soneto de Florbela.

No curso elementar, a prova escrita constou de um ditado, simplesmente, que Maria Dolires Dominguez, espanhola das Canárias, considerou fácil. Aqui, o profesor de Português é o dr. José Lima Martins.

No curso complementar (professor o dr. Peral Ribeiro), o ditado foi extraído da obra de Ferreira de Castra. Seguia-se uma composição, que os alunos podiam apresentar na forma de carta ou artigo, contando suas impressões desta visita a Portugal.

Quanto ao curso superior, os examinandos depois de terem apreciado o soneto «O que tu és» de Florbela Espanca, tiveram que resumí-lo ou comentá-lo, explicar o sentido de dois versos e, por fim, formular uma frase empregando o verbo *humilhar* no futuro do conjuntivo, na conjugação perifrástica e outra onde o mesmo verbo apareça no pretérito mais que perfeito do indicativo também na conjugação perifrástica.

Entretanto, outros pensam já na partida. E, além doutras e doutros, no «placard», a jovem Héléne Dubois afixou a oferta de dois lugares disponíveis, para viagem de automóvel, de Lisboa a Toulouse, com partida depois de amanhã.

Vamos, leitor?

Torre de Babel

João Medina

O REGRESSO DE ULISSES

Como a felicidade não tem história (por esse motivo é a Suiça país tão simpático mas desprovido de grandes acontecimentos), pouco nos conta Homero sobre a vida de Ulisses desde que o herói regressou ao recato doméstico, uma vez punida a cupidez dos pretendentes que lhe ameaçavam o tálamo e a fazenda. Salvas ambas, retomadas as rédeas do reino, Ulisses deixa de ocupar o poeta, interessado apenas em tirar partido dos longos anos de sublime vagabundagem pelas sete partidas do estreito mundo de então, o qual, como se sabe, cabia todo naquela lagoa que serve hoje para cruzeiros de Verão e que os romanos, muito egoístas, chamavam «Mare nostrum».

Todos recordam os feitos, as armas e as astúcias do solerte varão desde o momento em que, fechada a tenda da guerra de Tróia, os reis e hoplitas fizeram as malas e voltaram para o tédio de Lisistrata ou para os tumultos da tragédia, em obediência aos fados e ás conveniências das normas estéticas depois catalogadas pelo Estagirita, vulgo Aristóteles. Mas se um Agamémnon, acatando a «voz do sangue» (a maldição dos Átridas), voltava burguêsmente para o lar, doce lar *(aliás amargo, tredo e sangrento, como ninguém ignora), Ulisses entrava no círculo infernal das viagens em ziguezague, peregrinando daqui para ali, dos lotófagos para os ciclopes, destes para os cimérios, passando por Circe (à qual François Mauriac comparou um dia a loira Brigida Bardota) e outras mulheres fatais, «vamps» da poesia grega. Uma vez desprendido do amor nada cómodo embora melado de Calipso, ninfa imortal cobiçosa do corpo mortal do ilustre heleno, arribado a bom porto graças à ajuda de Alcinoos, rei dos feácios, símbolo da boa hospedagem e da xenofilia (sentimento de todo perdido no mundo de hoje ou, pelo menos, nesta Europa das férias pagas), logrou enfim o herói singrar em linha recta até Ítaca, onde encontrou um exame de madraços a cobiçar-lhe a mulher e o reino.*

Punidos como convinha todos aqueles velhacos, durante a inesquecível cena do massacre na sala do festim, pôde Ulisses reencontrar a esposa, a família, o lar, o mando. Mas que fez ele, — depois? *Apesar de tudo, alguma história há-de ter a Felicidade, mesmo que não passe duma história monótona, helvética, ronronante. Tentemos portanto fantasiar o que teriam sido os anos suiços de Ulisses em Ítaca, depois da longa odisseia. Como a assistência social da Antiguidade não devia pagar aos reis em exílio os abonos em atraso nem as indemnizações por acidente devido à raiva de Poseidon, inimigo pessoal do herói, será de calcular que Ulisses encontrasse a fazenda pública de Ítaca em péssimo estado, as secretarias atulhadas de funcionários incompetentes e corruptos, os campos abandonados, a instrução confiada a metecos sem elevação moral (já então o* meteco *era tido como forçosamente mau, subdesenvolvido, inculto, fautor de desordens, subversões, etc.), as ruas por calcetar, os palácios a pedir reparações; enfim, o caos em perspectiva, caos financeiro, administrativo, económico, político. Para remediar a tudo isto, parece que o solerte varão, apelidado «polytropon» pelo bardo, teria instaurado uma estratocracia implacável e que, apesar de nada resolver, teve pelo menos o grande mérito de expulsar da Ítaca os metecos, instaurando no reino uma moralidade nova. Telémaco, mais liberal que o pai, foi convidado a fazer estudos de línguas bárbaras na terra dos feácios e todos os descontentes amàvelmente metidos num barco e convidados com insistência a irem colonizar as ilhas desertas da Ásia Menor. Uma vez restabelecida a Ordem, dedicou-se o herói a escrever as suas memórias. Parece que teria morrido quando entrava no capítulo V, intitulado «Antinoos, rei dos feácios, acolhe com a devida honra o valente Ulisses».*

Apesar da aura que lhe valeram tantos perigos e tribulações em luta contra os elementos, animais fabulosos e povos bárbaros, parece que Ulisses não gozava de inteira admiração dos seus súbditos: a glória passa depressa, os defeitos e os erros dos homens são mais notados do que as suas frágeis virtudes transitórias; assim, depois de ter vivido alguns anos dos dividendos da sua lenda, Ulisses conheceu o desfavor e a ingratidão dos seus. Gorda, envelhecida, Penélope perdeu quanta formosura tinha e passou o resto dos seus dias a tricotar vestuários excêntricos; disseram os esculápios tratar-se de efeitos da menopausa. Quanto ao herói, a calvície e depois as doenças reduziram-no a um triste ancião no qual as gerações mais novas dificilmente logravam ver o guerreiro de Tróia, o amante de Calipso, o atleta que matara o Ciclope e domara a intratável Circe. A insolência dos jovens vieram, por fim, juntar-se as agruras da política, as dificuldades financeiras e a hostilidade geral do reino. Quando um dia correu a notícia da morte do herói, ninguém o chorou, nenhum treno subiu ao céu de Ítaca.

Paris, Agosto de 1968

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto às pessoas de amizade
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª
JÁ ANUNCIADAS
6.ª) — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE
7.ª) — D.ª MARIA BONANÇA CARVALHO — FOZ
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

EMACO
EMPRESA DE ADMINISTRAÇÃO E CONSTRUÇÕES S. A. R. L.
Agradece a todos os interessados o favor de notarem que os seus escritórios foram transferidos para:
Rua Barata Salgueiro n.º 53 - r/c.
Telefones: 539016, 539017, 539018.

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1896
COMO O FAZ HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

NIXON CANDIDATO

Os republicanos consideram 1968 o ano da sua oportunidade

(Continuação da 1.ª página)

O Partido Republicano, ao escolher Nixon, rejeitou a opinião generalizada de que o antigo vice-presidente perdia sistemáticamente as eleições e de que para vencerem em Novembro precisavam de um candidato de tendência liberal como o governador Rockefeller.

OITO HORAS DE DISCURSOS E RUIDOSAS MANIFESTAÇÕES

A escolha do candidato republicano verificou-se após oito horas de discursos e ruidosas manifestações no típico estilo colorido da política americana.

Foram apresentadas, oficialmente, á Convenção as candidaturas de nove políticos além dos três principais concorrentes. Um deles, o antigo governador Harold Stassen, foi proposto pela quinta vez desde 1944 e recebeu apenas dois votos.

Nixon não se encontrava na sala mas acompanhava os acontecimentos do seu hotel através da televisão. Só pouco antes de começar a votação é que saiu do hotel e se dirigiu para a Convenção.

A manifestação mais barulhenta da noite foi, provàvelmente, a dos adeptos de Rockefeller, que se mostraram tão exuberantes que foram necessários dez minutos para os convencer a voltarem aos seus lugares e a calarem-se para permitirem o prosseguimento dos trabalhos.

UNANIMIDADE

O resultado da votação, antes dos delegados terem decidido apoiar Nixon por unanimidade, dava a Rockefeller 277 votos e a Reagan 182.

Reagan apareceu sorridente na tribuna recebendo uma entusiástica ovação ao admitir a derrota e propondo um voto unânime a favor de Nixon.

Reagan afirmou que a unidade do Partido em volta do su candidato era necessária na certeza de que «esta grande nação não poderá sobreviver se continuar durante mais quatro anos com a mesma política que tem seguido por tempo demasiadamente longo».

Quando finalmente Nixon subiu á tribuna para agradecer a nomeação, a maior parte dos delegados já tinha modificado a sua votação passando a apoiá-lo.

A delegação do Minnesota, que tinha votado a favor de Rockefeller, foi a primeira a dar um voto unânime a Nixon.

O governador Romney do Michigan, que foi candidato presidencial até Novembro e obtivera 44 votos dos delegados do seu Estado, também deu o seu apoio a Nixon.

O CANDIDATO PROMETE UMA CRÍTICA CERRADA À ACTUAL ADMINISTRAÇÃO

Richard Nixon, falando pela televisão pouco depois de ter sido conhecido o resultado, disse que ganhará as eleições presidenciais em Novembro.

Ao perguntarem-lhe se foi submetido a pressões para a escolha do candidato á vice-presidência, respondeu: «Obtive a nomação sem ter que pagar qualquer preço por ela ou fazer qualquer combinação com outro candidato».

Nixon prometeu anunciar o nome do seu companheiro de lista antes do meio-dia, depois de consultar os dirigentes do Partido. Um dos critérios principais a adoptar na escolha do vice-presidente será o de saber se ele poderá vir a dar um bom presidente.

Nixon prometeu ainda fazer uma campanha eleitoral de crítica cerrada á actual Administração mas salientou que não pretende criar divisões dentro do país.

«Desejo ganhar as eleições da mesma forma que ganhei a nomeação: de modo a que possa unir a nação.»

Rockefeller felicitou Nixon pela sua vitória, que classificou de «êxito espectacular» e disse aos jornalistas que trabalhará a favor da candidatura de Nixon insistindo, porém, que não está interessado na vice-presidência.

Richard Nixon aplaudido por Nikita Kruchtchev após ter pronunciado um discurso durante a inauguração de uma exposição norte-americana em Moscovo, há nove anos. Nixon era então vice-presidente

«Farei amigos em Portugal» — declarou Richard Nixon, em 1963, ao «Diário de Lisboa» no momento em que desembarcava no aeroporto da Portela, a fim de passar três dias no nosso País

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

BARNARD CHEGOU A ROMA PARA EXAMINAR CRIANÇAS DOENTES

ROMA, 8 — (R.) — O cirurgião sul-africano dr. Christian Barnard chegou hoje a esta cidade para examinar um grupo de crianças a pedido da actriz Sofia Loren.

Segundo disse aos jornalistas inicialmente apenas tencionava examinar Paolo Fiocca, de 4 anos de idade, cuja família lhe escreveu para a Cidade do Cabo com a recomendação de Sofia Loren.

No entanto a publicidade feita em torno da sua visita a Roma levou numerosas mães italianas a enviarem telegramas á clínica Moscati pedindo que os seus filhos sejam também examinados.

O dr. Barnard disse no aeroporto não saber ao certo quantas crianças aguardam a sua consulta mas afirmou que as examinará todas.

Um informador da clínica tinha dito ontem á noite que já se encontram ali três e que é esperada hoje ainda outra.

O cirurgião partiu ontem de Johannesburg para uma viagem de três semanas á volta do mundo, sendo Roma a sua primeira escala. Segundo explicou, tinha um compromisso para vir a Roma a fim de ser entrevistado para a TV e preparou tudo para poder na mesma ocasião examinar as crianças doentes.

O cirurgião, que saiu directamente do aeroporto para a clínica Moscati, salientou que actuará apenas como consultor técnico no caso de Paolo Fiocca, a criança que inicialmente lhe tinha sido recomendada por Sofia Loren. Segundo afirmou, depois de examinar Paolo, que tem uma deficiência no septo, informará se a operação para o curar é viável ou não e aconselhará sobre o local mais indicado para a sua realização que poderá ser nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na África do Sul ou na Itália.

Treze mineiros soterrados?

CENTRAL CITY (Kentucky), 8 — (A. N. I.) — Registou-se ontem um acidente — possívelmente uma explosão — na mina de carvão River Queen, que fica a cerca de cinco quilómetros de Central City, localidade situada a ocidente de Kentucky. Suspeita-se de que treze mineiros, que não responderam á chamada, tenham ficado emparedados numa das galerias.

A mina, que pertence á companhia hulheira Peabody, é uma das maiores produtoras de hulha betuminosa.

O hospital Muhlenberg, situado perto de Greenville, recebeu um ferido, afirmando as entidades médicas que está preparado para receber mais.

A administração da mina recusou-se a divulgar informações a respeito do acidente.

Primeira transplantação cardíaca no Japão

SAPPORO (Japão), 8 — (R.) — Médicos anunciaram hoje que realizaram com êxito, no Japão, a primeira operação de enxerto cardio-vascular.

O doador e o recipiendo eram homens, revelava um comunicado da Universidade Médica de Sapporo, situada em Hokkaido, a principal ilha ao norte do Japão.

A operação começou ás duas horas da madrugada e o nome do doente foi indicado como sendo apenas Miyazaki.

Nove horas após a operação a sua tensão arterial e o ritmo do pulso eram normais.

O coração transplantado foi mantido a funcionar com o auxílio de uma máquina enquanto era removido do corpo do doador e transferido para o recipiendo, um jovem de 18 anos que há dez sofria de deficiências cardíacas.

A transplantação, que demorou três horas e meia, foi efectuada pelo professor Juro Wada.

IDENTIFICADO O HOMEM QUE MATOU MANZANAS

SAN SEBASTIAN, 8 — (F. P.) — O assassino de Meliton Manzanas, chefe da Brigada Espanhola de Investigação Político-Social de Guipuzcoa foi identificado pela viuva da vítima, que o reconheceu entre as fotografias de militantes da organização E. T. A. (Movimento Revolucionário Basco) que lhe foram apresentadas pelos investigadores.

Indica-se, de boa fonte, que o jovem terrorista ainda não foi preso, se bem que se suponha estar escondido numa localidade próxima de San Sebastian.

ELCO — ELECTRO COMERCIAL E INDUSTRIAL, LDA.

PORTO - COIMBRA - LISBOA

Por motivo das férias anuais, encerramos todos os nossos serviços de **10 a 25 de Agosto corrente.** Agradecemos a benevolência dos nossos clientes, fornecedores e amigos.

A GERÊNCIA

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA
SECRETARIADO
A duração depende das habilitações das alunas, sendo minima para as que têm a frequência do 5.º ano ou maior preparação.
Essas frequentam turmas especiais
Escola Lusitânia Feminina
RUA DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Avila)
TELEFONES 4 47 30 - 55 35 75

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

NIXON É UM «VENCIDO NATO» — AFIRMOU ROCKEFELLER

MIAMI BEACH, 8 — (A. N I.) — «Estou completamente espantado pelo que tenho visto e pelo que me têm contado acerca das tácticas de Richard Nixon para conseguir a nomeação» — afirmou Nelson Rockefeller, em conferência de Imprensa dada pouco antes do início da sessão da convenção nacional republicana dedicada à eleição do candidato do Partido para a eleição presidencial.

«Primeiro» — prosseguiu — «Nixon afirmou aos delegados do Sul que não apoiaria qualquer lei que julgasse inaceitável para o Sul e agora prometeu aos mesmos delegados que não escolheria um candidato à vice-presidência que desagradasse ao Sul. Não conseguiremos uma vitória nas eleições nacionais se tivermos um candidato que só favorece o Sul. Penso que assim não conseguiremos unir o Partido. O que Nixon conseguirá com isto é unir o Partido Democrático como ninguém mais neste país conseguiria.»

Rockefeller afirmou que Nixon é um «vencido nato», que não conseguiu ganhar uma única eleição em dezoito anos de vida política.

«Não tenho conhecimento de que Nixon tenha ganho alguma coisa, a não ser que tenha sido ao «pocker» — acrescentou.

Novamente candidato aos 55 anos de idade

NOVA YORK, 8 — (R.) — Richard Nixon, que é formado em Direito e natural da Califórnia, foi vice-presidente dos Estados Unidos de 1952 a 1960, durante os dois mandatos do presidente Eisenhower.

Nascido em 1913, éo segundo dos cinco filhos de um marceneiro que pertencia á seita Quaker. De robusta compleição física e 1,80 metros de altura, Nixon alistou-se na Marinha durante a Segunda Guerra mundial e alcançou o posto de capitão-tenente.

Era práticamente um desconhecido na política quando ganhou a sua primeira campanha eleitoral e entrou para o Congresso em 1946. Apenas seis anos mais tarde ascendia á vice-presidência dos Estados Unidos após uma rápida e espectacular carreira nas fileiras do Partido Republicano.

Orador fluente que emprega o seu encanto pessoal para captar as audiências, Richard Nixon tem fama de ser um administrador eficiente e activo. Porém, os seus adversários consideram-no politicamente um oportunista que não hesitou nos seus discursos da campanha de 1952 em apresentar o presidente Truman e os democratas como «o partido da traição» no estilo do falecido senador Joseph McCarthy para quem todos os adversários políticos eram comunistas.

Nixon tem sido extremamente elogiado e extremamente criticado tornando-se uma das figuras mais discutidas da política americana.

Enquanto os seus adversários o alcunham de «Tricky Dicky» (O Richardinho dos truques), Eisenhower chamou-lhe uma vez «o mais valioso elemento da minha equipa» e deu-lhe todo o seu apoio na campanha eleitoral de 1960 contra o falecido John Kennedy.

Quando foi vice-presidente esteve a um passo da presidência, pois, Eisenhower sofreu um ataque cardíaco em 1955 e um ataque cerebral dois anos mais tarde que o poderiam ter afastado da Casa Branca antes de terminar o seu mandato.

gio entre muitos americanos que passaram a considerálo como alguém «capaz de responder á letrta aos comunistas».

O seu famoso «debate na cozinha» com Khrushchev quando visitou a exposição americana de Moscovo, em 1959. elevou o seu prestí-

O mais «jovem»

NOVA YORK, 8 — (F. P.) — Dos três candidatos que decidiram disputar aos democratas a sucessão de Lyndon Johnson, o Partido Republicano, reunido em convenção em Miami Beach, na Florida, escolheu o mais «jovem», Richard Nixon, de 55 anos, feitos em 9 de Janeiro, defenderá as cores depublicanas na eleição presidencial de 5 de Novembro, medindo-se com o homem que o Partido Democrático designar, em Chicago, na ultima semana deste mês.

Ao confiar esta missão ao antigo «imediato» de presidente Dwght Eisenhower, os delegados republicanos provaram, ao mesmo tempo, que não dão crédito à reputação feita a Nixon, há longos anos. Deixou de ser o «eterno derrotado», uma vez que, ao cabo de uma campanha animada, na qual Nelson Rockefeller e Ronald Reagan fizeram tudo para o desviar da investidura republicana, Nixon conseguiu atrair a maioria dos sufrágios dos delegados à convenção.

PREPARATIVOS PARA AS MANOBRAS SUL-AFRICANAS

PRETÓRIA, 8 — (A. N. I.) — Os motoristas foram avisados ontem à noite que um comboio de 700 camiões do Exército sul-africano vai utilizar a «grande estrada do Norte» no próximo fim-de-semana para transportar soldados para a província do Transvaal, onde se realizam as manobras militares anuais.

Uma loira norte-americana revestiu-se de «tickets» de propaganda dos três aspirantes à candidatura pelo Partido Republicano à presidência dos Estados Unidos. Entre Rockefeller, Reagan e Nixon, certa preferência parece ter sido dada a este último, o que saiu certo, pois o antigo vice-presidente obteve hoje, em Miami Beach, a nomeação como candidato pelo «Grand Old Party»

O desejo de paz salientado pelo «New York Times»

NOVA YORK, 8 — (A. N. I.) — «A viragem para pomba», tomada pela convenção republicana quanto ao Vietnam, reflecte a universalidade do desejo de paz entre o nosso povo e abre o caminho ao presidente Johnson para uma nova iniciativa nas conversações de Paris» — escreve, em editorial, o «New York Times».

«Tal iniciativa» — prossegue o jornal — «É claramente viável, a despeito da atitude negativa assumida recentemente pelo presidente e pelo secretário de Estado Dean Rusk. É uma óptima ocasião para pôr á prova as intenções de Hanói, com uma suspensão total dos bombardeamentos e andar para a frente na busca de uma solução política em que estão agora empenhados os dois maiores partidos norte-americanos».

O PENTÁGONO REDUZ AS SUAS DESPESAS

WASHINGTON, 8 — (A. N. I.) — A secretaria da Defesa dos Estados Unidos, para cortar nos seus gastos três biliões de dólares, anunciou que vai retirar do activo 50 navios e oito esquadrilhas da força aérea da Marinha o que poupará 118 milhões de dólares.

O Pentágono sublinhou que esta medida não afectará a esquadra em operações no Vietnam. A maioria dos navios a retirar do activo são pequenas unidades auxiliares de combate e lanchas anfíbias construídas durante a segunda guerra mundial.

Cerca de 1000 oficiais e 12 000 subalternos das unidades retiradas do activo passam para outras missões, mas outros 13 000 homens serão abatidos ao efectivo da Marinha de guerra.

PRESAS 40 PESSOAS NAS DESORDENS RACIAIS EM MIAMI BEACH

MIAMI, 8 — (R.). — A Polícia, dirigente da «campanha dos pobres», dirigiu-se á área e apelou armada de metralhadoras ligeiras, para que terminasse a violência. patrulhava a noite passada a «cida Afirmou: «Faço um apelo aos meus de da liberdade», o *ghetto* dos ne- irmãos: Por favor não recorram á gos em Miami, após grupos de jo- violência. Essa não é a maneira». vens negros, amotinados, apedrejarem automóveis, partirem montras, e se dedicarem á pilhagem e provocarem incêndios.

Uma notícia dizia que o incidente principiou quando um automóvel, transportando apaniguados do candidato presidencial do terceiro partido, George Wallace, de Alabama, foi incendiado.

Ao mesmo tempo, as ruas da baixa de Miami, directamente a oeste do centro da Convenção, no outro lado de Biscayne Bay, encheram-se de negros, que procuravam apanhar o fresco da noite por causa do calor.

Foram presas mais de 40 pessoas e registaram-se, pelo menos, sete feridos nas desordens, a seguir a um comício do «poder de votação» só para negros, convocado para protestar contra as delegações, virtualmente só constituídas por brancos, á Convenção Nacional Republicana, que se realiza em Miami Beach, nas proximidades.

Negros, armados com carabinas, assaltaram, pelo menos, um bar, levando consigo dinheiro e bebidas alcoóolicas e anunciou se que vários outros estabelecimentos e armazens foram, também, assaltados.

Três repórteres da Televisão forom agredidos a soco, ficando ligeiramente feridos, por jovens negros quando tentavam filmar um acto de pilhagem. Jornalistas brancos foram impedidos de assistir ao comício.

APELO DE ABERNATHY

A Polícia agiu rápidamente para acabar com os motins, que se limitaram principalmente á area do «ghetto», a noroeste de Miami, a cerca de 16 quilómetros do auditório onde se realiza a Convenção republicana.

Foram incendiados dois automóveis e vários outros fogos lavraram em prédios desocupados. Pedras foram arremessadas contra carros que circulavam na área e a Polícia fez um apelo aos moradores locais para permanecerem nos seus lares.

O reverendo Ralph Abernathy,

PINTURA PSICADÉLICA PARA UMA MANSÃO

DAVIS (California), 8 — (R.) — Uma milionária desta cidade, figura da alta sociedade, ficou com o exterior da sua mansão senhorial pintada com dísticos radicais como «Amem-se, não façam guerra», a despeito da irritação dos vizinhos, que se opõem á venda da residência a estudantes.

No mês passado, Angelica Hill Dunham, de 45 anos, forneceu á filha e aos amigos pincéis e tintas psicadélicas, dizendo-lhes que pintassem o que quisessem.

Os vizinhos queixaram-se ao município de que a conversão da mansão num lar de fraternidade académica acabaria com o sossego na área.

Os dísticos pintados em todo o edifício, desde o chão ao telhado, avisam o município das coisas «barulhentas» que poderá suportar se não aprovar a venda.

Congo-Brazzaville — uma crise esperada

A crise ocorrida em Brazzaville prova que o antigo Congo francês não ultrapassou ainda a fase de instabilidade que a maior parte das antigas colónias da África Negra conheceram nos anos que se seguiram á sua ascensão á independência.

A revolução de 1963 originou o aparecimento de problemas, e não se passará muito tempo sem que se compreenda que uma viva luta de influência se opunha á administração e ao Movimento Nacional da Revolução que, no próprio seio deste partido, se chocavam tendências moderadas extremistas, que os adversários do socialismo não se tinham acalmado e, por fim, que o exército, tal como acontece em quase todo o «terceiro mundo», era influente, mas está dividido.

O ano de 1966, em particular, foi assinalado por várias crises, uma das quais deu origem á demissão do primeiro-ministro de então, Lissouba; uma outra teve como resultado um motim militar.

Alguns sinais, ás vezes difíceis de interpretar, deixavam prever a crise que acaba de se produzir: a estranha declaração do presidente da República, no mês passado, na qual ele afirmava estar pronto a ceder o lugar a outro «mais dotado que ele» e, sobretudo, a decisão deste de dissolver a Assembleia Nacional (as eleições estavam previstas para o fim do ano), de suspender as actividades do Gabinete político do M. N. R. e de criar um «comité» de defesa da revolução.

Como muitas vezes acontece em África, o conflito do Congo não é de agora; assenta em problemas étnicos, políticos e sociais, e encontramos estas clivagens tanto no exército como no partido ou na administração. Fala-se, em Brazzaville, de uma rivalidade entre as tribos do Norte e as do Sul, o que é apenas um dos aspectos do problema. Mas, se é que a situação criada na capital congolesa autoriza uma interpretação, a experiência do passado e os acontecimentos destes últimos dias, tendem a provar que o diferendo é essencialmente político e que se baseia em concepções divergentes de socialismo.

Há já muito tempo, e apesar de uma conspiração denunciada em Maio último, Massemba-Debat parecia achar mais possível uma «contra-revolução» do que uma acção de elementos de extrema-esquerda pró-chineses. Estes acusavam o chefe do Estado de pôr em causa a linha do seu regime, de renunciar ás nacionalizações, sob pretexto de não comprometer os investimentos estrangeiros.

Como já antes outros chefes do Estado o tinham feito, nomeadamente Modibo Keita, no Mali, ou mesmo Sekou Touré, na Guiné, Massemba-Debat tinha efectivamente, para salvaguardar a economia do país, atrasado o ritmo da experiência socialista, o que lhe valera severas críticas e desconfianças.

Ao que parece, mais uma vez, em terra africana, os militares decidiram arbitrar as divergências políticas.

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

PÍLULAS PARA EVITAR ATAQUES CARDÍACOS

GENEBRA, 8 — (A. N. I.) — Cinco mil cobaias humanas, em três países europeus, estão presentemente a tomar pílulas para evitar ataques cardíacos — anunciou a Organização Mundial de Saúde.

A «operação pílula cardíaca», para experimentar um medicamento que reduz o colesterol da corrente sanguínea, começou na Inglaterra, na Hungria e na Checoslováquia — revelou um informador da Organização.

«Cinco mil homens estão já a participar na experiência, que se destina á pesquisa de meios para combater a arteriosclerose» — afirmou o informador. Os médicos têm esperança neste produto, denominado «Clofibrate».

A experiência, patrocinada pela Organização Mundial de Saúde, pela Fundação Cardíaca Inglesa e pelo Conselho de Pesquisas Médicas da Inglaterra, poderá ser alargada até se utilizarem quinze mil doentes como cobaias.

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA — ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA
E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos com vista excepcional de mar de todas as janelas terá acabamentos especiais com materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES
J. PIMENTA, S A R. L. e J PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora Centro da Amadora frente á estação do C F Portas de Benfica. Parede. Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NÃO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇÃO DE BEM SERVIR COM SIMILARES
INFORMAÇÕES

Lisboa — R Conde Redondo 53. 4.º. Esq.º — Tel 4 78 43 e 4 58 43
Queluz — R D Maria I. 30 — Tels. 95 20 21 e 95 20 22
Amadora — Reboleira — Tel. 93 36 70

AZULEJOS

AZULEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE $60

BANHEIRAS DE FUNDIÇÃO E CHAPA ESMALTADA
PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

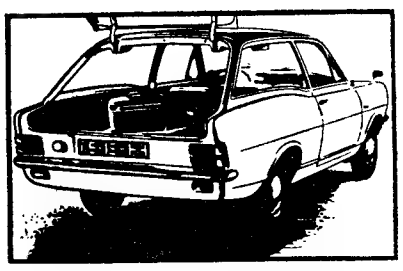
A BOA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

A MAIOR GAMA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO. ESPECIALMENTE REVESTIMENTOS, TINTAS, DROGAS. FERRAGENS E FERRAMENTAS

J. PIMENTA, LDA.
RUA D MARIA I 30
QUELUZ
Praça Padre Eduardo Ferreira de Amaral, 3-A — AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)

viva
DE SUCESSO
EM SUCESSO

O VIVA ESTATE-CAR É "UM CARRO SINGULAR":



VAUXHALL
VIVA
ESTATE-CAR

Cilindrada do motor: 1 159 c. c
Potência do motor: 56,2 c. v.
Capacidade de carga: 1.230 m³
Esc 64 873$50 (Taxas incluídas)

Passageiros ou mista

AUTO-INDUSTRIAL GM

LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 • TEL. 56 25 51 — COIMBRA • LEIRIA
ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 33 96 — CALDAS DA RAINHA

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

CERTIFICADOS DE AFORRO

26.º SORTEIO TRIMESTRAL

Este sorteio realiza-se na sede da JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO no próximo dia 30 de Setembro, pelas 10 horas.

1 — 1.º	prémio	100.000$00
1 — 2.º	prémio	30.000$00
1 — 3.º	prémio	20.000$00
5 — 4.os	prémios	5.000$00 cada
25 — 5.os	prémios	1.000$00 cada

Estes prémios são constituídos por certificados de aforro cujos valores de aquisição correspondem a 70.000$00, 21.000$00, 14.000$00, 3.500$00 e 700$00.

São admitidos a este sorteio os certificados já emitidos e **ainda os que vierem a ser criados até 31 do corrente,** mas não poderão ser atribuídos prémios aos que tiverem sido amortizados ou cuja amortização venha a ser solicitada até ao dia 29 de Setembro.

O 27.º SORTEIO TRIMESTRAL realizar-se-á em 30 de Dezembro de 1968

Os certificados de aforro gozam agora de novas e mais vantajosas condições beneficiando de uma tabela de amortização mais compensadora, a partir de 1 de Outubro próximo.

Peça na Junta do Crédito Público ou em qualquer estação dos correios os novos folhetos explicativos sobre a matéria.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 6 de Agosto de 1968.

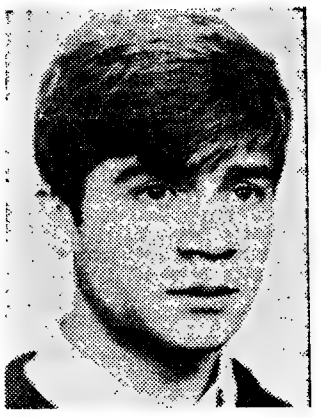
PEL'O DIRECTOR-GERAL
António Noronha

Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

PAQUETE «AMÉLIA DE MELLO»

AVISAM-SE OS SRS. PASSAGEIROS QUE O PAQUETE «AMÉLIA DE MELLO», POR MOTIVOS ALHEIOS À NOSSA VONTADE, ALTEROU A SAÍDA PARA O DIA 11 (ONZE) ÀS 12 HORAS, NA GARE MARÍTIMA DE ALCÂNTARA.

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA



LUÍS ANTÓNIO PEREIRA

Lucinda do Céu Pereira e família participam que o funeral de seu filho e parente Luís António Pereira, morto em combate na Província da Guiné, em 16 de Julho passado, se efectua amanhã, pelas 12 horas, para o Cemitério da Ajuda, saindo da Capela do Hospital Militar Principal da Estrela, onde o corpo estará exposto a partir das 23 horas de hoje.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1968

AVISO

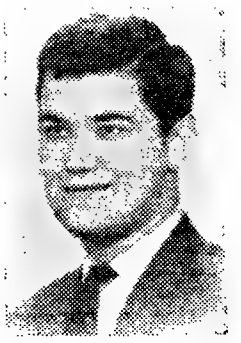
FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UM GERADOR DE VAPOR CONC PÚBLICO N.º 77/68

Para conhecimento dos interessados se notifica que, por despacho da Administração, de 6 do corrente o prazo para a entrega das propostas do concurso em epígrafe, foi prorrogado para as 15 horas do dia 16 de Setembro, efectuando-se a abertura das mesmas ás 16 horas desse dia no Serviço de Aquisições (Piso 01).

Lisboa, 7 de Agosto de 1968.

PEL'O ADMINISTRADOR
Almeida Ribeiro

No CARTAXO o «DIARIO DE LISBOA» está á venda na CASA PEDRO ALVES SUC. RUA DO BATALHOZ



FURRIEL MILICIANO

JORGE MANUEL BAPTISTA DA SILVA

(Morto ao serviço da Pátria na Guiné)

Sua família participa que o funeral se realiza amanhã dia 9 pelas 12 h. da capela do Hospital Militar da Estrela para o cemitério do Alto de S. João.

ARTUR ADRIANO AIRES

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participa que amanhã, dia 9, às 10,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, será celebrada missa pelo eterno descanso de seu saudoso parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Agosto de 1938 publicava:

«WASHINGTON, 8 — O Departamento da Marinha anuncia que três mergulhadores do «Usantvy» bateram o «record» de mergulho em profundidade, graças ao aperfeiçoamento da mistura de oxigénio e hélio para abastecimento do ar. Durante o mês de Julho um mergulhador atingiu a profundidade de 122,5 metros e os outros dois atingiram 152,4 metros.

«O velho método do ar comprimido raras vezes permitiu ultrapassar 90 metros de profundidade.»

CURIOSIDADES

● Vacas mungidas à moderna

Uma fábrica britanica está a produzir secções de mungição que pouca preparação de terreno requerem, e podem ser instaladas com a maior rapidez e facilidade. Assim não se tornam necessárias estruturas.

Para esses estábulos, em três modelos, a unica preparação de terreno necessária é a construção de uma base de cimento, com uma escavação para o fosso do trabalhador. Se, no entanto, não for possível cavar um fosso ou se tal apresentar grandes dificuldades, o gado pode ser colocado em plantaformas elevadas, trabalhando ao nível do solo o encarregado da mungição, feita por meio de equipamento especial.

● As ascorosas moscas

É espantosa a capacidade reprodutora das ascorosas e impertinentes moscas, que, resistindo, ao efeito destruidor de poderosos insecticidas, constituem, por toda a parte, ameaça á higiene e á saúde pública.

Imagine-se que duas moscas caseiras acasaladas em Fevereiro deste ano poderão produzir tal quantidade de descendentes directos que, em Maio de 1969, cobririam a superfície da Terra com uma camada de catorze metros de altura!

ANEDOTAS

A mãe, indignada:

— Mas porque não gritaste por socorro quando o Alfredo te beijou?

— Oh, mãe!... Porque ele não precisava de socorro algum!

☆

Entre amigos:

— Imagina tu que a minha mulher julga-me um tesouro.

— Tens sorte. A minha, então, pensa que sou uma tesouraria.

✱

Um jovem casal foi visitar uns amigos que tinham comprado uma vivenda. Depois de verem a casa, um dos visitantes exclamou:

— É uma maravilha! Mas noto-lhe uma falta...

— Uma falta?! Qual é? — perguntou o proprietário.

— Não tem pára-raios...

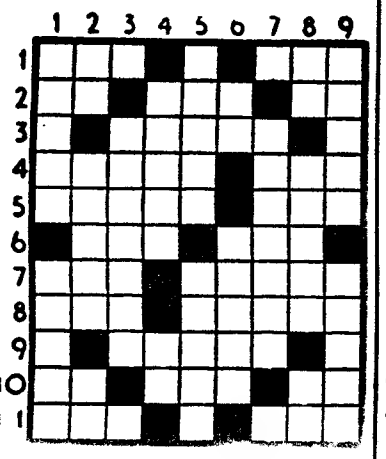
— Ah! não faz diferença. Mora comigo a minha sogra!...

— Este Banco é formidável. E se a gente abrisse conta aqui?

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 4903

(COM PROVÉRBIO)



HORIZONTAIS: 1 — Duas vezes Artigo definido. Mil e quatro em romano. 2 — Artigo indefinido. Nome de mulher Nota musical. 3 — Chama em socorro. 4 — Enfiada Título de uma das mais belas tragédias de Corneille. 5 — Rezara Reze 6 — Estava Vantagem 7 — Rio de França. Volta 8 — Pronome pessoal Desmoronavas. 9 — O mesmo que minhoca 10 — Tempo do verbo haver Ferro temperado 11 — Vaso para vinho. Preposição.

VERTICAIS: 1 — Jumento Muito idoso. 2 — Prefixo de negação. Praia Prefixo que designa afastamento 3 — Acorrentam. 4 — Afia. Seguia 5 — Encaracola. Demasia. 6 — O mais. Em pequena quantidade. 7 — Acudia 8 — Caminhar. Princípio odorífero da raiz da ris. Pata. 9 — Que é do cor das ervas. Deste modo

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4902

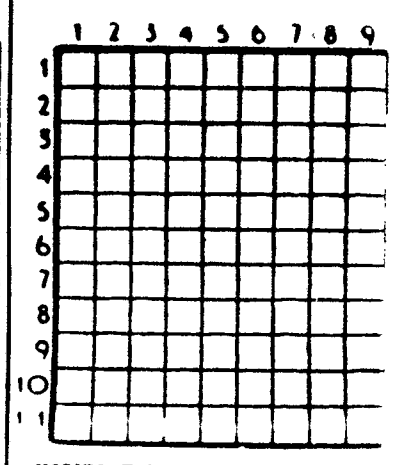
HORIZONTAIS: 1 — Espraiais. 2 — Sara FOME. 3 — Piara To 4 — Erga. Cós 5 — Rea. Dás. E 6 — Am. Pio. Rs 7 — Fão Mac 8 — Cás Cobo. 9 — Zás Pária 10 — Irem. Tear. 11 — Comareira.

VERTICAIS: 1 — ESPERAR. Sic. 2 — Sairem Cara 3 — Praga FAZEM. 4 — Raro. Pás Má. 5 — Dio. 6 — If. Cão. Cate 7 — Aotos. More.. 8 — Imos. RABIAR 9 — Sem Escoara

PROVÉRBIO: **Fome e esperar fazem rabiar.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8747



HORIZONTAIS: 1 — Prender Enrubesce. 2 — Nome dum fruto Içar. 3 — Antepassados. Pesquiso. 4 — Género de plantas santaláceas. Comareiras. 5 — Nota musical. Nessa lugar. 6 — Basta. Claridade. Apelido. 7 — Aqui. Nota musical 8 — Curso de água natural e abundante Preposição 9 — Batráquio Nome de vários papas. O mais. 10 — Fêmea do cavalo. Apre. 11 — Parte aquosa que se separa do leite Gostar muito de

VERTICAIS: 1 — Estimam. Primeira parte do nome de uma vila e concelho do distrito de Santarém. 2 — Cidade de Portugal. Personagem do «Otelo» de Shakespeare 3 — Socorre. Cobalto (s. q.) Cidade do antiga Caldeia. 4 — Nivela. Oferece. Sustento 5 — Letra grega Li. 6 — Perseguição. O mais. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. 7 — Árvore leguminosa Em partes iguais. Antiga unidade monetária da Alemanha. 8 — Roeis Falha. 9 — Guinchos. Chamar em testemunho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8746

HORIZONTAIS: 1 — Crepitara. 2 — Raia. Amar 3 — Usar. Lota. 4 — Ápa. Orar. 5 — Ás Ar 6 — Ai. Til. Aa 7 — Somar. 8 — Orom. Save. 9 — Ul. Má 10 — Poto. Soca 11 — Asou. Isar.

VERTICAIS: 1 — Crua. Aço. Pã. 2 Raspai. Ruas. 3 — Elais Salto. 4 — Pará. Tom. Ou. 5 — Fim. 6 — Talo. Lãs. Si. 7 — Amora. Ramos. 8 — Ratara Vaca. 9 — Arar. Ave. Ar.

AVENTURAS DO TIO CARLOS

VENTOINHAS

ELÉCTRICAS DE VARIOS MODELOS

- RADIO TRANSISTORES
- GRAVADORES DE SOM
- GIRA-DISCOS
- ELECTRO-DOMÉSTICOS

Toshiba QUALITY SINCE 1875

MADE IN JAPAN

DISTRIBUIDORES NOS DISTRITOS DE:

LISBOA, SANTARÉM, LEIRIA, CASTELO BRANCO, GUARDA, VISEU, PORTALEGRE, ÉVORA BEJA e FARO

SCVL — SOC. CENTRAL DE VENDAS, LDA
R. Fanqueiros, 258/262-3
Telef 366187/8/9 — LISBOA

IREL — SOC. IMP DE ARTIGOS DE ELECTRICIDADE, LDA.
R. S. Mamede (ao Caldas), 30-G
Telef. 865449 866614 — LISBOA

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

MORADIAS

JUNTO AO LICEU DE S. JOÃO DO ESTORIL

ÓPTIMAS MORADIAS COM 4 QUARTOS; 3 CASAS DE BANHO; 1 LAVABO; COZINHA, COPA, SALA-COMUM, JARDIM E GARAGEM.

TEM AQUECIMENTO ELÉCTRICO E BONS ACABAMENTOS, ESTILO RÚSTICO.

JUNTO DO NOVO LICEU E DA ESTAÇÃO DO C. FERRO E A 800 METROS DA PRAIA.

PREÇO: 770 CONTOS

Prop. Joaquim Baraona

Est. Marginal, Lote JME-2.º C Cascais

Telefs.: 282345-282388

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

DESPORTO

ESTA NOITE, EM BELÉM DO PARÁ

ESTREIAS DE TONI E PRAIA

NO JOGO BENFICA-CLUBE REMO

• HUMBERTO (EX-JUNIOR) ESTREIA-SE TAMBÉM NA EQUIPA PRINCIPAL

BELÉM DO PARÁ (Brasil), 8. — (Especial para o «Diário de Lisboa» — **No Estádio «Evandro de Almeida» realiza-se, esta noite, um encontro particular de futebol que está a provocar grande interesse nos meios desportivos da região. Defrontam-se as equipas do Clube Remo, de Belém do Pará, e do Benfica, campeão de Portugal.**

Os benfiquistas, que aqui chegaram um dia antes da data prevista, tiveram, por isso, de pernoitar em quartos e enfermarias de um hospital, pois os hotéis da cidade apresentavam aquilo que o estádio deve apresentar esta noite: «lotação esgotada». Só na quarta-feira os campeões de Portugal foram transferidos para o hotel que se lhes reservara, mas o episódio foi aceite com alegre disposição e serviu de tema para comentários mais ou menos anedóticos.

Os futebolistas de Lisboa, com o seu técnico, dirigentes e demais pessoal da comitiva, assistiram ao encontro entre o Santos e o Paissandu. O Santos, com Pelé, ganhou por 3-1, mas as exibições da equipa e do seu famosíssimo «craque» não entusiasmaram o público paraense.

Eusébio não joga?

Sabe-se, em Belém do Pará, que Eusébio foi recentemente submetido a uma operação cirurgica e está ainda em recuperação. No entanto, há a esperança de que o grande jogador português jogue esta noite, ainda que seja por breves minutos. Otto Glória parece admitir, em princípio, esta hipótese, mas também já foi anunciado que o Benfica apresentará inicialmente a seguinte formação:

José Henriques; Jacinto, Humberto, Coluna e Cruz; Toni e Jaime Graça; Praia, José Augusto, Torres e Simões.

...Mas há substituições. E se Eusébio não alinhar de início, todos ficarão á espera de o ver entrar em qualquer altura do jogo.

Peres Bandeira, um treinador jovem mas já com boas provas dadas, é treinador em quem o Atlético confia para o comando da sua equipa, agora regressada ao principal escalão do futebol português. Ontem à noite, o técnico foi apresentado aos jogadores. Esta imagem mostra-nos Peres Bandeira, entre dirigentes do clube, quando exortava os futebolistas do Atlético a uma aplicação que possa levar ao principal objectivo da colectividade: assegurar a permanência na divisão principal

Comissão Administrativa no Mouraria

Em recente assembleia geral, o Grupo Desportivo da Mouraria elegeu uma comissão administrativa para gerir os destinos da colectividade e que ficou assim constituída: presidente, Albertino Teixeira Casquilho; vice-presidente, actividades administrativas, Américo Rosa Ferreira; vice-presidente, actividades recreativas, André dos Santos Almeida; vice-presidente, actividades desportivas, Rogério Silva; secretário, Aurélio Gomes Vicente; secretário, Artur Pedro do Silveira; secretário, Henrique José Pereira; secretário, António da Fonseca; secretário, Fernando Garcia de Almeida; tesoureiro, Florindo Duarte Matos.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS

Lotes de terreno em Cascais, Rebelva e Amoreira, destinados a prédios de habitação colectiva, estabelecimentos comerciais e moradias

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 10 do próximo mês de Agosto, pelas 15 horas, procederá á venda, em hasta pública, dos seguintes lotes de terreno: um lote de terreno no Bairro da Assunção, em Cascais, com a área de 131,44 m², pelo preço base de licitação de 2500$00 cada metro quadrado, destinado a um prédio com 3 pisos para 3 fogos; 2 lotes no Bairro das Fontainhas, em Cascais, com as áreas de 320,85 m² e 326,85 m², respectivamente, pelo preço base de licitação de 1000$00 cada metro quadrado, para prédios com 4 pisos, para 8 fogos; 3 lotes de terreno em Amoreira, com as áreas de 204 m² e 265 m², pelo preço base de licitação de 1.500$00 cada metro quadrado, destinados a prédios com 3 pisos acima do nível da rua, tendo um deles 4 pisos a nascente do lote; 2 lotes de terreno destinados a estabelecimentos comerciais, situados na Rebelva, com as áreas de 135,60 m², e 107,60 m², com 2 pisos, sendo o preço base de licitação de 800$00 e 1.000$00 cada metro quadrado, respectivamente, e dos seguintes lotes destinados a moradias, todos em Cascais, 1 lote no sítio do Cobre, com a área de 360 m², pelo preço base de licitação de 200$00 cada metro quadrado; 4 lotes na Rua de Santa Joana, com as áreas entre 353 m² e 694 m²; 1 lote na Rua Dr. João de Barros, com a área de 365 m², e 4 lotes nas ruas a sul da Rua Dr. João de Barros, com as áreas entre 338 m² e 542 m², todos pelo preço base de licitação de 300$00 cada metro quadrado.

Os projectos dos lotes, condições e plantas, encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Cascais, 26 de Julho de 1968.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

António Azevedo Coutinho
Eng.º Agrónomo

O «REGIONAL» DE HÓQUEI EM PATINS

Empate dos benfiquistas no recinto do Parede

Mais uma jornada do «Regional» de hóquei em patins se disputou ontem á noite, sendo os seguintes os resultados que se verificaram:

Oeiras-C. U. F.	1-1
Sporting J. Salesiana	4-2
P. Arcos-Liga Algés	3-0
Parede-Benfica	1-1
Azeitonense-C. Ourique	3-6
Sintra-Cascais	5-2

Nota destacada da «ronda», o encontro do Parede, onde o cinco benfiquista conseguiu uma igualdade. Diga-se porém que a repartição dos pontos situou-se nos domínios da lógica, uma vez que premeia o excelente labor de ambos os conjuntos. Talvez que os visitados, tivessem criado maior numero de oportunidades de golo, mas os «encarnados» muito coeses e eficientes souberam mentalizá-las originando também muitos momentos de apuro para a baliza contrária.

Merecem também referência os sucessos do Sporting e do Campo de Ourique, assim como a igualdade que a Cuf foi alcançar a Oeiras.

Saliente-se também o «benefício» que da jornada colheu o Sintra, ocupando agora a terceira posição na pauta classificativa logo a seguir ao Paço de Arcos. O Benfica continua em primeiro com 22 pontos.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

QUASE TODOS INSCRITOS

— OS 65 DA 31.ª «VOLTA»

Das equipas previstas para a 31.ª Volta a Portugal em bicicleta, apenas o Ginásio de Tavira e a Ambar não inscreveram ainda os seus representantes. Confirmaram, no entanto, que ambos estarão na prova com formações de seis ciclistas.

Estão inscritos:

BENFICA

1 — António Acúrsio
2 — Francisco Valada
3 — Pedro Moreira
4 — Fernando Mendes
5 — Américo Silva
6 — Augusto Cardoso
7 — Manuel Luís
8 — Wilson Sa
9 — Valdemiro Cardoso
10 — Daniel Vitorino
11 — Manuel Simões

SPORTING

21 — João Roque
22 — Leonel Miranda
23 — Manuel Correia
24 — Emiliano Dionísio
25 — Sérgio Páscoa
26 — Vítor Tenazinha
27 — Norberto Timóteo
28 — José Vieira
29 — Carlos Santos
30 — Vítor Rocha
31 — Firmino Bernardino
32 — Joaquim Agostinho

SANGALHOS

41 — Joaquim Andrade
42 — Celestino Oliveira
43 — António Pereira
44 — João Fonseca
45 — Herculano Oliveira
46 — Lino Santos
47 — Norberto Duarte
48 — Albino Mariz
49 — Joaquim Barreto
50 — Álvaro Andrade

F. C. PORTO

51 — Mário Silva
52 — Joaquim Leão
53 — Alberto Carvalho
54 — Cosme de Oliveira
55 — José Azevedo
56 — Gabriel Azevedo
57 — Manuel de Sousa
58 — Manuel Petiz
59 — José Luís
60 — Custódio Gomes
61 — Joaquim Leite
62 — Manuel Ribeiro

FLÂNDRIA

71 — Noel Van Clooster
72 — Ludo Van Dromme
73 — Marc De Block
74 — Georges Smissaert
75 — André De Marteleire
76 — Romain Furnière
77 — Paul Mahieu
78 — John Hemerycks

Sabe-se, ainda, que será a seguinte a equipa do

G. TAVIRA

— António Teixeira
— António Graça
— Francisco Martins
— Rogério Domingos
— José Maria Nunes
— Marcolino dos Santos

GRANDES DESCONTOS
A PRONTO
FRIGORÍFICOS
ÚLTIMOS MODELOS
RÁDIO REPARADORA-Rua da Palma, 179 (frente aos Correios)

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

ERNESTO NO SPORTING

— TRANSFERÊNCIA QUE SE CONFIRMA

*** Confirmou-se o que noticiáramos num dos nossos ultimos numeros: a Académica entregou a Ernesto o documento de desvinculação e o jogador já pode transferir-se para o Sporting, clube com o qual há muito acordou nas condições financeiras.**

*** Hoje, ao fim da tarde, Peres Bandeira dirige a primeira sessão de treino do Atlético. Novos jogadores do clube: Canário (ex-Académica), José Luís (ex-Almada), Simões (ex-Belenenses), Murraças (ex-Espinho) e Rosário (ex-S. L. Águias). Os alcantarenses estão esperançados, também, em que o Benfica lhes ceda temporáriamente o hábil avançado Vieira.**

*** Ainda não se conhecem as equipas participantes no torneio particular de futebol a promover pelo Sporting. Uma das hipóteses: Spartak Trnava, campeão da Checoslováquia.**

*** O Belenenses defrontará o C. R. Badajoz em duas partidas: no Restelo, no dia 22; no «Campo del Vivero», em Badajoz, em 31. Prevê-se também a possibilidade de um outro encontro, com o Bétis ou com o Sevilha.**

*** A equipa do F. C. Porto vai disputar vários jogos em Espanha. Valência, Pontevedra, Gijon, S. Sebastian e Las Palmas figuram no possível «roteiro» dos portuenses.**

Gincana Automobilística em Coruche

Integrada nas festas em honra de Nossa Senhora do Castelo, que se efectuam em Coruche, realiza-se no próximo dia 16, no campo de jogos daquela vila ribatejana, uma gincana de perícia automobilística, que está a despertar o mais vivo interesse na região.

Estarão em disputa vários taças e objectos artísticos.

ASSEMBLEIA GERAL DO SPORTING

No Estádio José Alvalade, prosseguem esta noite, ás 20 e 45, os trabalhos da assembleia geral do Sporting Clube de Portugal, suspensos na última reunião daquele órgão do clube.

OS JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Foram os seguintes os resultados dos encontros ontem á noite realizados, respeitantes aos V Jogos Juvenis do Barreiro:

MINI-BASQUETEBOL — *Rapazes — Escalão B* — Ginásio, 6-Amadora, 12; Serpa Pinto, 23-1.º de Maio, 6; Casalense 31-Seixal «B», 10; Real, 24-Seixal «A», 18.

FUTEBOL DE «ONZE» — *Escalão C* — Leais «A», 21-Amoreirense, 8; Real, 2-Galitos, 2; Seixal, 1-Unidos, 2; Serpa Pinto, 0-Quinas, 1.

DESPORTO

Dois «records» nacionais batidos nas provas de natação

Além de outras decisões tomadas na primeira reunião que o «comité» directivo da F. I. S. E. C. efectuou no Palácio da Indepencia, ficou também assente que os próximos jogos se disputem no Líbano. Foram também aprovados os cinco primeiros capítulos dos novos estatutos da organização.

Ontem à tarde, os dirigentes da F. I. S. E. C. estiveram no Palácio Nacional de Belém, onde foram recebidos pelo Chefe do Estado, a quem foram apresentar cumprimentos e oferecer a medalha de honra da F. I. S. E. C. e um distintivo dos jogos.

No sector desportivo, o Pavilhão da Ajuda voltou a ser cenário de algumas competições: a Espanha venceu a França em basquetebol (68-47) e Portugal ganhou á Itália (48-43). Entretanto, nos «courts» do Estádio Nacional disputaram-se as primeiras partidas de ténis, registando-se os seguintes resultados:

Singulares: Alberto Martorell (Espanha) venceu Vasco Palmeirim (Portugal), por 2-0 (6-2 e 6-2); Alfredo Coco (Espanha) venceu Conor Sparks (Irlanda), por 2-0 (7-1 e 6-0).

No encontro de pares Vasco Palmeirim-José Benito Garcia (Portugal), venceram Alfredo Coco-Alberto Martorell (Espanha), por 2-0 (7-5 e 7-5).

As provas de natação começaram ontem á noite a disputar-se na piscina dos Olivais e pode dizer-se que começaram da melhor forma para a equipa portuguesa, pois foram batidos dois «records» nacionais: o dos 100 metros costas, juniores, por Carlos Monteiro da Silva com o tempo de 1 m 8,2 s e o dos dois hectómetros, também na categoria de juniores, que Bessone Alves percorreu em 2 m 18 s no primeiro percurso da estafeta 4×200.

Foram os seguintes os resultados das competições efectuadas:

100 M LIVRES — 1.ª eliminatória: 1.º, Culebras (Espanha), 59,1 s; 2.º, Martiner (Irlanda), 1 m 1 s; 3.º, Repas Gonçalves (Portugal), 1 m 1,2 s; 4.º, Gerber (França), 1 m 2,2 s; 5.º Antoni (Itália), 1 m 3,3 s.

Todos apurados para a final.

2.ª eliminatória: 1.º, Lourenço Fernandes (Portugal), 1 m 10,1 s; 2.º, Navarro (Espanha), 1 m 10,9 s; 3.º, Chaney (Irlanda), 1 m 11,9 s; 4.º, Courtens (Bélgica), 1 m 13 s.

Apurados para a final os três primeiros.

ESTAFETA 4×200 M LIVRES — Final: 1.ª, Espanha (Salas, Culebras, Navarro e Prets), 9 m 2,8 s; 2.ª Portugal (Bessone Alves, Rosa Jorge, Repas Gonçalves e Julio Ribeiro), 9 m 27,2 s: 3.ª, Irlanda (Martimer, Geraghm, Chaney e Page), 10 m 10,6 s; 4.ª, Bélgica (Humbert, van de Venne, Courtens e Thyssen), 10 m 31,9 s.

2.ª eliminatória. 1.º, Salas (Espanha), 1 m 0,3 s; 2.º, Kand (Luxemburgo), 1 m 2,2 s; 3.º, Page (Irlanda), 1 m 3,6 s; 4.º, Julio Ribeiro (Portugal), 1 m 4,3 s; 5.º, Vandevenne (Bélgica). 1 m 7,5 s.

Apurados para a final os três primeiros.

100 M COSTAS — 1.ª eliminatória: 1.º, Badia (Espanha), 1 m 9,6 s; 2.º, Humbert (Bélgica), 1 m 10,3 s; 3.º, Chaney (Irlanda), 1 m 12,7 s; 4.º, D'Anchald (França), 1 m 14,9 s.

2.ª eliminatória: 1.º, Carlos Monteiro da Silva (Portugal), 1 m 8,2 s, novo «record» nacional de juniores; 2.º, Estany (Espanha), 1 m 8,4 s; 3.º, Kaude (Luxemburgo), 1 m 15 s; 4.º, Page (Irlanda), 1 m 18,7 s; 5.º, Ramacciotti (Itália), 1 m 19,6 s.

Apurados para a final os três primeiros.

100 M MARIPOSA — 1.ª eliminatória: 1.º, Les (Espanha), 1 m 5,7 s; 2.º, Ravelinghem (França), 1 m 7,6 s; 3.º, Tryssem (Bélgica), 1 m 8,7 s; 4.º, Frigieri (Itália), 1 m 9,1 s; 5.º, Geragnby (Irlanda), 1 m 9,7 s.

CARLOS MONTEIRO DA SILVA

Brito da Cruz
— O melhor português no Concurso Hípico da Corunha

CORÚNHA, 8. — (A. N. I.) — Com um segundo e um quarto lugares, o cavaleiro Brito da Cruz foi o melhor dos portugueses que participam no Concurso Hípico Internacional da Corunha, nas duas provas de ontem.

No prémio «Metal Mazda» (prova á americana, com 39 concorrentes) a classificação foi a seguinte:

1.º, Segovia, na «Ouvreuse», 40 pontos; 2.º, Brito da Cruz, Portugal, «Capim», 38; 3.º, Maestre, no «Begónia», 37; 4.º, Docal, no «Camarada», 34; 5.º, Queralt, 23.

«Grande Prémio da Corunha» (dez concorrentes):

1.º, Segovia, no «Roquelo», 0 pontos; 2.º, Figueiroa, no «Huantay», 4; 3.º, Nunes de Carvalho, no «Dominó», 4; 4.º, Brito da Cruz, no «Fox Glove», 10; 5.º, Elmano Costa, no «Ali Kan», 13.

O MANCHESTER PREPARA-SE PARA A «INTERCONTINENTAL»

Matt Busby e Louis Edwards, respectivamente director técnico e presidente do Manchester U., estiveram há dias em Buenos Aires, acompanhados por Robert Houssey, gerente de uma companhia de aviação que escala Manchester e representante dos Estudiantes de La Prata, a fim de tratar de todos os pormenores relacionados com a deslocação dos campeões da Europa áquela cidade no próximo mês de Setembro, para disputarem com os platenses o primeiro encontro da «Taça Intercontinental».

Assim inspeccionaram as instalações do Hindu Country Club, onde a delegação inglesa deverá ficar concentrada, e visitaram o Estádio do Boca Juniors, onde se disputará o encontro.

Numa conferência de imprensa Busby declarou que «o Manchester não é o protótipo da equipa europeia», acrescentando que no conjunto há outros elementos como, por exemplo, «o individualismo que existe em vários jogadores e que pode comparar-se com o que sempre tem caracterizado os sul-americanos», casos de Bobby Charlton, Georg Best e Danis Law. E acrescentou: «Mas no aspecto colectivo, além da disciplina, ordem e força, a equipa conta com uma boa dose de habilidade, de virtuosismo».

Assembleia Geral no Oriental

O Clube Oriental de Lisboa, reune-se em assembleia geral ordinária, no próximo dia 11, pelas 20 e 30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Relatório de contas da direcção do ano de 1967; relatório e parecer do conselho fiscal; eleição dos corpos gerentes para 1968.

Pugilismo

Uma vitória de Emile Griffith

FILADÉLFIA, 8 — (A. N. I.) — o pugilista norte-americano Emile Griffith, antigo campeão dos meios-médios e dos médios, venceu aos pontos por unanimidade o seu compatriota Joe Harris, num combate de 12 assaltos, disputado no Palácio dos Desportos de Filadélfia.

É a primeira derrota sofrida por Joe Harris, que conta 23 anos, ao longo da sua carreira de pugilista.

CONCURSO DE PESCA DO COIMBRA CLUBE

O Coimbra Clube promove no próximo dia 11 do corrente, o 2.º Grande Concurso Popular de Pesca Desportiva do Rio, que se realiza na concessão do C. R. C. em Pereira do Campo, estando em disputa diversas taças e medalhas.

BRASIL, 4 — ARGENTINA, 1

RIO DE JANEIRO, 8 — (A.N.I.) — A selecção de futebol do Brasil venceu a da Argentina por 4-1, num encontro disputado no Estádio do Maracanã, ontem á noite, perante 45 000 espectadores, que aclamaram delirantemente a actuação dos antigos campeões do mundo.

Ao intervalo os brasileiros ganhavam por 1-0, tento obtido por Valtencir. Roberto marcou duas vezes, aos 48 e 75 minutos, elevando o resultado para 3-0. Jairzinho aos 87 minutos fez o quarto golo dos brasileiros. Um minuto depois Rendo obteve o ponto de honra para a Argentina.

As equipas alinharam:

BRASIL — Félix; Moreira, Brito, Leónidas e Valtencir; Carlos Roberto e Gerson; Nado, Roberto, Jairzinho e Paulo César.

ARGENTINA — Sanchez; Ostua, Perfumo, Basile e Malberat; Aguirre e Rendo; Solari, Yazaldi, Veeiro e Mas.

A selecção brasileira vai agora fazer uma digressão pela Europa.

SOREFAME

Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L.

Capital Realizado: 160 000 000$00

Rua Vice-Almirante João António Azevedo Coutinho — AMADORA

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Conforme foi oportunamente anunciado, procedeu-se no dia 30 de Julho próximo passado ao 7.º sorteio, para efeito da amortização de 793 obrigações do 1.º empréstimo de 5 por cento, 1960-1980, tendo sido sorteados os seguintes títulos:

Títulos de 100 obrigações: 12001, 23501, 24201, 26401, 27601

Títulos de 20 obrigações: 10551

Títulos de 10 obrigações: 6651, 7191, 7261, 8241, 8261, 8391, 9451, 9941

Títulos de 5 obrigações: 2296, 2351, 2491, 2516, 2606, 2706, 2846, 2886, 3266, 3301, 3311, 3331, 3691, 4591, 4641, 4676, 4896, 5011, 5266, 5561, 5581, 6091, 6141

Títulos de 1 obrigação: 68, 78, 142, 152, 173, 189, 196, 263, 331, 335, 435, 481, 487, 509, 517, 538, 563, 637, 643, 720, 729, 749, 881, 943, 969, 1013, 1042, 1132, 1145, 1195, 1226, 1236, 1278, 1347, 1354, 1443, 1467, 1474, 1536, 1551, 1568, 1590, 1786, 1830, 1869, 1878, 1929, 1957, 2008, 2031, 2044, 2054, 2067, 2080, 2105, 2120, 2163, 2186

Ultimo cupão a pagar n.º 16

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números:

N. B — Restam a reembolsar:

6.º SORTEIO

Títulos de 10 obrigações: 8061

Títulos de 5 obrigações: 2236, 2466

Títulos de 1 obrigação: 33, 69, 107, 416, 569, 708, 774, 1535, 1982, 1988

Ultimo cupão a pagar o n.º 15

5.º SORTEIO

Títulos de 5 obrigações: 5761, 6026

Títulos de 1 obrigação: 1549

Ultimo cupão a pagar o n.º 14

4.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 513, 572

Ultimo cupão a pagar o n.º 13

3.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 1470

Ultimo cupão a pagar o n.º 12

2.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 164

Ultimo cupão a pagar o n.º 11

1.º SORTEIO

Títulos de 1 obrigação: 568

Ultimo cupão a pagar o n.º 10

O pagamento das obrigações sorteadas, pelo seu valor nominal, será efectuado a partir do dia 15 do corrente mês de Agosto na sede da empresa e nos seguintes estabelecimentos de crédito:

Augustine, Reis & C.ª
Banco de Angola
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco de omento Nacional
Banco onsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta-Aliança
Companhia Geral de Crédito Predial

Amadora, 3 de Aõosto de 1968

Pelo Conselho de Administração

O presidente,

Francisco Xavier de Morais Pinto Malheiro

NAVEGAÇÃO MARÍTIMA
CARGA AÉREA
TRÂNSITOS

Passagens Aéreas e Fretamentos
Secções especializadas

AGÊNCIA ABREU
LISBOA — Av. da Liberdade, 160

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

PROGRAMA DA TV

Às 19 e 30: Abertura, Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Junta da Acção Social; 20 e 10: A grande Aventura; 20 e 40: Movimento e Saúde; 20 e 50: Notícia do espectáculo; 21 e 20: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Reportagem do exterior; 23 e 55: Telejornal Meditação e fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 19 e 30: Abertura, telejornal e agenda da praça; 19 e 50: Programa da Agência-Geral do Ultramar; 20 e 10: Nos bastidores da aventura; 20 e 35 Sangue na estrada; 20 e 45: Cartaz TV e «Nós e o público». 2 e 5: Barreira de sombra; 2 e 20: «Carrossel Mágico»; 21 e 30: Telejornal e boletim meteorológico; 21 e 55: Noite de cinema («Mulheres em acção», com George Baker Belinda Lee e Delph Lawrence)· 23 e 40: Telejornal meditação e fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Programa da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Luz no Horizonte. 16 e 30: Que Quer Ouvir?; 17: Programa da Tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 5: Sucessos Franceses; 18 e 20: Programa da Mulher, por Maria Emília Canceio de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Música só Música· 20: Diário Sonoro; 22 e 20: Solistas Ligeiros; 20 e 40: 20.º episódio do folhetim «Onde está a Felicidade»; 21. Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música· 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solis 22 e 30: Evocação de Coimbra, por Luís Góis; 22 e 50: Música de Filmes 23 e 5: Programa da Noite : Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6 e 30: 3.º e 4.º actos da ópera «Carmen» (Bizet); 17 e 20: Cinco Noveletas op 15 (Glazunoff) — Quarteto de Hollywood: 18: Música do Século XX; 19. Horizonte, semanário de Letras e Artes, 19 e 30: Folclore Português — Música Regional da Beira Baixa recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pela BBC); 19 e 45: Música de Piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música Instrumental — Concerto em ré maior para trompete, cordas e contínuo; 20 e 30: Missa de Requiem (Bizzetti); 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara, sob a direcção do maestro Silva Pereira, 21 e 22: Andante em fá maior K 616 (Mozart); 21 e 30· Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Música de Arco; 22 e 20· Poemas Sinfónicos· 23· A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

3.º Programa (Cultural em MF 2) — 94,3 m/s — Às 23: Música de Piano — Peças de Fantasia opus 12 (Schumann), por Artur Rubinstein, 23 e 30: Parte de um Concerto pela Orq Sinf do Rádio do Hessen sob a direcção de K. Ancen 0 e 10: Música de Camara 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16· Programa C D. C; 18: Ela e o Seu Mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa à Tarde, 19 e 15: No Mundo Aconteceu: 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do Ritmo; 20 e 30. Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Canções Ibéricas 21 e 3: Diapasão; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o Telefone Toca, 23 e 8: Grande Roda; 0 e 2· «P B X»· 2: Contacto; 3 e 2: A norte é Nossa, 6 e 2 Diário Rural; 7 e 3: Talismã

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiograma; 18· Canções portuguesas 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Grande Plano; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S C R; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: O 3.º acampamento do C N. E; 21 e 15 Orquestras da Europaa; 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Serviços urgentes

Telefones

AGUA GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 382069

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✲ Voluntários, 538524

POLICIA E G N R — Serviço de emergência 115 ✲ Segurança Publica, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito 42205 ✲ G. N. R., (área rural), 36865.

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação Fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação Mar. de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação Fluvial (Belém), 638531.

Farmácias de serviço

● Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) ✲ **Aeroporto**, Av Gago Coutinho, lote 101-D (à Av D. Rodrigo da Cunha) (722384) ✲ **Rio de Janeiro**, Av Rio de Janeiro, 4-C (à Av. Estados Unidos da América) (72 409).

ALCANTARA — Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 74 (660187)

ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (44373).

ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (728271)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, (ao), Av da República, 58-D-E, (771661) ✲ **Figueiras**, Av Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ **Cruz Nunes**, Pr Duque de Saldanha, 14 (4 845) ✲ **Novais**, Av Luís Bivar 11-13 (44324)

ARCO DO CEGO — São Jorge, Av Rovisco Pais, 32, A-B (534027).

AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 1-E (777478)

ARROIOS — Bastos R. Morais Soares 91-F (844350).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso R. 27, n.º 4 (311276).

BAIXA — Silva Carvalho — R. dos Fanqueiros, 126 (326575)

BELEM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (61 454)

BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 54-A (704888) ✲ **Vitex** Est de Benfica, 373-B (780548) ✲ **J. Ribeiro**, Estrada da Luz, 99-A (780969).

CAMÕES — Sanitas Pr Luís de Camões 24 (322798)

CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique 31-33 (686640 ✲ **Elma**, R. D Maria Pia, 358-A (685 76) ✲ **Urbano de Freitas**, R. Silva Carvalho, 9 (662838)

CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S Lázaro, 28 (42829)

ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr Francisco de Morais, 1 (77 469)

ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta de R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) ✲ **Mota Caitão**, R. de S. Felix, 45-A (660720)

CAMPO GRANDE — Cabrita Campo Grande, 220-222 (772397)

CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiros (790969)

CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R de Campolide, 54-A (684424)

GRAÇA — Silva, Calçada de St. André 6 (862074. ✲ **Branquinho**, Rua dos Sapadores, 81 (842725)

ESTEFÂNIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (43340)

JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (662327)

LUMIAR — Central, R do Lumiar, 77 (790480)

MARQUES DE POMBAL — Liberal, Av da Liberdade, 219 (43641)

OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 15 (311237) ✲ **Fernandes Borges**, R. C., 3 lote 300 — Olivais Sul (31 091).

PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (Tels. P. P. C 728395-720703)

RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947)

REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata 160-162 (761035)

RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz 0-A (à Encosto do Restelo) (612248,

SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R. da Junqueira, 326 (638 93) ✲ **Costa**, R. dos Lusíadas, 32 (636704) ✲ **Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç D Gastão, 30-32 (381279).

S. BENTO — Fenix, R. da Cruz dos Poiais, 52 (678531)

MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato, 75-A (251898).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 — (Tel 212081)

CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telefone 242839).

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2420039).

OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058).

PAREDE — Alsir — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas (Tel 2472948)

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260 9).

CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G. Guerra, 40 (Tel 280 70) ✲ **Nova** — Est de Alvide — Fontainhas (Tel. 2801044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); **Flama** — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança** — Av D Nuno Álvares Pereira. 15 (Tel 938 49).

DAMAIA — Confiança — Est Militar (Tel 971023)

QUELUZ — Correia — L do Mercado, 3 (Tel. 950905); **Zeller** — R. da República, 83 (Tel 950043)

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 — (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Químia — Est Mem Martins, 285 — (Tel. 290012).

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel 980456)

SINTRA — Marrazes — L Afonso de Albuquerque — (Tel 980058)

COLARES — Colares — Abreio — (Tel. 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — Nunes — L Coronel Ramos da Costa, 0 — (Tel 2341137)

ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Belo Rosa, 8 (Tel 224250).

ALMADA — Algarve — R Fernão Lopes, 1 (Telef 270271).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional, 22-B (Tel. 224141).

BARREIRO — Avenida — Av Alfredo da Silva, 116 (Tel 2273035)

COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 — (Tel. 274365).

MOITA — União Moitense — Av dr. Teófilo Braga (Tel 239025)

MONTIJO — Higiene — R José Joaquim Marques 142 — (Tel. 230370).

SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel. 22947)

SETUBAL — Normal do Sul — P do Bocage (Tel 222 6)

SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 — (Tel 22 8560)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA

INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2 Telef 43738

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

V. Ex.ª vai para fora? Aproveite a oportunidade para mandar limpar, restaurar ou tingir as suas tapeçarias. Consulte os serviços técnicos da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTAO.** Pedidos aos escritórios: Rua Conde de Redondo, 64, 2.º Dir. — Tel. 59288.

Orçamentos grátis

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO

Consolidado 2 3/4%	—	—	530$00
Consolidado 3%	545$00	544$00	546$00
Consolidado 3 1/2%	—	—	660$00
Centenários 4%	—	—	490$00
Obrigações Tesouro 5%	—	—	—
Externo 1.ª Série	—	—	850$00
Externo 1.ª Série c.	—	—	865$00
Externo 3.ª Série	880$00	—	—
Externo 3.ª Série c.	890$00	—	—
Cautelas 3.ª Série	—	205$00	—

OBRIGAÇÕES

Águas Lisboa 5%	—	—	495$00
A. P. T. 5% 56	—	—	—
A. P. T. 5% 58	—	—	930$00
C. P. 4 1/2% 65	—	900$00	910$00
C. P. 5 1/2% 67	—	1.012$00	—
C. U. F. 6%	—	1.002$00	—
C. U. F. 6% 68	999$00	999$00	1.000$00
Gás Elect. 4% 48	—	—	865$00
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	—	885$00
Gás Elect. 5% 52	—	880$00	890$00
Gás Elect. 5% 58	—	825$00	—
Gás Elect. 5% 59	—	830$00	—
Gás Elect. 5% 62	—	910$00	—
Gás Elect. 5% 63	—	910$00	—
Gás Elect. 5% 65	—	925$00	—
Gás Elect. 5% 67	—	1.014$00	1.020$00
H. E. A. Alentejo 5%	—	820$00	845$00
H. E. Cávado 5%	—	—	860$00
H. E. Cávado 6%	—	995$00	1.000$00
H. E. Douro 5%	838$00	835$00	838$00
H. E. Douro 6%	—	995$00	1.000$00
H. E. Norte Portugal 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	990$00	995$00
H. E. Zêzere 5% 55	—	820$00	865$00
H. E. Zêzere 5% 57	—	820$00	860$00
Lisnave 6%	990$00	—	995$00
Metropolitano 4%	—	905$00	910$00
Metropolitano 5 3/4%	1.005$00	1.004$00	1.005$00
Moçambique 5%	—	720$00	760$00
Nac. Eléctrica 5%	—	820$00	850$00
Nitratos 5%	—	—	860$00
Nitratos 5% 60	—	830$00	—
Petroquímica 5%	—	825$00	—
Port Celul 5%	—	950$00	—
Sacor 5% 54	—	910$00	—
Sacor 5% 60	—	850$00	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$00	835$00
Siderurgia 5% 3.ª	—	820$00	835$00
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	800$00	810$00
T. A. P. 4%	925$00	920$00	930$00
Termoelect Port 5%	830$00	830$00	835$00
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	81$00	84$00
U. E. P. 5% 60	—	850$00	—
U. E. P. 5% 63	—	850$00	—

ACÇÕES

Bancos

Agricultura	950$00	945$00	955$00
Alentejo	—	608$00	610$00
Angola	—	1.470$00	1.490$00
Burnay	—	—	2.800$00
Créd Predial	—	—	—
E. Santo	13.400$00	13.350$00	13.490$00
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	14.000$00
L. & Açores p.	—	—	—
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	5.100$00	5.400$00
Portugal n.	—	—	—
Portugal p.	—	—	2.500$00
Totta Aliança	4.250$00	4.200$00	4.300$00
Ultramarino n.	1.245$00	1.245$00	1.248$00
Ultramarino p.	1.452$00	1.451$00	1.453$00

Seguros

Alentejo	—	76$00	80$00
Douro	—	780$00	980$00
Mundial	—	370$00	375$00
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	8.500$00	—

C.ias Ultramarinas

Açúcar de Angola	640$00	635$00	640$00
Ag. Cassequel	—	515$00	540$00
Ag. Incomati	—	990$00	—
Ag. Neves	—	100$00	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	110$00	—
Boror	—	100$00	—
Buzi	61$50	61$00	62$00
Cabinda	—	91$00	94$00
Diamantes Angola	1.139$00	1.137$00	1.140$00
H. E. Revué	625$00	610$00	630$00
Ilha do Príncipe	—	430$00	—
Moçambique	—	48$00	50$00
Sonefe n.	255$00	252$00	260$00
Sonefe p.	265$00	260$00	270$00
Zambézia	—	—	—

Diversas

Cidla	—	1.100$00	1.250$00
Cim Leiria	—	1.550$00	1.600$00
Cim Tejo	—	2.200$00	2.450$00
Col Navegação	—	—	1.000$00
C. U. F.	—	—	—
Ind Aliança	—	—	700$00
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	—	1.210$00	1.220$00
Port Celulose	—	3.050$00	3.150$00
Port. Pesca	—	655$00	670$00
Port. Tabacos	436$00	435$00	437$00
Sacor	—	4.600$00	4.700$00
Siderurgia Nac	—	1.045$00	1.050$00
Socel	—	2.050$00	2.090$00
Tabacos de Portugal	—	770$00	—
Tabaqueira	—	6.600$00	6.650$00
U. F. Azoto	690$00	690$00	695$00

Águas, Electricidade e Gás

Águas Lisboa p.	385$00	380$00	390$00
Águas Lisboa 34	—	390$00	410$00
Águas Lisboa 36	—	380$00	—
Eléctr. Beiras	—	—	1.520$00
Gás Electr	375$00	374$50	375$50
H. E. Alto Alentejo	—	154$00	155$00
H. E. Cávado	—	1.220$00	1.230$00
H. E. Douro	1.199$00	1.198$00	1.200$00
H. E. Norte Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.295$00	1.290$00	1.295$00
Nac Electricidade	—	1.320$00	1.340$00
Termoeléctrica Portuguesa	1.350$00	1.345$00	1.355$00
União Eléctrica Portuguesa	183$50	183$00	84$00

F. DE INVESTIMENTO

F. I. Atlântico	—	145$50	49$90
F. I. D. E. S.	—	102$10	105$20

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	31/7/68	6/8/68	7/8/68
GERAL	101,5	101,6	**101,5**
METROPOLITANAS	100,8	100,9	**100,7**
ULTRAMARINAS	106,8	107,3	**107,4**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollar de 1 e 2	28$25	28$65
Dollar de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Áustria — Schilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6$00	9$00
Espanha — Peseta	$40,3	$41,8
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$85	5$35
Bélgica — Franco	$55,3	$57,3
França — Franco	5$00	5$50
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	35$50	38$00

J. BURNAY, L.DA RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras papeis de crédito Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE / O carrasco de Veneza / AVIZ

AVIS — Tel. 47163
Hoje, ás 21.45
ESTREIA
(M. 12 anos)
Um espectacular filme de aventuras
O CARRASCO DE VENEZA
com Lex Barker e Sandra Panaro
EASTMANCOLOR ——— SCOPE
Às 15.30 —— ÚLTIMA EXIBIÇÃO
DANÇANDO O SIRTAKY
(M. 12 anos)

ALVALADE — Tel. 76 30 80
Hoje não há espectáculos cinematográficos
Amanhã, ás 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Um filme de Blake Edwards
(Adultos) ——— COLOR
PETER GUNN, DETECTIVE ESPECIAL
com Craig Stevens, Laura Devon e Helen Traubel

TIVOLI — Telef 50595
Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
54.ª SEMANA
Continuação do exclusivo deste cinema
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer

SÃO JORGE — Tel. 54153 - 54154
Hoje, ás 21.30
(M. 17 anos)
Num breve encontro com o cinema francês reaparece
UM HOMEM E UMA MULHER
Às 18.15 — ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
O REI DOS DOIDOS
(M. 17 anos)

ROMA — Balcão 72 91 82 Plateia 72 77 78
Às 15.30 e 21.30
(Adultos)
Elizabeth Taylor, Rex Harrison e Richard Burton na obra-prima galardoada com 4 «Óscars» da Academia Americana!
CLEÓPATRA
Um colossal e espectacular filme em 70 mm e Technicolor
AR CONDICIONADO

MUNDIAL — Tel. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O filme mais belo de sempre!!!
Colorido — Scope
A MINHA GUEIXA
Shirley Mac Laine, Yves Montand, Edward Robinson e Bob Commings

RESTELO — Tel. 61 03 75
Às 21,30
(Adultos)
OS DEVASSOS
com Anthony Quinn, Michael Parks, George Maharis e Marta Hyer

LIZ — Tel. 4 85 60
Às 14.45 e 21 h.
(Adultos)
POR MAIS ALGUNS DÓLARES
SINFONIA DA VIDA

ODEON — Tel. 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM 3.ª SEMANA E ULTIMA!
A melhor comédia de sempre do cinema português
ALDEIA DA ROUPA BRANCA
A história de uma ladina lavadeira
com BEATRIZ COSTA
Toda a graça típica da vida saloia, com maravilhosas canções
FADOS POR HERMÍNIA SILVA
(M 12 anos)

CINE-TEATRO LIDO — Tel. 93 75 93 AMADORA
Às 21.30
(M. 17 anos)
Um filme alegre, cheio de graça e optimismo!
CORAÇÃO CHEIO... BOLSOS VAZIOS

CINEMA IDEAL
Tel. 32 41 94
Às 21 horas
(M. 12 anos)
CINDERELA EM PARIS
ROBINSON CRUSOÉ EM MARTE

IMPERIAL — Tel. 4 59 33
Às 15 e ás 21 h.
(M. 12 anos)
A PRESA HUMANA
O BOBO DA CORTE

IMPÉRIO — Tel 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
Um filme de Nicholas Ray
JOHNNY GUITAR
com Sterling Hayden Joan Crawford e Ernest Borgnine

Estúdio — Tel. 55 51 36
Às 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
4.ª SEMANA
Techniscope e Technicolor
LADRAO QUE ROUBA A LADRÃO
com James Coburn e Carrol O'Connor
AR CONDICIONADO

MONUMENTAL — Tel. 55 51 31
Às 15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
TECHNICOLOR
O VISCONDE NÃO PERDOA
com Kerwin Mathews e Sylvia Sorrente

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
Às 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
EASTMANCOLOR
Franco Nero em
DJANGO
Um nome misterioso para um homem implacável!
No programa: o documentário colorido «O funeral de Kennedy»
(Ar condicionado)

EUROPA — Tel. 66 10 16
Às 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
Um filme alegre onde se brinca com o amor
CHAMPANHE, MULHERES E MÚSICA
com Poul Reichhardt e Lily Broberg

EDEN
Tel. 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.45
(M. 12 anos)
ELVIS PRESLEY
em
ENCRENCA DUPLA
PANAVISION —— METROCOLOR

estúdio 444 — Tel. 77 90 95
(Adultos)
Sophia Loren — Renato Salvatori — Eleonora Brown — no inesquecível filme de Vittorio de Sica
DUAS MULHERES
Mãe e filha vítimas de uma guerra cruel...
AVISO AO PÚBLICO: Devido ao enorme êxito registado, a partir de hoje efectuam-se 3 SESSÕES
—— À TARDE: ÀS 15.30 e 18.30 ——
—— À NOITE: ÀS 21.45 ——

TERRASSE — Tel. 32 09 17
As 15 e ás 21 h.
(M. 17 anos)
O COMISSÁRIO MAIGRET EM PIGALE
O ASSASSINO DE NICE

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
Às 17 e 21.30
(M. 12 anos)
UM MORDOMO NO FAR-WEST
(The Adventures of Bullwhip Griffin)
com Roddy McDowall, Suzanne Pleshette, Karl Malden, Harry Guardino e Richard Haydn

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «A flor do cacto» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Oh, que delícia de coisa» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Charliot» (17 anos)
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «A maluquinha de Arroios» (17 anos)

CINEMAS

PARIS — Às 21: «4 damas para 1 ás» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Indomável Angélique» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Guerra e Paz» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «A presa humana» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «FBI contra Cosa Nostra» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «7 contra o Mundo» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 19: «A grande aventura de Marco Pólo» (12 anos).
TERRAÇO DE LISBOA — Às 21 15: «Viva Gringo» (12 anos).
CINE-CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Os mosqueteiros do mar» (12 anos).
CINE-ENCARNAÇÃO — Às 21: «O presidiário» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Mat Helm não perdoa» (17 anos).
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE LOURES — Às 21 e 30: «O leão de São Marcos» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Nada de zangas» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 30: «Os 4 agentes secretos» (12 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 15: «Um estranho em casa» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O agente diabólico» e «Ulisses contra Hércules (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Um mordomo no Far-West» (12 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Batalha sem regresso» (12 anos)
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «O telefone fatal» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O comissário X nas garras do Dragão Vermelho» (12 anos).
PONTINHA — CINE UNIÃO — Às 21 e 15: «O grande massacre» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Assalto em Los Angeles» e «Os 10 gladiadores» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Beirute 24 horas para matar» e «A sombra do Zorro» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Ninguém me pode acusar» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «A hora da fúria» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21 e 15: «Lord Jim» (12 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Kwardan, o abismo da morte» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Noivo por um dia» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO-JARDIM — Às 21 e 15: «A batalha dos Ardenas» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «Guerreiros do Sahará» (12 anos)

ASSOCIAÇÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE SINTRA

(1.ª SECÇÃO)

Avenida Visconde Monserrate — SINTRA Telef. 980122

1.º SORTEIO REALIZADO NO DIA 6/8/68

LISTA DE PRÉMIOS

1.º Prémio — AUTOMÓVEL FIAT 850	N.º 102425
2.º Prémio — MÁQUINA DE LAVAR ROUPA	N.º 887320
3.º Prémio — FRIGORÍFICO	N.º 247594
4.º Prémio — TELEVISOR	N.º 673841
5.º Prémio — GRAVADOR	N.º 344698
6.º Prémio — RÁDIO DE MESA	N.º 701517

7.º a 10.º Prémio — 4 RÁDIOS PEQUENOS
N.º 073367 N.º 860884 N.º 507121 N.º 861042

11.º a 20.º Prémio — 10 FERROS ELÉCTRICOS
N.º 093412 N.º 504847 N.º 616490 N.º 698934
N.º 251011 N.º 531183 N.º 616632 N.º 802781
N.º 806678 N.º 872571

21.º a 30.º Prémio — 10 SECADORES PARA CABELO
N.º 102565 N.º 243828 N.º 329297 N.º 522484
N.º 223460 N.º 260367 N.º 430605 N.º 576865
N.º 621398 N.º 845003

31.º a 40.º Prémio — 10 TORRADEIRAS ELÉCTRICAS
N.º 242908 N.º 496093 N.º 530539 N.º 683189
N.º 438497 N.º 520789 N.º 621235 N.º 734142
N.º 749892 N.º 879524

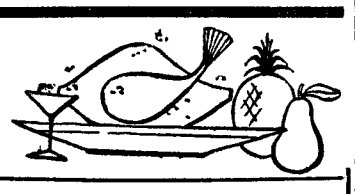
41.º a 100.º Prémio — 60 ESFEROGRÁFICAS

N.º 032193	N.º 278229	N.º 422357	N.º 648777	N.º 812872
N.º 044741	N.º 321864	N.º 435830	N.º 650993	N.º 831473
N.º 063888	N.º 324099	N.º 489054	N.º 668752	N.º 837830
N.º 075483	N.º 340844	N.º 518681	N.º 694670	N.º 842377
N.º 128296	N.º 362163	N.º 522206	N.º 736871	N.º 844969
N.º 136263	N.º 374939	N.º 579090	N.º 748594	N.º 848966
N.º 151484	N.º 383701	N.º 585274	N.º 758393	N.º 852345
N.º 152463	N.º 386600	N.º 585548	N.º 761298	N.º 854345
N.º 153031	N.º 397516	N.º 611346	N.º 800045	N.º 860212
N.º 210373	N.º 397599	N.º 619758	N.º 800895	N.º 881074
N.º 233265	N.º 401973	N.º 636160	N.º 804078	N.º 901960
N.º 261640	N.º 407338	N.º 647295	N.º 811774	N.º 913948

N. B. — A entrega dos prémios será feita contra a apresentação do bilhete premiado pelo prazo de 90 dias a contar da data do sorteio.

ESTA LISTA É A ÚNICA E VERDADEIRA

bom apetite



Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ENCERRADO ATÉ AO PRÓXIMO DIA 21 POR MOTIVO DE FÉRIAS DOS SEUS EMPREGADOS.

ILHOTA
RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef 49063 (Junto á Estefania)
AMANHÃ
GRANDE VARIEDADE DE PRATOS
MARISCOS

RESTAURANTE
XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE
E FICARÁ CLIENTE

NA SEXTA-FEIRA
O SEU ALMOÇO É NA
Parreirinha do Rato
Especialidades do dia:
CABEÇAS DE PESCADA
À PARREIRINHA
PATO À PORTUGUESA
Todos os dias pratos variados
Largo do Rato, 11 — Tel. 68 59 08
PARQUE PARA AUTOMÓVEIS

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 53 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

Tamborim
Restaurante - Snack-Bar - Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA
e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana) — Telef. 46247

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Amélia da Costa Correia

VISEU, 8 — Faleceu na sua residência, na Rua 5 de Outubro, a sr.ª D. Amélia da Costa Correia, casada com o sr. José Rodrigues Correia e mãe da sr.ª dr.ª D. Maria Teresa da Costa Correia, professora da escola técnica desta cidade.

Luís José Barradas

ALTER DO CHÃO, 8 — Após missa de corpo presente, realizou-se para o cemitério local e constituiu sentida manifestação de pesar o funeral do sr. Luís José Barradas viuvo, da sr.ª D. Maria Gertrudes Cordeiro Barradas. Natural da freguesia dos Mártires, do concelho de Crato, aqui casou, radicando-se na vila, onde gozava de gerais simpatias e era considerado como se alterense fosse. Contava 68 anos e era pai da sr.ª D. Ana Maria Cordeiro Barradas, casada com o conhecido negociante e lavrador local sr. João Antunes Mendes Gordo.

O sr. Luís Barradas foi o protótipo do castiço lavrador alentejano, tanto na sua maneira de ser, como, até mesmo, no típico modo de vestir. Homem agarrado á terra, levou existência muito retirada, passando a maior parte da sua vida de devotado agricultor no «monte», tal como já o tinham feito seus pais e avós. Com o passamento deste alterense por adopção desapareceu do nosso convívio uma genuína figura do típico alentejano da média agricultura.

D. Maria Custódia

MONTARGIL, 8 — Realizou-se com grande acompanhamento, para o cemitério local o funeral da sr.ª D. Maria Custódia, de 81 anos, viuva, proprietária, natural desta vila.

SUFRAGIOS

Augusto Gomes da Costa

Comemorando o 12.º aniversário da sua morte, celebra-se amanhã, em Salreu, missa de sufrágio por alma de Augusto Gomes da Costa, que foi nosso estimado companheiro de trabalho e que é sempre recordado com muita saudade por quantos trabalham nesta casa

Policlínica do Rossio

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º Telef. 32 06 60
Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 7 h.
Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª 5.ª e 6.ª — 15.30 h.
Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.
Dr. A Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.
Dr. Foutoura Madureira — Rins e Vias urin. — 16 h.
Dr. Freitas de Sousa — Doen Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.
Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h.
Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª 5.ª e sábados — 14 h.
Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.
Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 18.30 h.
Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb., 14.30 h.
Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.
Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.
Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

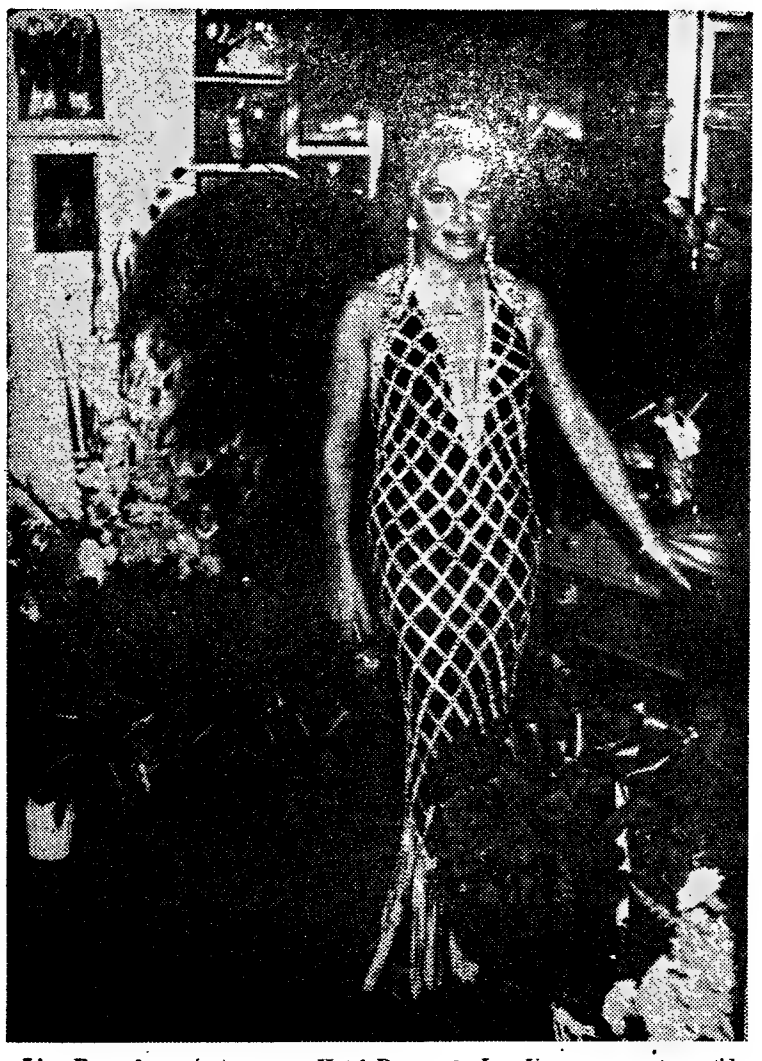
Concurso para o ano de 1968

DESTILADOR PARA OS SERVIÇOS FARMACEUTICOS
CONC. PUBLICO N.º 80/68

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias uteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 ás 12,30 horas), na Secretaria dos Abastecimentos.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 7 de Agosto de 1968.
Pel'O ADMINISTRADOR
Almeida Ribeiro



Line Renaud apresentou-se no Hotel Dunes, de Las Vegas, com este vestido cravejado de diamantes. A pequena pulseira também ostenta as mesmas pedras preciosas. Como se isto não bastasse, a cançonetista utiliza no seu número uma colecção de plumas de valor inestimável

ESTA NOITE EM FARO

ESPECTÁCULO DE TEATRO DO CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA

FARO, 8 — O Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, do qual é director e encenador o sr. dr. Emílio Campos Coroa, dará hoje, no claustro do Convento de Nossa Senhora da Assunção, um espectáculo com a peça «Arsénio e Rendas Velhas», farsa de Joseph Kesselring, em tradução de Miguel Fontana, numa prova para o Concurso Nacional de Arte Dramática.

Serão intérpretes os cotados amadores Josete Santana, José Féria Pavão, João Veríssimo Miguel Tinoco, Eduardo Graça, D. Maria Amélia de Campos Coroa, D. Benilde de Viegas, Carlos Miguel, José Cirilo Cabecinha, Carlos Martins, Rui Rebocho, Fernando Santos, Joaquim Teixeira, José Cirilo Cabecinha e Américo Filipe e Walter Mateus.

A encenação é do sr. dr. Campos Coroa, o cenário e a caracterização de João Reis; pontos, Mário Dias e António Loução; contra-regra, Gilberto Santos; ajudante de contra-regra, Valter Mateus; luz e som de José Raimundo, Armando Martins e António Marreiros; guarda-roupa e adereços de José Cabecinha, D. Teresa Barradas e Teresa Loução; guarda-roupa, Paiva; cabeleiras, Vítor Manuel; móveis e cena, Postigo (Faro); cenário executado sob a direcção do mestre António Santos.

Temos, assim, o 78.º espectáculo do Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, nesta fase final do Concurso Nacional de Arte Dramática para Amadores.

QUATRO MIL SOLDADOS EMPENHADOS NA OPERAÇÃO NO VALE DE A SHAU

(Continuação da 1.ª página)

ao longo das montanhas da fronteira laociana, foi precedida de uma semana de bombardeamentos aéreos pelos poderosos «B-52». Num destes «raids» as bombas provocaram 300 explosões secundárias, o que indica que na área foram atingidas munições e combustíveis.

Ao mesmo tempo, soldados de unidades aerotransportadas convergiram para o vale pela estrada 548, a que vai da costa até Da Nang. Desconhecem-se por enquanto os progressos feitos por estas unidades.

Soldado morto em Angola

LUANDA, 8 — (L.) — Vítima de desastre, faleceu em Angola o soldado do recrutamento da província 084312167, Domingos António, natural da freguesia do Cacuaco, concelho de Viana, filho de António Pereira e de Joana Sebastião.

de VEZ em quando

Há dias, num matutino de Lisboa, vinha publicado o seguinte anúncio: «Clube da província, concorrente ao Campeonato Nacional da II Divisão, precisa dos seguintes jogadores — um médio de ataque, um interior armador, dois pontas de lança e um extremo esquerdo.» Para lá da linguagem pitoresco-futebolística (que é isto de interior armador, pontas de lança e, principalmente, extremo esquerdo, cruzes canhoto...) o que nos causou maior satisfação foi saber que uma terra portuguesa procura afanosamente colmatar as brechas (linguagem pseudo-pitoresco-futebolística) da sua equipa de futebol. Isto por estarmos convencidos de que tal só acontece depois da aldeia, vila ou cidade em questão estar já convenientemente servida de médico, professor, farmacêutico, bibliotecário, etc.

V. D.

AS GRANDES FESTAS DE BRAGANÇA

BRAGANÇA, 8 — Preparam-se, em ambiente de entusiástico interesse, tudo se conjugando para o máximo brilhantismo, as tradicionais festas citadinas, que atraem sempre milhares de forasteiros. Decorrerão de 13 a 25 deste mês, em honra da padroeira, Nossa Senhora das Graças, e, do mesmo modo que as de carácter popular, prometem atingir o máximo brilhantismo, invulgar interesse e animação. Além de imponentes festividades religiosas, haverá torneio de tiro aos pratos e ao voo, exposição agrícola e feira franca, concurso pecuário, espectacular festival aéreo, gincana de automóveis e tractores, concurso de montras, «verbenas», futebol e grandiosos arraiais, com pistas de automóveis eléctricos, aviões, cadeirinhas e outras diversões populares.

O «DIARIO DE LISBOA» encontra-se à venda no SALÃO ROYAL, em CASTELO DE VIDE, no próprio dia.

4.ª GRANDE PEREGRINAÇÃO PORTUGUESA À TERRA SANTA

DE 25 DE AGOSTO A 26 DE SETEMBRO DE 1968 (33 dias)

A mais completa visita a todos os lugares santos — 11 DIAS DE ESTADIA NA TERRA SANTA — e ainda uma magnífica viagem de cruzeiro através do Mediterrâneo, visitando Génova, Nápoles, Atenas, Alexandria, Beirute e Limassol

ESPANHA — FRANÇA — ITÁLIA — GRÉCIA — EGIPTO — LÍBANO — ISRAEL — ILHA DE CHIPRE

VIAGEM PROMOVIDA PELO COMISSARIADO NACIONAL DA TERRA SANTA EM PORTUGAL E PELO GRUPO FRANCISCANO «PAX ET BONUM»

ÚLTIMOS LUGARES

Programas, informações e inscrições:

COMISSARIADO NACIONAL DA TERRA SANTA EM PORTUGAL
Largo da Luz, 11 — LISBOA-4 — Tel. 78 05 15

ATLAS — TURISMO E VIAGENS
AV. DUQUE DE AVILA, 203-E — LISBOA-1
TELEFONES 53 37 14 - 55 62 29 - 53 38 58

SILVEIRA & SILVA, LDA.

JUNKERS JUNKER + RUH

COMUNICA QUE TODAS AS SUAS DEPENDÊNCIAS SE ENCONTRAM ENCERRADAS DE 10 A 20 DO CORRENTE, POR MOTIVO DE FÉRIAS.

LIVROS ESPANHÓIS

7.000 LIVROS TÉCNICOS E CIENTÍFICOS
CEM EDITORES REPRESENTADOS

LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A

CURSO DE CORRESPONDENTES
PREPARAÇÃO PARA SECRETÁRIAS

Condições especiais para alunas com a secção de letras do 5.º ano ou Curso Geral de Comércio

ESCOLA LUSITANA DE COMÉRCIO
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 2-2.º
TELEF. 41696

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

M. BAPTISTA
LUIS VEIGA
AMADEU
PAQUIRRI

Toiros de José Lico
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
Telefs.: 30769-321712-761539 e 771819

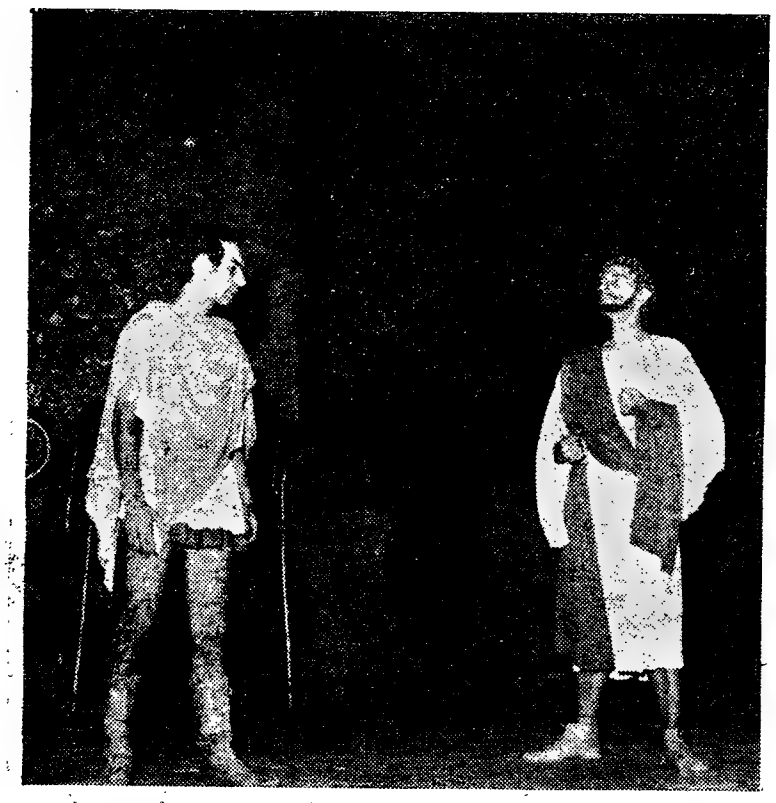
LATINA

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA FAP

LITERÁRIO
Diario de Lisbôa
SUPLEMENTO

Alexandre Pinheiro Torres
João Gaspar Simões
José Vaz Pereira
Luiz Francisco Rebello
Luiz Valente Pereira
Mário Sacramento

N.º 523/8 DE AGOSTO DE 1968



Antígona, de Sófocles, representada pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra no castelo de Montemor-o-Velho em 1961

Sobre Teatro de ar livre

por Luiz Francisco Rebello

AS PRIMEIRAS noites de Verão trazem consigo um céu transparente, uma brisa morna e os festivais de Teatro ao ar livre. Por toda a Europa animam-se, de súbito, velhas ruínas, esplanadas de castelos, jardins de palácios, pórticos de catedrais — e o verbo dos grandes poetas dramáticos atinge uma vez mais o coração dos homens, irmanados no riso e nas lágrimas, reunidos para que de novo, como nos tempos gloriosos da Grécia antiga, da Inglaterra isabelina, do século de ouro espanhol, o teatro cumpra a sua função comunitária, de que a alienação burguesa o destronou.

... Por toda a Europa, excepto em Portugal — onde só muito raramente se encenam espectáculos de teatro a céu descoberto, apesar de não faltarem lugares privilegiados para a sua realização, desde o castelo de Silves ao de Guimarães, desde o adro da Sé de Lisboa ao claustro dos Jerónimos, desde o jardim de Queluz ao Templo de Diana em Évora. Mas eis que este ano, felizmente, uma excepção se anuncia: a próxima representação, no parque do Estoril, do *Hipólito*, de Eurípides pela companhia do «Piraikon Theatron» de Atenas, sob a direcção de Dmitri Rondiris. Quem assistiu aos dois espectáculos que, há cerca de cinco anos, e também graças à benemérita acção cultural da Fundação Gulbenkian (a quem se deve, em matéria de teatro, a revelação do «Nô» e do «Kabuki» japoneses e do «Piccolo», de Milão), a mesma companhia entre nós apresentou, ou quem, mais afortunadamente ainda, viu nos anfiteatros de Atenas ou de Epidauro representar a tragédia grega — sabe de antemão que essa vai ser, não poderá deixar de ser, uma noite de esmagadora emoção artística. Uma daquelas noites que não mais se apagam da memória dos que, amando o teatro, são dignos de amá-lo.

Mas uma noite, apenas, é muito pouco. Seria necessário que outras, muitas outras, se lhe seguissem. E não só em Lisboa, mas por todo o País. Que se enraizasse o hábito dos festivais de teatro ao ar livre. Hábito que tem, aliás, tradições longínquas na história do nosso teatro — como talvez não seja despropositado recordar neste momento.

A semelhança do que em toda a parte aconteceu, as primitivas manifestações teatrais de que em Portugal há notícia tiveram lugar predominantemente ao ar livre. Documentos antigos, como algumas constituições sinodais do século XV, ou, no caso específico das procissões do Corpo de Deus, um *Regimento dos Sacristães-Mores do Mosteiro de Alcobaça*, também do século XV, aludem explicitamente a cerimónias religiosas realizadas ao ar livre em que se contêm nítidos embriões dramáticos («jogos ou representações»); e a rubrica inicial de um dos primeiros autos vicentinos, o *Auto de S. Martinho*, diz-nos que ele foi representado «na Igreja das

(Continua na 7.ª página)

Estará doente a literatura?

por João Gaspar Simões

A maior preocupação dos escritores dos nossos dias é poderem explicar-se o mais doutrinalmente possível acerca das intenções da sua obra. Tão longe foi levada nos últimos tempos esta deformação da literatura contemporânea que os romances que se escrevem, as peças que se representam e as poesias que se lêem já não são pròpriamente romances, peças ou poesias, mas ensaios sobre cada um desses géneros literários, ensaios esses que sistemàticamente tomam o lugar da criação, como se fossem aquilo que realmente não podem ser.

Numa entrevista há tempos publicada num jornal francês uma das representantes mais apreciadas do chamado *nouveau roman* queixava-se amargamente de que a não deixassem à vontade levar a cabo o propósito fundamental da sua obra, que era, nada mais nada menos, «mostrar o esforço criador de um escritor surpreendendo esse esforço na sua fonte». Em sua opinião os filósofos e os teóricos apoderaram-se desse departamento do trabalho intelectual, não permitindo que os escritores pròpriamente ditos digam da sua justiça a respeito daquilo de que só eles em verdade sabem, ou seja, o próprio esforço criador. E a este propósito refere a anedota do médico chamado à cabeceira do doente cujo estado observa, declarando-o morto, com o assentimento da mulher, que, ante os protestos do marido realmente vivo, proclama: «Cala-te, o médico sabe mais do que tu!»

Com efeito, na hora presente um debate se trava entre o que o escritor pensa daquilo que faz ou quer fazer e aquilo que do seu trabalho pensam os filósofos e os teóricos da literatura. Eis um sintoma bastante grave do estado da criação literária, a qual, em boa verdade, à força quer que a considerem viva, tanto pelas declarações que prestam os supostos criadores literários como pelo diagnóstico que dela fazem os médicos, ou seja, os filósofos e os teóricos. Ao invés do que sugere a romancista do *Planétarium*, pensamos que o médico hoje chamado para examinar o doente não profere sentenças de morte. Na opinião dos filósofos e teóricos da literatura dos nossos dias nunca a criação literária — o enfermo — desfrutou de tanta saúde.

A anedota poder-se-ia contar do avesso. Tendo examinado o doente, o médico diria que ele estava vivo, vivo e são, coisa com que concordaria o próprio enfermo, associando-se ao seu assistente clínico, na altura em que a esposa protestasse, convencida de que com efeito o marido, se não estava já morto, pelo menos se encontrava moribundo. Em nosso parecer, Nathalie Sarraute viu o problema ao contrário. Médicos, isto é, teóricos e filosóficos da literatura, doentes, isto é, romancistas, dramaturgos, poetas, nunca estiveram tão de acordo. Uns e outros parecem persuadidos de que efectivamente gozam de óptima saúde.

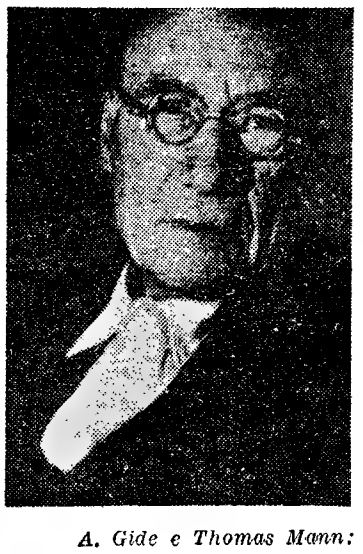
Quem não está muito convencido disso é o público, o leitor, na anedota citada, a esposa do doente.

Pode existir, e existe de facto, desacordo no diagnóstico, uma vez que filósofos e teóricos nem sempre acordam com o parecer dos escritores pròpriamente ditos. É indiscutível, porém, que todos trabalham no mesmo sentido: o que a todos preocupa não é a vitalidade criadora da literatura, mas a consciência crítico-teórica de que ela está cumprindo aquilo que eles entendem que constitui a sua verdadeira função. Tanto assim é que as lamentações de uma romancista como a Sarraute não visam desacordo com o que filósofos e teóricos entendem pelo trabalho criador em literatura. A sua rejeição da interferência de tais entidades no trabalho literário reporta-se exclusivamente ao abuso que quanto a ela representa atribuir-se a filosofia e a teoria literária direitos sobre um assunto em que ninguem pode opinar melhor do que os próprios criadores.

Nathalie Sarraute: contra os filósofos e os teóricos

Característica indiscutível das letras do nosso tempo, seja qual for o país para que olhemos, não ousamos negar as virtudes desse tipo de literatura encarado do ponto de vista da filosofia e da teoria literária. O certo é, porém, que a grande, a vera criação literária, sempre foi, em todos os tempos, não a teoria, a filosofia, a doutrina, a reflexão do escritor sobre os seus próprios esforços criadores, mas a criação em si, a obra literária, organismo vivo e são. O médico só intervém quando alguém cai doente. E a actividade exercida nos últimos tempos pela filosofia e à teoria da literatura, símil da actividade do médico chamado a observar alguém enfermo, parece sugerir que, de facto, qualquer coisa está funcionando mal no organismo das letras, que um doente, e um doente grave, caiu da cama no sector da criação literária pròpriamente dita.

Vem de longe já este estado de coisas. Não se compara, todavia o que ocorreu no passado com o que se verifica neste após a segunda grande guerra. Já em Gide e até em Thomas Mann se encontram elementos para um diagnóstico do mal que presentemente alastra por



A. Gide e Thomas Mann: primeiros sintomas da doença

(Continua na 7.ª página)

O tempo suspenso

por Sheppard de Moraes

OS MELHORES TEMPOS
por
John Dos Passos
trad. Maria da Graça Cardoso
Editorial Ibis
Venda Nova 1968

QUANDO há anos John Dos Passos esteve em Portugal o que mais impressionou no seu convívio foi uma singular pretensão em esquecer uma importante parte da sua biografia — aquela justamente que dizia respeito à sua presença na Península Ibérica nos anos de 1937-39. O homem que outrora fora das grandes causas revelava-se aqui como um gigante pacífico, como um monumento de cordialidade em que não figuram legendas de guerra nem inscrições ideológicas.

Os melhores tempos de Dos Passos são então os tempos dos anos vinte, talvez aqueles em que fez a sua aprendizagem de escritor e de cidadão interessado. Mas é legítimo perguntar se os dos anos seguintes — os das derrotas e das vitórias europeias — não deveriam pertencer a esse período. E nessa exclusão é indubitável que está patente uma determinação bem definida de rever o passado ou pelo menos de o não repensar.

É facto, «crescer significa excluir muita coisa» escreve agora (em 1965) John Dos Passos na obra que acaba de ser traduzida para português, *Os Melhores Tempos*. Significa excluir certas zonas do passado? Amizades? Obra? Tudo e um pouco mais. «Numa época em que os «slogans» políticos se viram ao contrário de ano para ano», diz ainda o grande romancista «uma pessoa que tente conservar um espírito interrogador tem de suportar que velhos amigos se transformem em não amigos e até em inimigos.»

A GERAÇÃO PERDIDA

Hemingway foi uma dessas ligações cortadas. «Era um homem de excepção», como declara John Dos Passos neste seu notável livro de memórias em que desfila toda uma época de inquietação e aventura e onde alguns vultos da «Geração Perdida» se nos deparam com o fulgor genial da sua vida errante. Sim, Ernest Hemingway foi uma excepção e E. E. Cummings outra. Mas o autor de *Por Quem os Sinos Dobram* até ao último instante de vida não «contornou» o passado nem considerou que «crescer é excluir muita coisa» (e que coisa?). Em vez disso, nos *Conselhos aos Jovens Escritores* publicados no *Playboy* cinco anos antes de morrer, afirmou pura e simplesmente que «todos os anos e todos os erros são necessários à vida de um romancista e nisso deve residir um dos seus orgulhos.»

Quais os motivos do rompimento entre os dois romancistas? Dos Passos, que dedica largas páginas de *Os Melhores Tempos* à evocação de Hemingway não sugere sequer um esclarecimento.

Pensar-se que se trata de divergências meramente políticas seria temerário e abusivo. Mas já não o será afirmar-se que a trajectória social de ambos se tornou a certa altura divergente e que até à hora do suicídio. Ernest Hemingway jamais desmentiu uma atitude bem definida em relação à vida.

Sob certos aspectos *Os Melhores Tempos* é uma obra complementar de *Paris é Sempre uma Festa* (ed. Livros do Brasil, Lda.) de Hemingway. O primeiro livro confirma o segundo nas memórias parisienses com as imagens literárias da época: Silvia Beach e a Shakespeare & Co, Gertrude Stein, o Harry's Bar, Scott Fitzgerald e a sua estranha mulher, E. E. Cummings e, principalmente, a imagem errante de Hemingway.

Admiràvelmente descritas, estas recordações de Dos Passos completam o retrato de uma idade de rebelião e de afirmação. Uma idade rememorada com certa complacência no tocante à extraordinária agitação do clima da sociedade de então e, em contrapartida, com sublinhada crueza no que respeita aos vencidos dessa época. E isto que não invalida — longe disso — o extraordinário valor do livro como documento literário faz meditar sobre o tempo e os anos — sobre Dos Passos, afinal.

PORTUGAL REMEMORADO

«John R. (pai de John Dos Passos) nasceu em Filadélfia em 1844. Seu pai Manuel dos Passos, era um emigrante da vida de Ponta do Sol, uma minúscula povoação enterrada numa fenda profunda da montanha, algumas milhas a leste do Funchal, que é a capital da Ilha da Madeira...»

A abrir *Os Melhores Tempos*, de John Dos Passos, esta certidão de origem. A partir dela surgir-nos-á o grande gigante da Literatura que abriu ao romance contemporâneo as mais largas perspectivas. Os homens do *nouveau-roman* raramente o citam (Faulkner é o monopolizador oficial...), os literatos da Pop Art não pensaram nele (excepção feita a Eliot Lowell que o considera «iniciador do romance-colagem») e toda a sua projecção revolucionadora assenta numa época histórica limitada à «literatura até aos anos 50». (Algumas obras da fase inicial do neo-realismo português atestam essa influência). Se foi extraordinária a sua acção renovadora na novelística desse tempo, não é menos importante o papel precursor que ela representa numa altura em que as estruturas do romance se sacodem violentamente e em que algumas das obras contemporâneas de vanguarda utilizam a montagem e o sincopado que, noutras bases, foram lançados pela primeira vez na trilogia *U. S. A.* Mas esse capítulo não consta de *Os Melhores Tempos*, não há lògicamente lugar para ele numa autobiografia de que deliberadamente foi excluída a especulação intelectual e em que tudo é condensado em acção e documento objectivo.

Para o leitor comum uma narrativa assim, dinâmica, tem aliciações de vantagem. Para o leitor português, em particular, a história deste grande do século, descendente de madeirenses, contém algumas passagens que o atraem sobremaneira. O episódio de uma escala romântica pelos Açores, por exemplo, o encontro com os republicanos portugueses ainda na vigência da Monarquia e a segunda visita ao nosso País (na companhia de E. E. Cummings) são ilustrações pitorescas da peregrinação americana no velho mundo.

«Não conseguiu interessar Cummings por Lisboa», conta Dos Passos. «Nativo de New England até ao âmago do seu ser, sentia repulsa pela exuberância do estilo manuelino.

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

O «Eu dividido» em Mário Dionísio, por *Alexandre Pinheiro Torres*

LETRAS ESTRANGEIRAS

Estará doente a literatura?, por *João Gaspar Simões*
«Os Melhores Tempos», de John Dos Passos, por *Sheppard de Moraes*

CRÍTICA

Um leitor desocupado, por *Mário Sacramento*

TEATRO

Sobre Teatro de ar livre, por *Luiz Francisco Rebello*

CINEMA E LITERATURA

Mais forte que a ficção, por *José Vaz Pereira*
Godard ele próprio

ARTES PLÁSTICAS

Almada e Vieira da Silva na sala de estar, por *D. L.*

ARQUITECTURA E URBANISMO

As casas que se constroem, por *Luz Valente Pereira*

Il. Bernardo Marques para a edição Livros do Brasil

O velho Hemingway e o mar

Várias versões foram postas a circular sobre as origens reais de O Velho e o Mar *e atribuiu-se até que correspondesse a uma aventura contada por um antigo pescador de Havana. John Dos Passos, em* Os Melhores Tempos *revela um curioso episódio vivido na companhia de Hemingway, extraordinàriamente esclarecedor da experiência que serviu de argumento ao romance. Neste excerto substitui-se o designativo familiar de* Old Master *(com que Dos Passos tratava Hemingway) pelo nome próprio do escritor.*

ERA ao fim da tarde quando Kathy e eu chegámos ao local da batalha. Ao anoitecer o atum começou a enfraquecer. Hemingway estava a recolher a linha. Toda a gente se mantinha atenta, mas o atum estava ainda preso ao anzol. Sentimo-nos muito excitados por assistirmos ao fim do combate. Havia um círculo de espectadores em barcos a toda a volta, incluindo Leeds com a sua pistola-metralhadora a bordo do **Moana.**

Escurecia. O vento amainara, mas uma borrasca de aspecto desagradável amontoava-se no horizonte. À luz do fim do crepúsculo Hemingway puxava pelo peixe, centímetro a centímetro. Ainda ninguém o tinha visto. Um homem estava de atalaia, com o gancho em riste. Nós, os restantes, acocorados no topo da cabina do **Pilar,** espreitávamos para dentro de água com as nossas lanternas eléctricas.

Vimo-lo de repente, escuro, prateado e imenso. Quatrocentos quilos, quatrocentos e cinquenta quilos, quinhentos quilos, palpitavam os presentes, murmurando. Só se sabia que era um peixe enorme. Movia-se lentamente. Parecia derrotado. O homem do gancho precipitou-se e falhou. O brilho prateado desapareceu. O carreto guinchou quando o peixe mergulhou.

As pragas que Hemingway soltou foram sibilantes e lançadas em voz baixa.

O peixe levou metade do carreto; então Hemingway recomeçou a recolher a linha outra vez. Não parecia que aquilo estivesse bem. Houve mesmo quem sugerisse que o peixe devia estar morto. Bill Leeds tinha mantido os tubarões à distância com a pistola-metralhadora mas deixou de fazer fogo com receio de que um ricochete acertasse em alguém. Hemingway recolhia a linha sem parar.

Nuvens de tempestade cobriam um terço do céu estrelado. Na orla das nuvens tremeluziam relâmpagos. A maior parte dos barcos pequenos regressara a terra.

Por fim, num grande movimento de água prateada e de espuma, o atum veio à superfície a dez ou a quinze metros da popa do barco. Os tubarões não lhe tinham tocado. Víamos todo o enorme comprimento do peixe, muito liso. Hemingway recolhia a linha ràpidamente. Então, de repente, surgiram eles. À luz das nossas lanternas víamos os tubarões a avançar na água escura. Como torpedos. Como lanchas velozes. O primeiro atacou. Outro logo. Outro. A água estava escura de sangue. Quando o atum foi içado para dentro do barco, não restava mais nada senão a cabeça, a espinha e a cauda.

(...)

Mais tarde Bill Leeds concordou que o que todos tínhamos presenciado naquela noite fora a autêntica antestreia de **O Velho e o Mar.**

Quando tentei esfregar-lhe o nariz nos grandes painéis do São Vicente de Nuno Gonçalves disse que preferia Rembrandt. Em Coimbra veio-lhe uma fobia ancestral contra o misticismo. Os estudantes pareciam-lhe todos jesuítas à paisana. No Porto em vez de investigarmos os vinhos passámos o tempo à procura de um dentista de confiança. Cummings aparecera com um dente estragado, o que desfez os meus planos de levar a pé pela Estremadura.»

«LA VIE LITTERAIRE»

De São Francisco ao Teerão, de Marrocos à Rússia Asiática, *Os Melhores Tempos* de John Dos Passos decorrem em etapas assinaladas por encontros literários. Ring Lardner aparece-lhe pela primeira vez, de pé, contra a chaminé de um salão, empunhando um copo de whisky e envolto numa névoa de bebedeira. Dorothy Parker surge como uma gralha, «dizendo as suas piadas habituais com os olhos cheios de lágrimas». Eisenstein e Pudovkin seriam «as pessoas mais interessantes e vivas que conhecera em Leninegrado e Moscovo (...) homens de vastas leituras e tão diferentes dos cineastas americanos que causavam espanto.»

Aventura atrás de aventura. Encontro atrás de encontro. E os perfis literários saltam-lhe da pena com uma exactidão admirável:

«António Machado era um ser alto e desajeitado que trajava um fato cheio de rugas, luzidio nos joelhos. Usava um chapéu alto sempre cheio de pó. Dava a impressão de ter menos iniciativa do que uma criança para as tarefas diárias da vida, um homem demasiado ingénuo, demasiado desastrado para sobreviver.»

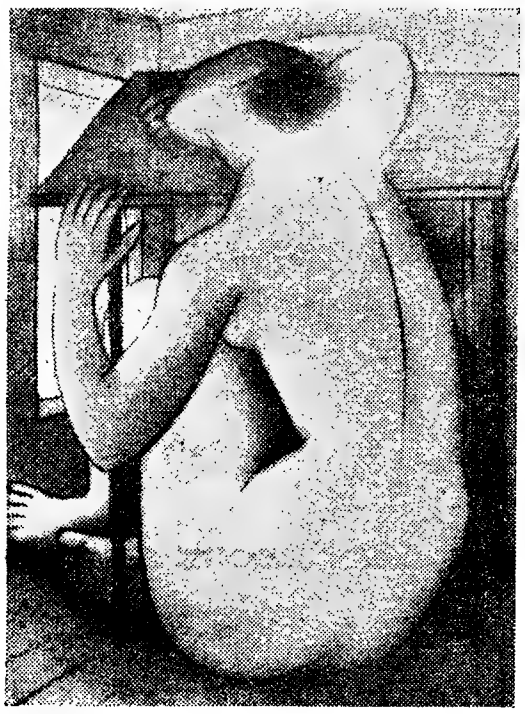
...

«Don Miguel Unamuno, com a sua pele pergaminhada e a testa estreita e arredondada, parecia-se cada vez mais com Don Quijote à medida que os anos passavam (...) Começou a censurar-me pela minha ignorância da literatura portuguesa que muito admirava. O seu universo mental tinha sido alimentado tanto com Camões, e em especial o dos sonetos, como com Cervantes.»

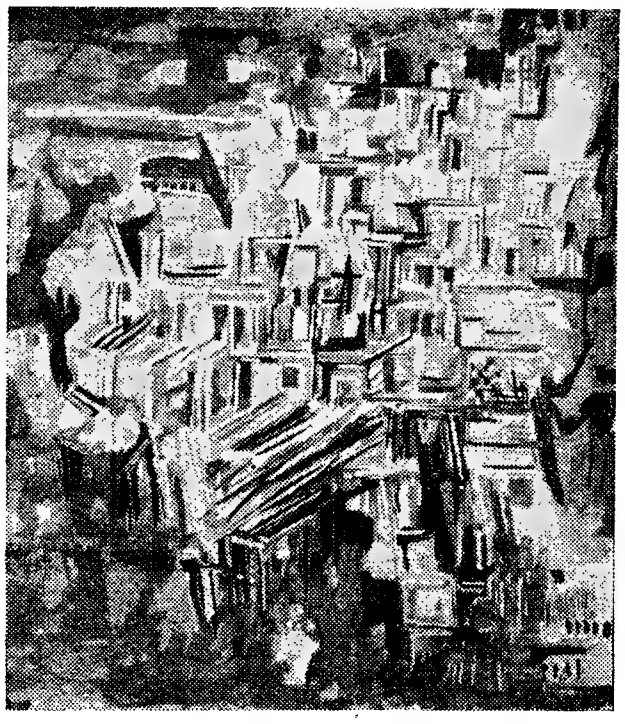
INTERROGAÇÃO SOBRE O TEMPO

Os melhores tempos serão os da juventude, como apregoam os lugares-comuns da velhice? Onde num homem publico começa e termina a juventude? O livro de John Dos Passos não se define no título que contém e essa é a única (e importante) objecção a uma obra tão rica e tão importante do ponto de vista literário como esta.

O capítulo final do livro (*A Baratinha*) fecha com a imagem de um pequeno automóvel abandonado no pátio da *Gobernación* de Madrid. É um símbolo da ineficácia e da desorientação administrativa dos republicanos, correspondendo a um episódio datado — aos primeiros dias de um regime que Dos Passos recorda hoje com apreensão e com melancólico desinteresse. Mas outros tempos se seguiram, piores e melhores para a história. Outros dias numa permanente oscilação de valores conduziram o homem, apesar de tudo, a melhores tempos do que os dos buliçosos anos vinte.



Almada



Vieira da Silva

VIEIRA DA SILVA E ARPAD SZENÈS

Localizámos em casa de D. Martins obras de um par famoso: Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenès. O conhecimento vem de longe. «Ao D. e á M. com muita ternura da Vieira da Silva».

«A mon ami D. Arpad Szenès».

O coleccionador limita-se a esboçar um sorriso quando insistimos com perguntas.

E mostra-nos então um postal que lhe foi enviado por Joan Miró, depois da passagem pela cidade de Lisboa.

Prefere falar de um «pintor de domingo», António Varela, contemporâneo de Eduardo Viana e participante na I Exposição dos Independentes. Tem algumas obras de pequeno formato guardadas na sua colecção.

Almada e Vieira da Silva na sala de estar

Ter quadros em casa pode ser um empate de capital. Ou um acto de vaidade, uma ostensão de posse. Ou ainda — situação frequente de alguns coleccionadores, portugueses ou não — um acidente mais ou menos comandado ao longo de vários anos de intimidade com artistas criadores. D. Martins, que privou com Almada e Mário Eloy, está nesta última categoria.

Fomos encontrá-lo na sua quinta perto do Estoril. Mais que o facto de haver juntado uma pequena e excepcional galeria de obras portuguesas (tem também um ou outro quadro de autor estrangeiro, e peças de estatuária asteca), surpreendeu-nos a sua lucidez intelectual, a sua informação absolutamente invulgar sobre vários problemas. Nos anos vinte teria sido chamado um «clerc». Hoje, porém, vive retirado, e escusa-se a relatar como e a que ponto conheceu este pintor de nomeada, aquele poeta antologiado.

É amigo de Almada. Desde quando? «Desde os tempos de rapaz». E não se alarga em mais considerandos. Serão precisas algumas horas para mostrar-nos o volume encadernado da revista «SW», administrada por ele e publicada sob a direcção do autor da «Cena do Ódio».

De Almada vêem-se várias obras espalhadas pela casa. Lá está (surpresa!) o original do desenho de Fernando Pessoa feito na tarde do enterro do poeta. E um nu reproduzido no volume «Almada» da Artis (Colecção de Arte Contemporânea). E cartões de figurinos para bailado. E outros espécimes, entre eles um segundo nu que pudemos fotografar; a mulher espreguiçou-se de encontro a uma mesa, iluminada pela claridade subtil que vem da janela á sua esquerda.

D. Martins, ou alguém presente na sala, exclama:

— *Este, sim, é um dos grandes desenhos de Almada. Não tem a frieza habitual no artista.*

Quanto ás relações Almada-D. Martins, a história interrompe-se aqui. Impossível arrancar o quer que seja.

Souza-Cardoso

SOUZA CARDOSO:
PRENDA DE UM AMIGO

Na sala de estar, em boa vizinhança com centenas de livros, está um Souza-Cardoso. Como foi parar o quadro a casa de D. Martins?

Informação lacónica:

— *Prenda de um amigo.*

A galeria de D. Martins apresenta também obras de Abel Manta (e João Abel Manta), Eduardo Viana, Julio, Manuel Ribeiro de Pavia (várias, três das quais numa curva das escadas, três outras num quarto de dormir), António Dacosta, Sarah Afonso. Desta pintora fotografámos uma cena de campo, onde há a notar certo paralelismo com a distorção ingénua da figura humana operada por Chagall.

Um dos artistas estrangeiros representados na colecção de D. Martins é o suiço Mans Erni, radicado em Berlim nos anos trinta, onde se ligou de amizade com Kandinsky e o grupo deste.

Entretanto, o facto de D. Martins estar casado com uma senhora alemã parece autorizar-nos a imaginar relações entre o português e o suiço datadas de Berlim e dessa precisa época. Mas o coleccionador do Estoril nada adianta.

Fotografar? Podemos fotografar á vontade. O resto será conhecido um dia. Não interessa por agora, diz-nos D. Martins. Tem também guardados «papéis»: cartas, postais, documentos de vária ordem. Mais tarde se verá.

Mário Eloy

ELOY ANTES DA LOUCURA

Outro artista que D. Martins conheceu de perto, e de quem possui várias obras, é o malogrado Mário Eloy, o berlinense de adopção (também ele casado com uma alemã), trágicamente desaparecido em seguida á manifestação de uma doença mental irreversível.

A amizade de Mário Eloy, ao que apurámos por uma ou outra palavra menos lacónica, cimentou-se em Lisboa. D. Martins era visita do seu «atelier» e assistiu a várias crises. Como aquela em que o pintor, desesperado pela atitude de uma actriz com quem se ligara, rasgou todas as obras que a representavam.

De D. Martins ouvimos dizer que ajudou monetáriamente alguns pintores. «Este é o problema básico, sem ele estar resolvido nunca haverá arte em Portugal. Comer pincéis faz mal ao estómago, e o unitex e a pedra são duros de roer» (José-Augusto França).

O coleccionador faz um gasto discordante: a explicação não é bem essa...

Não obteremos mais nada. A colecção em si, a matéria visual, não o movimento de coleccionar e as razões da colecção, podemos apresentá-las. O visitante sente-se frustrado, apesar de saber que tem diante de si um dos melhores (e práticamente ignorados) conjuntos particulares de pintura e desenho português deste século,

D. L.

OS SEGREDOS DA VIDA E DA MORTE
DE UM GRANDE ESCRITOR

PAPÁ HEMINGWAY

por A. E. Hotchner

Em Paris ou em Cuba, no desespero ou na euforia que antecederam a corrida que levou à autodestruição — que se teria passado na verdade? O livro de Hotchner revela a estranha personalidade de Hemingway. Para além das anedotas — sempre saborosas — e das recordações — sempre reveladoras — a ferida secreta que nos restitui esta velha face enrugada mas fraternal e viva

COLECÇÃO FIGURAS DE TODOS OS TEMPOS

Volume ilustrado de 412 páginas: 80$00

LIVRARIA BERTRAND

As casas que se constroem

por Luz Valente Pereira

Prossegu mos hoje, com o artigo «As casas que se constroem», da arquitecta Luz Valente Pereira, a publicação da série de trabalhos sobre Arquitectura e Urbanismo organizada pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, de colaboração com o «Diário de Lisboa».

● *Já publicados:*

«As cidades em que vivemos», pelo arquitecto Keil do Amaral («Suplemento DL» 25-7-68.

«A evolução da cidade», pelo arquitecto Carlos S. Duarte («Suplemento DL» 1-8-68).

AS ACTIVIDADES QUE SE REALIZAM EM CASA

Numerosos estudos, sobretudo estrangeiros, têm analisado as actividades que se realizam no fogo, verificando como se processam e de que condições necessitam para a sua efectivação. Passaremos a referir algumas observações e conclusões de trabalhos realizados no Laboratório Nacional de Engenharia Civil trabalhos nos quais, através de inquéritos a população nacional cliente da habitação social, de estudos relacionando as actividades em casa e as disponibilidades em espaço e ainda de análises da organização e satisfação proporcionada por diferentes tipos de fogos, se procura conhecer as actividades no fogo e como este deve estar equipado, organizado e dimensionado para as receber em boas condições.

AS ACTIVIDADES QUE SE REALIZAM OU EM CASA OU NO EQUIPAMENTO URBANO

Quase todas as actividades ligadas à casa, com maior ou menor frequência segundo os grupos socio-económicos e a disponibilidade e acessibilidade do equipamento urbano, repartem-se entre a casa e o exterior. A preparação das *refeições* simplificou-se, há uma maior utilização de alimentos que se compram preparados ou semi-preparados e a utilização do restaurante, do «snack», é mais frequente e generalizada, quer para refeições correntes, quer para refeições comemorativas e de convívio social. A multiplicação das cantinas em locais de trabalho e estudo veio aumentar também, o efectivo das refeições fora de casa.

O tratamento de roupas mantém-se em casa embora simplificado: a preparação e confecção faz-se na costureira ou utiliza-se o «pronto a vestir»; a lavagem e passagem a ferro mantém-se para as peças de roupa pequenas, mas para as grandes começa a generalizar-se o uso da lavandaria. O aparecimento da máquina de lavar traz, para os que a adquirirem, um retorno desta actividade para casa; a transformação das matérias usadas na confecção, o aparecimento das fibras sintéticas, mais fáceis de manipular e do papel, trazem alterações profundas á função de tratamento de roupas que desaparece ou, pelo menos se modifica substancialmente.

As funções *estar, receber, recreio* de crianças e adultos e *estudo* dos jovens, repartem-se entre a casa e o exterior. Intensificou-se o convívio no trabalho, em cafés, clubes, associações; utiliza-se mais as escolas, creches, jardins de infância para os mais pequenos, criaram-se nas escolas reuniões de convívio e actividades extra-escolares de estudo e recreio que solicitam o estudante fora das horas de aula; multiplicaram-se as distracções urbanas — cinemas, teatros, espectáculos desportivos, etc. — que conjugados com a maior disponibilidade de tempo livre levam as pessoas a sair mais frequentemente de casa. No entanto, o aparecimento e rápida generalização da televisão refez, embora com outras características, o «serão familiar», o convívio de domingo; a variedade dos «hobbys», o aumento da necessidade de leitura e de formação extra-escolar, a consciencialização da necessidade de vida familiar para as crianças e jovens, trouxe uma renovação da vida familiar no quadro da habitação.

Processa-se, ao nível da casa, uma certa procura de *privacidade*, de selecção de convívio, que funciona como defesa individual oposta ás inumeras solicitações e convívios obrigatórios fora de casa. A família e através dela a casa, meio onde ela se reune, tem a função cada vez mais necessária de segurança afectiva que o anonimato e mobilidade da vida urbana não asseguram. No entanto, só uma habitação que permita uma certa independência dos membros do agregado familiar, pode proporcionar bem-estar na coabitação, privacidade na vida em comum. Foi, pelo menos em parte, a falta de espaço em casa, a impossibilidade de separar dentro dela pessoas e funções, que levou utilização dos equipamentos colectivos. Podemos supor que o abandono da casa foi em parte forçado e devido a carências desta e não totalmente mudança de atitude. Seria do maior interesse, para programar correctamente a habitação e a cidade conhecer o mecanismo que leva á utilização desta ou daquela nos aspectos a que nos temos referido.

AS CASAS QUE SE CONSTROEM SATISFAZEM OS SEUS MORADORES? QUE CASAS SE DEVEM CONSTRUIR?

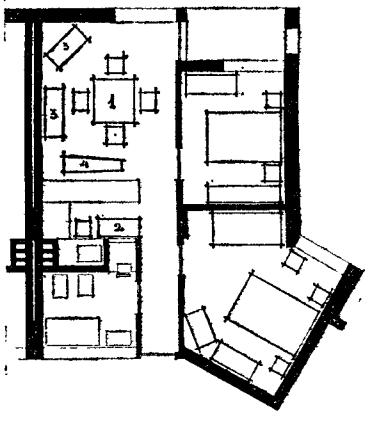
A ORGANIZAÇÃO DA CASA E A MANEIRA COMO E UTILIZADA

A preparação das refeições — que várias soluções de fogo prevêem em espaço reduzido á banca e fogão e mais ou menos integrado na sala para não isolar a dona da casa e facilitar-lhe as tarefas para as quais já não dispõem do auxilio da criada nem de tempo, na medida em que trabalha fora — necessita de espaço que permita a colocação de máquinas auxiliares, de frigorífico e o trabalho simultaneo de duas ou mais pessoas na medida em que a dona de casa é muitas vezes auxiliada por pessoa de família ou mulher a dias.

Muitas donas de casa desejariam que as *refeições correntes* se tomassem na cozinha. Em inquérito feito em 1963 pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil em zonas populares dos bairros de Alvalade, Olivais, Pontinha e Alcantara, verificou-se que 30 % do total das refeições de todos os membros do agregado familiar eram tomadas na cozinha e, considerando apenas os almoços, 34% passavam-se na cozinha, 36 % no exterior, havendo uma nitida preferência pela utilização da cozinha quando o chefe de família se encontrava ausente (75 % dos almoços sem o pai são na cozinha). Isto passa-se em cozinhas exiguas, onde pareceria impossivel colocar uma mesa para refeições (variam entre os 2,5 e os 6,7 m2 de área util, com larguras livres de 1 a 2 m). Muitas donas de casa que servem as refeições na sala declararam que gostariam de o fazer na cozinha mas não e possivel por absoluta falta de espaço.

Manifestou-se além disso uma nitida preferência por ter uma *sala* que se possa isolar, manter arranjada e limpa, independente de circulações, das brincadeiras incontroladas das crianças, dos afazeres domésticos que «sujam e desarrumam». Apesar de as famílias disporem de escasso número de divisões encontraram-se nos fogos inquiridos saletas com ou sem divã, numa das divisões previstas como quarto de cama, o que manifesta essa necessidade de sala isolável com carácter mais intimo.

A necessidade contraditória de separação e contacto que exigem as zonas comuns da casa, seria resolvida criando espaços ambiguos quanto á sua função, que se agrupariam ou separariam conforme as preferências de cada família, espaços que permitissem adopções livres de arranjo e utilização. A divisão chamada *sala comum* encontra-se sobrecarregada, é o unico local onde se dispõe de um espaço não especializado — o quarto foi realizado para conter a cama, a cozinha para a banca e fogão, a casa de banho para o equipamento sanitário — todas as outras actividades caseiras, que são muitas, atropelam-se na sala, agravando ainda o facto de no agregado familiar existirem grupos de idades com exigências diferentes e necessidades individuais especificas que pedem «sitios de sala» diferenciados.



Casa em OLIVAIS onde residem dois casais e um filho de 4 anos. A cozinha é local de todas as refeições (mesa 2). A sala está mobilada como se fosse casa-de-jantar com mesa ao centro (1) e duas cristaleiras (3). A sala é utilizada para visitas e reunião da família. A presença da tábua de engomar (4) e as declarações da família inquirida indicam que é na sala que se executam os trabalhos domésticos

Parte das actividades que sobrecarregam a sala poderiam ser transferidas para o *quarto*, se este pudesse comportar uma zona para estudo, receber amigos, isto para não falar na necessidade quase nunca satisfeita mas já largamente evidenciada de dispor de numero de quartos suficiente para separar filhos e filhas e permitir a existência de camas individuais.

No inquérito citado, grande número de criticas refere-se a inexistência de local apropriado para o *tratamento de roupas* que se limita á existência de um tanque na cozinha ou na casa de banho, o que provoca os maiores transtornos no funcionamento dos trabalhos domésticos — molha tudo á volta, não existe espaço para colocar a roupa lavada, impede o acesso simultâneo á banca da cozinha e ao tanque, etc. *O estendal* também não satisfaz por estar muitas vezes em local sem sol, por ser pequeno, incomodar os vizinhos e não estar relacionado com o local do tanque. Vinte e seis das sessenta e três donas de casa inquiridas disseram ambicionar uma «marquise», embora a pergunta não tivesse sido formulada.

Muitas outras observações se poderiam apontar. As indicadas têm apenas a finalidade de mostrar como é necessário conhecer o que realmente se passa no fogo e a eficácia de certas propostas e ainda que as áreas geralmente praticadas são exiguas e não permitem uma utilização satisfatória das casas. Acrescente-se que certo tipo de soluções correntemente praticado é ineficaz mesmo em relação aos objectivos que se propõem alcançar. A casa feita para uma utilização totalmente condicionada não leva os utentes á adopção dessa maneira de habitar, mas a uma sobreposi-

Godard por ele próprio

JEAN-LUC GODARD, sem dúvida o mais citado, imitado, contestado, apupado e endeusado cineasta contemporâneo, foi o escolhido (obviamente) para iniciar a colecção «Cahiers du Cinéma» das Editions Pierre Belfond.

Com introdução e notas de Jean Narboni (um dos críticos dos celebérrimos Cahiers), o volume agora chegado aos escaparates dos nossos livreiros é totalmente preenchido com textos e entrevistas do incómodo realizador (de 1950 a 1967), acrescidos de uma filmografia que termina em Week-End, a última das três obras realizadas por Godard no ano transacto.

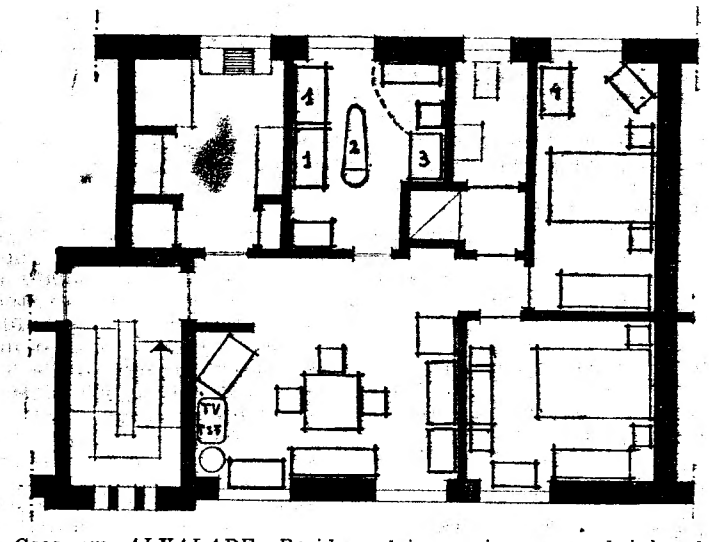
Na introdução do livro, e após ter inventariado os objectivos da colecção (dar a palavra aos próprios cienastas, reunindo textos críticos, ensaios teóricos e entrevistas, de modo a poder confrontar-se directamente o autor e a obra, o crítico e o cineasta coincidentes na mesma pessoa), Jean Narboni explica o porquê da escolha inicial de Jean-Luc Godard:

«Escolher para começar Jean-Luc Godard significa, para nós, apresentar um conjunto de textos pelos quais o princípio desta colecção não seria apenas justificado ou ilustrado, mas verdadeiramente proclamado. Quem se reportar a determinadas declarações do autor contidas neste volume verificará repetidamente afirmadas a sua crença na ausência duma real descontinuidade entre as actividades crítica e criativa e o desejo de as prosseguir sempre e cada vez mais estreitamente ligadas. Segundo o seu próprio testemunho, a passagem à realização não implicou qualquer ruptura radical de actividade, mas uma simples mudança de situação das duas práticas, uma inversão do modo de integração recíproca. Se, num primeito tempo — o de reflexão crítica, ùnicamente — esta, alimentada dos filmes de outros cineastas, desenhava no vazio e designava o lugar onde devia situar-se a obra futura, vimo-la em seguida situada numa espécie de zona

ção de utilizações e ao abandono da casa assim que as circunstâncias económicas o permitem.

Confirma-se portanto através dos inquéritos a insatisfação que existe em relação á casa, que esta não serve mesmo as populações de poucos recursos, equipamento reduzido e poucas exigências. Uma melhoria geral das condições económicas e a promoção social tornarão mais aguda a noção das deficiências.

Os programadores da habitação encontram-se perante um problema delicado — procurar conhecer as necessidades habitacionais actuais e previsíveis e definir programas que satisfazendo-as tenham em conta os condicionalismos económicos impostos pela política de investimentos:—qual a casa que proporciona aos moradores o modo de vida desejado e que corresponde ás suas necessidades actuais e futuras — qual a casa economicamente ajustada ao grau de desenvolvimento e ás possibilidades de investimento do país no sector da habitação dada a extensão das carencias num dado momento.



Casa em ALVALADE. Residem dois casais, uma sobrinha de 5 anos e um filho de 12. Seria portanto necessário utilizar todos os quartos de dormir. A falta de previsão de local para as actividades em casa levou esta família a ocupar um dos quartos com as máquinas de costura (1), tábua de engomar (2), recanto para o filho brincar (a ponteado) e um divã fechado (3) que serve de cama para o filho. De notar a falta de espaço para a colocação do berço (4)

A NECESSIDADE DE DEFINIR PROGRAMAS MÍNIMOS SATISFATÓRIOS

Da conjugação dos condicionamentos económicos e da noção de que a casa tem de satisfazer determinados requesitos, nasceu a necessidade de definir EXIGÊNCIAS MÍNIMAS e de concretizá-las em PROGRAMAS MÍNIMOS. Mas que noção de MÍNIMO adoptar? Que bitola nos vai permitir estabelecer uma escala de valores e prioridades?

O Arq. Nuno Portas propôs um critério ligado á própria perspectiva de desenvolvimento — «pode entender-se a noção actual de MÍNIMO como o conjunto de condições abaixo das quais o *habitat* possa concorrer para restringir o próprio desenvolvimento da vida individual e de grupo que a sociedade permitiria numa dada fase da evolução...»

A noção de MÍNIMO corresponderá a uma maneira de encarar a habitação. É uma escolha guiada pelo conhecimento do que representa e exige uma casa para as populações que as irão habitar imediatamente e durante TODO O TEMPO DE DURAÇÃO DO EDIFÍCIO. Esta escolha irá condicionar durante um cento de anos a vida das famílias que nela habitarem. Se pensarmos que este condicionamento é decidido para milhares de fogos e pelo período de um século, se pensarmos nas transformações que este período forçosamente comportará e que se irão repercutir na vida em casa, fácilmente nos apercebemos da responsabilidade da definição de programas mi-

(Continua na 6.ª página)

O «Eu» em Mário Dionísio

por Alexandre Pinheiro Torres

Será um lugar-comum afirmar que toda a grande poesia põe o problema de um *eu dividido?* E será injustiça afirmar que uma das razões invocadas pelos detractores dos poetas do *Novo Cancioneiro* se estribava na circunstância de esses poetas, ao *eu* complexo da poesia do Primeiro e Segundo Modernismo, oporem um *eu* monolítico, rigorosamente extrospectivo, eliminando o diálogo dos múltiplos e contraditórios aspectos do *eu* em que, afinal de contas, todo o verdadeiro poeta se desmultiplica? Ainda hoje alguma crítica repete, nas suas análises, essa herança polémica, quando, parece óbvio, chegou a hora de rever tudo e, para além das atitudes polémicas — por férteis que elas possam ser no momento devido —, limitarem-se os analistas da poesia de um passado ainda tão presente a uma exegese rigorosa dos textos, não especulando na área de tópicos, que, na verdade, lse são transcendentes. Pode ver-se que na poesia de Dionísio a Cidade é assumida (na antinomia Cidade-Campo) como termo iedal da *residência* do Homem.

Vamos pensar, porém, que o tipo de Homem que surge nesta poesia é já o de um «Mundo Compartilhado» que superou o pessoalismo mais ou menos umbilical que havia caracterizado, em larga medida, a poesia anterior à do *Novo Cancioneiro?* Se pensarmos que na poesia de Dionísio se passa do «homem de um mundo privado» ao homem de um mundo compartilhado» por uma simples operação de ocultamento dos dramas que ao nivel da *pessoa* humana se processam, pensaríamos certamente muitissimo mal. É que tal passagem nunca é simples. Ela chegará a ter as complexas *nuances* que caracterizaram a poesia de José Gomes Ferreira, onde tal transformação — se é que ela alguma vez completamente se processa — se regista nos termos de um diálogo infindável entre aquilo a que eu já chamei de *eu individual* e de *eu social* do poeta. Penso que a existência deste diálogo — por ele andar com evidência de pedra à superfície de tudo — jamais foi posto em dúvida por quem quer que seja. Mas penso também que, por esses diálogos serem menos transparentes noutros poetas que lhe são afins, há ainda a tendência para se afirmar que a posição *exclusiva* dos poetas do *Novo Cancioneiro* é aquela em que ao homem introspectivo da poesia anterior se opõe um homem de acção, imune á peste do *drama* egocêntrico.

No caso de Mário Dionísio, o problema do *eu dividido* começa logo a pôr-se em *As Solicitações e Emboscadas*. Parece ter-lhe sido fácil eliminar em *Poemas* (36-38) um dos termos do binário introspecção-extrospecção, quando ele estatui a *necessidade* (podemos dizê-lo assim) de o homem assumir um mundo muito mais amplo do que estava contido entre os muros do seu Jardim de Delícias. Mas, desde logo, em *As Solicitações e Emboscadas*, o Poeta põe a legitimidade de se poder usar, com propriedade, o termo Cidade como símbolo monolítico de um mundo compartilhado sem soluções de continuidade. Se essa Cidade está a «tantos aberta», também estará «a tantos ausente», dirá ele na poesia *Cidade* (pág. 67 de *Poesia Incompleta*). Aqui o homem do «chagado inútil drama» pessoal, quer *dar-se* a essa Cidade, símbolo da participação.

Mas esta dávida esbarra numa «máscara aberta», de «coração ausente». O homem do «chagado inútil drama» não encontra na Cidade, na aparência fútil ou superficial dela, o calor de um sentimento comunitário que se lhe apresente como refúgio ou compensação. O próprio Poeta o incita a ir para além das aparências, da «máscara aberta» e «do coração ausente», com o que se denuncia o carácter impessoal a frio da Cidade, a sua face convencional e até hostil. Diz-lhe: «vai lá ao fundo e verás lá bem no fundo / e bem escondido onde a vida se acalenta/ o sentido da hora e o amor do mundo».

Esta posição exige a admissão de que a passagem do «homem do mundo privado» para o «homem do mundo compartilhado» não se realiza por uma decisão voluntária, a tal nível que o primeiro seja completamente esquecido e reduzido à cota zero que a crítica mais acerba dos poetas da geração de 40 lhe atribuiu. Em *As Solicitações e Emboscadas* assiste-se, pelo contrário, ao aparecimento do diálogo entre estes dois tipos de homem, à sua convivência, e à impossibilidade, em última análise, do primeiro deles ser superado, porque sempre a sua presença subsiste teimosamente, e o Poeta não *só não* pega a sua existência, como o *escuta*, coo reproduz a sua fala, como admite o jogo complicado dos avanços e recuos de um e de outro, no mesmo tipo de teia que caracteriza a poesia de José Gomes Ferreira. Num movimento claro de introspecção (como se pode ver em *A Seiva Oculta*, pág. 71), confessa que ele às vezes também se vê a si próprio como *fim*, e que também canta a morte, o mistério e os requintes eternos. Certo que estes *motivos* são os típicos de uma espécie de homem que, polémicamente, o Poeta já estatuira havia que superar. Mas aqui está também presente a confissão de que o estádio de superação tem ligações profundas com o Passado, o mesmo Passado a que simultâneamente se quer, e em definitivo, voltar as costas.

O Poeta possui consciência perfeita dessa *divisão*. «Consciência» (pag. 77) diz: «Cada minuto uma questão/ mil fronteiras que venço ou que não venço / mas nenhuma de mais dura e duradoura combustão:/ ser o que penso». E' perfeitamente evidente que há aqui a admissão de dois planos diferentes entre os quais se debate: o plano do real, do ser; e o plano mental, o plano onde *reside* o homem que ele, Poeta, deseja ou *sonha* ser. Mais tarde em «Introspecção» (pag. 105) ele fala da «saudade dum outro», e pergunta: *Será a mim que lembro?* Claro que este *mim* está carregado do sentido muito pessoal do eu alheio a um mundo compartilhado ou compartilhável.

Neste diálogo que o Poeta regista não há dúvida, porém, que ele, *do lado de fora*, toma um partido. Já o sabíamos de *Poemas* (36-38). E é precisamente o *partido* do «homem do mundo compartilhado», ou do «eu social» que caracteriza o registo vocal do *Novo Cancioneiro*, e *nunca a negação da existência de um eu muito pessoal* como é, desde logo o caso de um Carlos de Oliveira, de um João José Cochofel ou de um Políbio Gomes dos Santos, etc. etc. Que Mário Dionísio toma esse partido podemos vê-lo, com toda a clareza, pelo próprio título que dá ao poema da pág. 101, «Os caminhos do eu megalómano». E penso que não interpreto mal se disser que as «solicitações» e as «emboscadas» são precisamente constituídas pelos mecanismos que tornam possível a emergência desse *eu*. O Poeta denuncia-os e regeita-os, e chega a fazer para esse efeito, profissões talvez declamatórias, mas que exercem a acção de uma autoterapêutica que o próprio Poeta não disfarça como tal. Podemos vê-lo em «A carne é forte» (pag. 121). Forte perante quê? Pois bem: as tais *solicitações*, as tais *emboscadas:* os mecanismos que tornam possível a emergência de um *eu* privado, como se para tal bastasse afirmar a fortaleza da carne. O próprio Poeta não está seguro disso. E *alguém* está?

Mário Dionísio: tomada de partido pelo homem do mundo compartilhado

ALEXANDRE P. TORRES

University of Cardiff
Março de 1968

marginal, à beira dos filmes, e depois integrada mais profundamente na sua própria substância até articular, por fim, a profunda conjugação dos seus elementos.

Não é este o lugar, na presente introdução, para assinalar as qualidades de escrita dos textos que recolhemos. Note-se apenas que, nunca se esgotando na simples relação com o objecto que os suscitou ou na transmissão duma opinião, eles tomam as formas mais variadas (ensaio, epigrama, poema breve, panfleto, colagem, conto, novela, carta, telegrama), testemunhando a liberdade plena, a diversidade de inspiração e a desordem organizada que caracterizam os próprios filmes de Godard.»

A polémica gerada à volta da actividade cívica, crítica e criativa de Jean-Lue Godard encontrará no volume referenciado razões suficientes para se extremar. Porque a paradoxal personalidade daquele que é, indiscutìvelmente, o mais potente motor da vanguarda cinematográfica está ainda por medir no seu alcance exacto e no seu completo significado. Na circunstância, o livro editado por Pierre Belfond constitui uma achega importante e quiçá indispensável.

Fanáticos (pró e contra), exprimam-se!

As casas que se constroem

(Continuação da 5.ª página)

nimos e da necessidade de serem encarados numa perspectiva a LONGO PRAZO e não, como geralmente acontece, para satisfação de aparentes necessidades imediatas que se tornam rápidamente ultrapassadas, comprometendo social e económicamente os empreendimentos, condicionando e travando a evolução natural.

COMO PROGRAMAR A HABITAÇÃO?

O programador encontra-se perante um problema complexo que exige conhecimentos que abarquem:

a) — a definição da função residir no complexo urbano;

b) — o conhecimento sob diversos aspectos da população interessada;

c) — o conhecimento das actividades que se realizam no fogo, motivação, modo e condições necessárias á sua plena realização.

Qualquer destes aspectos tem de ser examinado numa perspectiva de evolução e conter as variações que caracterizam os diferentes grupos de população.

A CASA TEM DE ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE VIDA E DA FAMÍLIA

A evolução socio-cultural e técnico-económica

Tem de encarar-se a evolução geral, prever as alterações dos hábitos, necessidades, equipamentos e actividades em casa, em relação com as modificações que tendem a verificar-se nas condições gerais do modo de vida, na medida em que os primeiros estão intimamente relacionados com elas, adaptam-se ás suas exigências, são alterados sob a pressão que exercem as contingências exteriores.

Na verdade, se analisarmos as alterações mais significativas que se vão fazendo sentir na forma de habitar, verificamos que as suas origens estão em transformações de carácter geral, estranhas ao desenrolar da vida privada mas que sobre ela se vêm a repercutir — trabalho da mulher fora de casa; relações pessoais e de grupo de um tipo novo; dispersão e diferenciação das actividades dos vários membros do agregado familiar; desaparecimento progressivo das empregadas domésticas, devido a promoção profissional generalizada e alterações nos conceitos de prestigio social; alterações nos horários de trabalho e estudo; aumento dos tempos de deslocação devido á expansão e dispersão dos serviços e, por outro lado, aumento dos tempos livres, etc.

Parece, portanto, que, antes de programar a habitação, se deve conhecer como e onde se processa a vida urbana, se deve definir programas e politica urbanos, de forma a inserir a *residência* no seu enquadramento próprio e a ter a noção tanto quanto possivel exacta do que é a casa, onde deve estar e que actividades comporta.

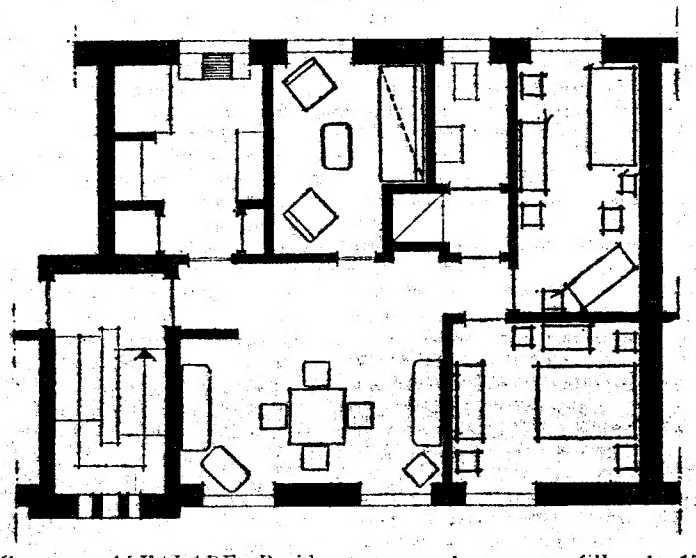
A evolução da própria família

Outro aspecto a encarar é o da evolução da própria família:

— sua constituição e nascimento de filhos;
— aumento progressivo do seu numero;
— transformação das necessidades destes ao longo do seu crescimento;
— independência e abandono da casa dos pais.

Estas alterações, a darem-se no mesmo fogo implicam uma sub ocupação inicial e final ou uma sobre-ocupação intermédia que, a não ser pensada de antemão, pode trazer desequilíbrios graves não só ao fogo mas também ao bairro, se o critério de atribuição das casas for o que correntemente se utiliza de facilitar as casas apenas aos casais novos com maior número de filhos, o que é ainda agravado com o acesso á propriedade que impede a mobilidade dos moradores.

Veremos assim bairros que eram inicialmente plenamente habitados tornaram-se ao fim de quinze, vinte anos superlotados e, passados mais alguns anos, apresentarem uma densidade muito abaixo da prevista. Além do problema da densidade, a uniformidade da composição por idades traz consequências graves como a superlotação de determinados equipamentos — escolas, equipamentos desportivos e outros — seguida do seu quase abandono alguns anos depois. Verificam-se ainda os incovenientes da não convivência de jovens e pessoas de mais idade com importância na vida individual e social dos bairros.



Casa em ALVALADE. Residem um casal com um filho de 15 anos e a avó que só reside meio ano. Puderam organizar um dos quartos em saleta. A sala comum é casa-de-jantar, a saleta é local de reunião da família e é no quarto do filho que se realizam os trabalhos domésticos e onde este estuda. A sala comum tem, pois uma utilização restrita, passando-se toda a vida de casa no que estava previsto como quartos

PARA QUEM SE CONSTROEM AS CASAS?

As diferenças de nível socio-económico e cultural entre as famílias

Verificando-se variações no comprotamento socio-económico das famílias, que se reflectem na forma de utilizar a casa e no grau e tipo de exigências em relação a ela, têm de definir-se «standards» de habitação que respeitem estas diferenças. Torna-se pois necessário conhecer as características socio-económicas e culturais dos agregados familiares e saber a que correspondem, sob o aspecto da maneira de viver em casa, essas categorias e ainda que esse conhecimento permita projectar no futuro a evolução das exigências.

A diversidade de composição e estrutura demográfica das famílias

Programar habitações para o conjunto da população implica conhecer estatistica e demográficamente as famílias, no momento do estudo e projectivamente, em numeros globais e parciais relacionados com as áreas geográficas determinadas pelo planeamento. Tem-se assim uma ideia do numero de casas necessário, hipóteses para a sua distribuição no território e indicações da quantidade e variedade de dimensões de casas ou tipos, a realizar.

COMO PODE A CASA ACOMPANHAR A EVOLUÇÃO E ADAPTAR-SE AOS DIFERENTES NÍVEIS DE EXIGÊNCIAS?

Podemos concluir que variando o programa e o equipamento doméstico segundo a evolução técnico-económica e socio-cultural, a composição demográfica e as caracteristicas da família e verificando-se esta evolução não só de família para família, mas dentro de cada família por evolução natural, importa definir o grau de mobilidade das famílias e elasticidade dos fogos mais conveniente para suportar estas modificações.

A mobilidade das famílias

Entenda-se por *mobilidade* a maior ou menor facilidade de mudança de alojamento dos agregados familiares, de forma a haver sempre uma ocupação plena mas não excessiva e adaptada ás caracteristicas do fogo. Aceitar esta mobilidade implica a possibilidade de realizar maior gama de fogos, com programas menos flexiveis, uma vez que a casa não teria de se adaptar á evolução da família mas seria esta que se transferiria para um fogo que correspondesse ás suas necessidades em cada período. No entanto, só uma política habitacional que criasse condições extremamente favoráveis á transferência e assegurasse uma permanente disponibilidade de fogos, se poderia basear na mobilidade dos agregados. Esta na realidade está longe de ficar automáticamente assegurada dados os encargos que representa, no caso de famílias em expansão, a mudança para uma casa mais ampla e, por outro lado, os hábitos criados em relação á casa e ao bairro onde ela se localiza, a beneficiação de renda antiga, a existência de mobiliário já adquirido leva as famílias em redução numérica a serem hostis á troca da casa que têm por outra, embora esta fosse mais adaptada ás suas necessidades.

A *mobilidade* é pois um factor com o qual não é de contar, salvo se se estabelecer uma politica habitacional que seja francamente orientada nesse sentido.

A elasticidade dos fogos

A elasticidade dos fogos está relacionada com o grau de mobilidade, necessitando aqueles de serem tanto mais adaptáveis quanto menor for a mobilidade das famílias. A escolha, sob este aspecto, refere-se á *casa condicionante*, ajustada a um determinado tipo de agregado, ou á *casa flexivel*, suficientemente incaracteristica sob o aspecto funcional e que dê aos utentes a liberdade de utilizarem diferentemente o espaço, de o adaptarem ás suas conveniências, de o transformarem á medida que estas se vão modificando ou ainda, encarar sistemas que permitam juntar ou subtrair células ou parte de casa, o que exigiria toda uma concepção diferente da organização urbana, da habitação e o emprego de processos construtivos e de montagem não tradicionais.

Não quero terminar sem uma nota que considero importante. O que foi dito enquadra-se num esquema de evolução continua, sem mudanças bruscas de atitudes, sem inovações radicais das estruturas de base, sem mudanças fundamentais na orientação do planeamento, embora numa posição de intervir e conduzir a evolução. Outra atitude há de encarar os mesmos problemas e que leva a conclusões e resultados diferentes. Consiste ela em basearmo-nos numa utopia, num sistema fechado que se controla e se propõe em moldes inteiramente repensados, eliminando todas as forças de hábito, de reacção, de inércia que pesam em toda a evolução: imaginar um salto brusco para uma sociedade ideal, embora baseada nas possibilidades «teóricas» da sociedade existente, e pensar a organização e as infra-estruturas que permitiriam a sua concretização.

Não me parece que, no plano teórico, as duas posições se oponham. A primeira é mais realista pois diáriamente se tem de actuar e essa acção pode favorecer ou comprometer o futuro; as pessoas não mudam radicalmente e só uma acção educativa generalizada lhes permite uma adesão e a real participação na mudança. A segunda é a única com verdadeiro sentido criador, indispensável para definir a *etapa-objectivo a longo prazo* e é através dela que se vão definindo as orientações principais e as intervenções mais actuantes nas estruturas reais.

Parece-nos necessário que os responsáveis pela programação estejam atentos a estes dois aspectos. É indispensável conhecer a realidade existente; mas todos os resultados dos estudos projectam-se no futuro que o programador tem de imaginar, de propor de uma dada maneira. O presente organiza-se, constrói-se, numa perspectiva de progresso que é necessário definir.

Lisboa, Abril de 1967.

Imprescindíveis na biblioteca do homem culto, as obras do mestre do Saudosismo, uma das mais altas figuras da nossa literatura

OBRAS COMPLETAS

DE

TEIXEIRA DE PASCOAES

sob a direcção do

Prof. JACINTO DO PRADO COELHO

Acaba de sair o IV volume contendo:

Introdução de Leonardo Coimbra

REGRESSO AO PARAÍSO
ELEGIAS

O DOIDO E A MORTE

45$00

Volumes publicados

1.º volume: 45$00

Introdução ● Tábua Cronológica

BELO ● A MINHA ALMA ● SEMPRE ● TERRA PROIBIDA

2.º volume: 40$00

A VENTURA ● JESUS E PÃ ● PARA A LUZ ● VIDA ETÉREA

3.º volume: 45$00

SOMBRAS ● SENHORA DA NOITE ● MARÂNUS

LIVRARIA BERTRAND

MAGNÍFICOS ANDARES

EM MIRAFLORES (ALGÉS)

C/ 4 e 5 assoalhadas. Bem servidos por transportes colectivos. Visite o nosso andar mobilado, em exposição das 14 às 22 horas (sábados e domingos) e das 14 às 20 horas (dias uteis).

Temos uma solução para cada cliente. Lotes **90, 130** e **131.**

Avenida Principal de **Miraflores** (junto à Praça de Touros de Algés) Telefs.: 213102-212288.

S. P. O. C. — Soc. Portuguesa de Obras de Construção, Lda.

Sobre Teatro de ar livre

(Continuação da 1.ª página)

Caldas, na procissão do Corpus-Christi», no ano de 1504.

Ao ar livre, por ocasião de festas religiosas ou profanas, apresentavam os jograis o seu repertório, vàriamente inspirado nas vidas de santos, nas novelas de cavalaria, nas cantigas de amigo ou de escárnio e maldizer. É certo que, por vezes, o cenário dos seus entremezes era, não já o largo da feira ou o terreiro em frente da igreja, mas sim a sala de algum castelo feudal, ou

PAULO QUINTELA: TEATRO PARA O AR LIVRE

mesmo dos paços reais. E embora estes últimos fossem a sede natural dos «momos», não é menos certo que, nos festejos de maior ressonância, o carácter eminentemente aristocrático destas representações não excluía uma larga comparticipação popular: tanto os «momos» comemorativos das núpcias da Infanta D. Leonor com o Imperador Frederico III da Alemanha (Lisboa, 1451), como os que se destinaram a celebrar as bodas do Infante D. Afonso com a princesa D. Isabel de Castela (Évora, 1490), longe de se confinarem aos salões da corte, extravasaram para as ruas da cidade, onde, conforme regista Rui de Pina, acerca dos últimos, na *Crónica de D. João II*, «muitos e bem naturais entremezes houve na praça e em outras partes pelas ruas».

Com a Renascença, o teatro recluiu-se no recinto fechado das cenas ditas «à italiana». Todavia, em Portugal, o domínio castelhano subsequente ao colapso de 1580 trouxe consigo uma fórmula intermédia, representada pelos «pátios de comédias» (dos quais o primeiro, o Pátio do Borratém, existia já em 1588), que eram recintos murados mas a céu descoberto. A partir do século XVIII e durante todo o século XIX o teatro abandonou o ar livre; e só em 1911 se assiste a uma tentativa — curiosa, mas de efémera duração — de criar, em Lisboa, um «Teatro da Natureza», por iniciativa do actor Alexandre Azevedo e do cenógrafo Augusto Pina. Escolheu-se para esse efeito o Jardim da Estrela que «se prestava com a sua sombra escura de árvores, sua penumbra discreta nos longes do cenário e um tom de velada que faz sonhar e sentir» (para citar palavras de um comentário de A. Forjaz de Sampaio); e durante o mês de Junho ali foram apresentados três espectáculos em que tomaram parte, entre outros, os actores Adelina e Aura Abranches, Bárbara Wolckart, Luz Veloso, Azevedo, Teodoro Santos: uma versão livre da *Orés-tia* de Ésquilo por Coelho de Carvalho; a *Cavalleria Rusticana* de Verga; e um programa composto por três peças em um acto de Coelho de Carvalho, Pedroso Rodrigues e Cacilda de Castro.

O longo intervalo que a esta experiência se seguiu só em 1934 foi interrompido por Amélia Rey-Colaço, que nesse ano montou com a sua companhia, no adro da Sé de Lisboa, uma adaptação moderna do *Auto de Santo António* de Afonso Álvares — primeiro elo de uma cadeia de espectáculos de ar livre cujos expoentes mais altos foram, em 1935, a representação da *Castro*, de António Ferreira no mosteiro de Alcobaça, e em 1941 do *Sonho de uma noite de Verão*, de Shakespeare no parque de Palhavã. O que acerca de um e outro destes espectáculos escreveram, respectivamente, Eduardo Scarlatti (*Em Casa de «O Diabo»*, 2.º volume) e Luís Forjaz Trigueiros (*Pátio das Comédias*), permite-nos considerá-los como acontecimentos que fizeram data na história do nosso teatro.

Em 1952 o autor deste artigo publicava, no jornal «Ler», um apelo a favor da realização entre nós de espectáculos ao ar livre: esse apelo foi escutado, e pouco tempo depois o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, sob a direcção esclarecida do professor Paulo Quintela, apresentava-se no auditório da Tapada da Ajuda com o auto sacramental de Calderón *O Grande Teatro do Mundo*. Não era, aliás, a primeira vez que este agrupamento universitário se exibia em espectáculos dessa natureza; em 1851 o castelo de Montemor-o-Velho servira-lhe de cenário a um festival vicentino (como, dez anos depois, lhe serviria à representação da *Antígona* de Sófocles). Em 1958 de novo o Teatro dos Estudantes voltou ao auditório da Tapada da Ajuda para apresentar a *Medeia* de Eurípides.

Tais espectáculos, porém, e outros afins, como os que, sob a direcção de Francisco Ribeiro, o Teatro do Povo realizou por todo o País em 1955 e 56, com obras de Gil Vicente, António Ferreira, Molière, Shakespeare e Marivaux) são excepcionais na actual conjuntura do nosso teatro; e só há motivo para lamentar que o cenário natural fornecido por tantos parques, castelos e monumentos do nosso país não sejam mais vezes aproveitados para a realização de festivais de arte dramática. Possa este anunciado espectáculo do «Piraikon Theatron» servir de incentivo e de exemplo...

LUIZ FRANCISCO REBELLO

Estará doente a literatura?

(Continuação da 1.ª página)

toda a literatura. *O Journal des «Faux-Monnayeurs»*, por exemplo, de Gide, ou *Die Entstehung des Doktor Fautus*, isto é, *O Diário do «Doutor Fausto»*, de Mann, na tradução francesa *O romance de um romance*, eis de algum modo já sintomas da doença que lavra nas letras europeias. Em todo o caso, tanto no primeiro como no segundo exemplos, mas muito particularmente no segundo, o *Diário* não precede nem sequer acompanha a criação em si. Thomas Mann, pelo menos, só escreveu o seu *Diário do «Doutor Fausto»* anos depois de concluída a obra-prima que é o romance desse nome. Talvez por isso mesmo *O Doutor Fausto* seja considerada uma das maiores obras de ficção do nosso século enquanto que *Os Moedeiros Falsos*, romance obra de André Gide, e ficção obra de Audie Gide, e ficção precursora no âmbito de uma literatura que se tornou médica de si própria, não passa de uma curiosidade literária.

É sobretudo depois da epidemia do «*nouveau roman*» que a situação se agrava e o estado do doente se torna crónico. Hoje já poucos são os escritores que dispensam o diagnóstico do seu estado ou pelo menos que confiem esse diagnóstico a médicos que não sejam eles próprios. Médico e doente tornaram-se solidários, são uma e a mesma pessoa. E se ainda há romancistas que se rebelam contra o diagnóstico que sobre a sua obra — o seu estado de saúde — proferem os filósofos e os teóricos da literatura — os médicos, portanto — é apenas por não estarem dispostos a deixar os seus créditos por mãos alheias.

Eles próprios, pseudo criadores, ou seja pseudo vivos, é que querem ter o direito de subscrever a sua própria certidão de óbito. As queixas de Nathalie Sarraute contra os filósofos e os teóricos seriam de atender, se não fossem queixas de um doente que, clinicamente morto, se julga no direito de proclamar-se vivo.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Mais forte que a ficção

(Continuação da 8.ª página)

na-se uma realidade tão próxima como a moça da tabacaria, o empregado do café que nunca tem troco, o «chauffeur» de táxi que discute com os outros automobilistas, o homem solitário que faz as palavras cruzadas à luz do néon. Habita um mundo desumanizado, mas plausível. Talvez até que uma perda de terreno, um enfraquecimento da garra habitual nos dois últimos romances de Deighton (*Billion Dollar Brain* e *An Expensive Place to Die*) se possa atribuir a este afastamento do carácter quase quotidiano, anónimo na sua normalidade, da operação de inteligência rotineira.

O romancista trabalha furiosamente e viaja por todos os locais que retrata nas suas obras. A sua mesa está literalmente coberta por montes de papelada, fichas, duas máquinas de escrever IBM eléctricas, um gravador, cinzeiros, frascos com lápis e esferográficas e reservas de lâmpadas para um candeeiro articulado que ilumina o campo de batalha. Deighton possui um Hillman em 2.ª mão, estuda história militar e é uma autoridade em gastronomia. Foi «art director» na revista *Vogue*, fotógrafo na RAF, publicitário na Madison Avenue, especialista em helicópteros. Encaixa na definição contemporânea de homem cultural e vivencialmente eclético «num tempo interessante». Os seus livros, tanto em *hard cover* como em edição de bolso, venderam-se aos milhões.

E, no entanto, a sua estrela parece declinar e as adaptações cinematográficas não tardaram a ser esquecidas. Ter-se-á cortado radicalmente e cedo demais com a efabulação, com a auréola mítica dos Bonds? Teremos ficado cegos de tanto nos aproximarmos da luz do Sol? Ficando perto do espião quotidiano, Deighton expôs-se excessivamente à concorrência dos espiões reais.

O Mundo ficou a saber, pela milésima vez, ao abrir um jornal e ler que Kim Philby, o homem de Cambridge e do Serviço Secreto Britânico, o idealista dos anos 30, o rapaz com as mesmas cores na gravata era um agente da KGB, que a realidade era mais forte do que a ficção. E depois de Philby, que poderá a imaginação dos escritores de espionagem encontrar, que irão os realizadores de cinema descobrir de mais profundamente inquietante do que a história dum homem que, servindo-se de toda a emblemática do *Establisment* e da cidadela, iniciou um trabalho frio e determinado de destruição duma fortaleza que ele próprio dizia inexpugnável. «Philby — escreveu John Le Carré — é o Felix Krull da guerra psicológica». Acreditamos que a definição se aplica. E que deixa à porta as imitações em papel celulóide — mesmo que sejam talentosas.

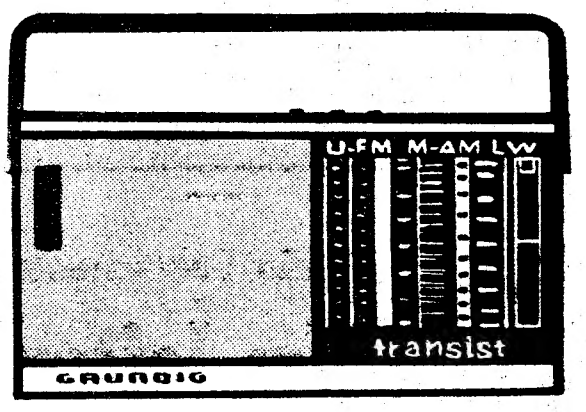
JOSÉ VAZ PEREIRA

Os livros de Len Deighton:

Horse under Water, Penguin Books
O Caso Ipcress, Portugália Editora
Funeral in Berlin, Dell Putnam
Funeral em Berlim, Portugália Editora
Billion Dollar Brain, Penguin Books
An Expensive Place to Die, Dell Putnam

Os filmes baseados na obra:

) *Caso Ipcress*, de Sidney Furie, estreado em 1965
) *Meu Funeral em Berlim*, de Guy Hamilton, estreado em 1967

transist 208
o mais jovem êxito da Grundig
99$00 com FM


ONDAS MÉDIAS - ONDAS LONGAS
FREQUÊNCIA MODULADA
GRUNDIG
Distribuidores exclusivos: Norte: Sontes, Guimarães & Oliveira, S.A.R.L. - PORTO
Sul: NACIONAL RADIO, S.A.R.L. - LISBOA

EDUARDO LOURENÇO
Um dos nossos ensaístas mais lúcidos e importantes acaba de publicar
SENTIDO E FORMA DA POESIA NEO-REALISTA
onde se analisa em termos de crítica polémica uma das fases mais discutidas da literatura portuguesa
ensaios originais sobre
CARLOS DE OLIVEIRA
JOAQUIM NAMORADO
JOÃO JOSÉ COCHOFEL
Col. «Poesia e Ensaios» / 40$00
EDITORA ULISSEIA

Aluguer sem condutor
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

/ / /
Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

DINHEIRO
PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juros da lei
RAPIDEZ E SIGILO
SONIPAL
R CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248 556580

Mais forte que a ficção

por José Vaz Pereira

«Brevemente, raparigas grandes e suaves lerão Len Deighton em voz alta nos clubes de jazz» — LIFE magazine

Os anos 60 viram o renascimento, em força, do romance e do filme de espionagem. Desde Eric Ambler e de Fritz Lang que não se conhecia tal erupção. António Pedro reflectiu algures que «a burguesia, incapaz de heróis trágicos, inventou o detective». Precisou também de saber que alguém velava por ela, que levava os seus segredos, que os fechava dentro duma pasta presa ao pulso por um cadeado: à falta de melhor, conferiu ao sr. Smith ou ao sr. Dupont a dimensão romântica de espiões, agentes secretos, aventureiros internacionais. A guerra fria perdia-se numa Europa diferente, numa confrontação superpotências doutro tipo? O romance e o filme de espionagem prolongavam-na. Berlim era uma realidade do passado, com os seus lagos, as suas mulheres de capeline, os Vopos de binóculos assestados, os seus velhos carregados de melancolia em esplanadas afluentes, a sua psicologia de ilha? Len Deighton reconstruía-a, sonambulizava-a, criava o ambiente para o regresso de Kafka. E a ambiguidade, esse rosário de *duplos*, de homens que trabalhavam do lado de cá e do lado de lá? Que garantia! relatórios diferentes acabam por ser escritos pelas mesmas pessoas.

No entanto, não há dúvida que romancistas como Len Deigton e o cinema que se lhe seguia na peugada procuraram reagir contra a facilidade do super-homem género Bond, uma espécie de hóspede permanente do Hotel Hilton, destruindo, com duas penadas, impérios do crime e ordenando, sem hesitação, pelo telefone interno, primeiros almoços suculentos. Com Deighton depara-se-nos outro personagem: atraiçoado por todos, desprovido de «fair-play» utilizado por serviços e burocratas bolorentos, inscrito na folha de pagamentos de tesourarias sovinas. Espiões que tomam Nescafé, a quem os chefes pisam os calos e suficientemente profissionais para saberem que SPECTRE só pode ser o nome dum programa de radioamadores.

Palmer, tão bem interpretado por Michael Caine em *O Caso Ipcress* e *O Meu Funeral em Berlim*, chega a ser com os seus olhos interrogadores atrás duns óculos de aros grossos, com o seu nariz adunco, as suas casquinadas desconcertantes, um homem real, um sujeito com quem nos cruzámos na rua, o importuno conhecido-desconhecido que emerge sùbitamente no bar em que estamos com a pequena para nos informar que lhe devemos 100$00 desde o 7.º ano. Pois é gente como Palmer (que *faz* os seus primeiros almoços) a quem incumbem o dirty work de prolongar a guerra fria e, de, sempre que alguém se esquece duma fronteira, lembrar aos esquecidos a sua existência.

O fracasso dos filmes (mais nitidamente em *O Meu Funeral em Berlim*) consistiu em não se atingir a equivalência cinematográfica do azedume, secura, agressividade visceral e não-senso que povoa o universo crepuscular das páginas de Deighton. A obra de Sidney Furie *(O Caso Ipcress)* deixava, contudo, transparecer uma inquietação tentacular, um ambiente de insegurança e de malignidade corrosiva em que Palmer era um peão num jogo mortal disputado por dois abutres que tomavam chá em chávenas Wedgwood azuis e brancas, redigiam memos autoritários e — supremo conforto do Serviço — tinham aquecimento no gabinete. Organizando um mundo trémulo, um universo habitado por ficheiros e por arquivistas sem rosto, registando uma mentalidade em que a «mercadoria» que se disputa e se negoceia é um ser humano, em que os mangas-de-alpaca ruminam baixezas com as raparigas da cafeteria da esquina e em que os espiões têm direito a carro mas são obrigados a prestar contas da gasolina, Furie forneceu algumas situações de tortura puramente pré-psicadélicas e um tom geral de mediocridade bocejante cortada por momentos causticos — o inevitável Palmer abatendo, com uma rajada de pistola-metralhadora, um agente americano que «tropeçara» na mesma pista. Um caso de invasão de área, como dizem os vendedores de automóveis.

Palmer em Berlim

Guy Hamilton não conseguiu transmitir a atmosfera de Deighton. Se Palmer não estivesse presente, o filme seria apenas uma produção sem sabor e sem história. De qualquer modo, a ambivalência e o cinismo militante da história perdem-se e Hamilton e o produtor Harry Saltzman entram numa análise de códigos de honra e de retórica que nada têm a ver com os ideais que já não há para enterrar em Berlim e antes ficariam bem em *Beau Geste*.

Assim se perdeu a oportunidade do encontro do cinema com os homens comuns da espionagem que tem problemas com o Nescafé e com os carimbos dos passaportes (por mais bem feita que seja a coisa). Que, ao contrário de Bond, que salta de cama em cama, se deixam enredar em histórias de mulheres que se lhes colam à vida como lapas aos rochedos. E que, sobretudo, só sabem meia verdade acerca da missão que vão desempenhar.

O agente secreto, assim, tor-

(Continua na 7.ª página)

Len Deighton no Algarve

Mário Sacramento:

Um leitor desocupado

CREIO nos valores do silêncio, como na música. Sem as pausas que impugnam ou questionam, o discurso era algaravia. Enchi o papo de leituras «inuteis», estas semanas. Não sei que fazer delas: ninguém as quer para nada, ao que me dizem. Sou um leitor desocupado, em sentido público, que no privado é o inverso que prezo. Como é tempo de férias, para os que as têm, não me parece mal isso. Ser leitor, de resto, é acumular o que ao crítico possa servir — quantas vezes por caminhos obscuros. E Herberto Helder, José Cardoso Pires e Rogério de Freitas fizeram-me boa companhia, no passeio que demos.

Não fomos ao Algarve porque Mário Ventura já lá tinha ido. E bem. A sua novela-reportagem (1) não viu amendoeiras-noivas, mas biocos negros, como ao litoral convém.

(Pausa para reabrir o livro).

Mas biocos negros, dizia. Repasso as páginas e não os vejo, afinal. A Mulher de Luto desapareceu. Vestiu as sete saias da Nazaré e tem a opacidade com que escrevo. Vende(-se) ao hóspede de Job; está algures que não é aqui. Para que falei dela, então? Estranha coisa é a leitura da ausência! Ou a escrita do que não é! Estarei eu lucido-e-triste, como o José Álvaro destes Algarves? Certo de que só farei críticas que o não são, inibido que estou para as que o seriam?

(Pausa para puxar uma fumaça).

E seriam? Das duas uma: ou a linguagem é um sistema fechado ou não é. Se é, não precisa de mim para nada: o verme que a galinha descobre, esgaravatando, não foi a pata que o pôs lá. Se não é, estou desocupado, já o declarei. O *seriam* não tem nada a ver com isso: é pura hipótese.

Que estás dizendo, então? Ah sim, que os biocos negros não existem. Mas sem eles não há turismo, homem! A paisagem é bela, mas não é única: não basta. Há biocos, portanto. Biocos invisíveis, mas biocos — fora da linguagem. Emigras: eis o que isso quer dizer, feitas as contas. Passas-te para o referente, quando é do significante que te cumpre tratar. Maldita mania a tua! Não escaramentas, alma do Diabo!

(Pausa para ver se o Morais recolheu o verbo escaramentar. Não o fez. Aí fico eu com um significante a menos, para maior ajuda!)

Dize, então, como o José Álvaro: «Esgotei todas as hipóteses de viver nesta terra, quero ganhar forças para ter a cobardia de a abandonar...» Vês como só de dizê-lo já ficaste melhor? É tão belo não-ser! E, depois, é tudo uma questão de medula, disse-o o Mailer. Puxa pela medula, homem!

(Pausa para desentupir a medula).

BANHOS de multidão: contou-me ontem um amigo que o Caraça definira assim o que faltara a um certo escritor. Mas o Algarve não é para banhos disso, se abstrairmos de que o mar é um grande viveiro. E, depois, os *mass-media* — transistorizados, popartizados, tvalienados — reduziram a literatura a um bem-pouco, que nenhuns banhos tornarão mais significativos. Vai longe o tempo em que se aguardava, com ansiedade, um folhetim de Dickens, para se saber no que aquilo dera. O circuito significante-significado, como em simitico; a redução da História a descontinuidades, a rupturas: são a consciência de que esta se faz para além do intelectual. Lê-se mais? Lê. Mas o prelo já não tem as correias de transmissão que tinha nos últimos séculos, para a máquina do mundo. A oralidade retomou a sua força de primeiro sinal. E a semiótica comunicativa abrange um leque em que a palavra escrita faz figura de parente pobre.

Para lá dos condicionalismos locais, a problemática do jornalista em crise-de-consciência, que Mário Ventura focou neste livro, tem um alcance próprio. Ele não é já, como homem da pena, um correio sequer. O som e a imagem chegam antes dele. Ou, se não chegam, erguem uma barreira intransponível: «José Álvaro fica muito tempo em frente da folha branca mas não chega a escrever uma palavra daquilo que está a pensar».

(Pausa para reler o que não escrevi).

Não obstante, é disso também que *O Despojo dos Insensatos* se entretece. Ou disso, sobretudo, no que expende o subentende: o

MÁRIO VENTURA

resto é cascalho arenoso em que os pés se ferem. A obsessão do presente é futuro que não vejo. Nem se prevê. A novela é soliloquio sem multidão para banhos, a despeito da que perpassa. Uma vidraça separa-nos dela. E das próprias personagens que, simples referências mentais, não se diferenciam quando falam. Coexistem-se, standardizadas em cosmorama ou em povo.

Livro claro, não obstante. Tão claro, que só obscuramente o digo.

(Pausa para desocupar).

MÁRIO SACRAMENTO

(1) *O Despojo dos Insensatos* por Mário Ventura (Bertrand).